

Será o "fim dos tempos"?



Apocalipse:

autoria, advento e a
identificação da besta

Paulo Neto

Apocalipse:

autoria, advento e a identificação da besta

(Versão 7)

“[...] a força retórica de um argumento jamais deve ser confundida com as realidades práticas que comprometem sua lógica [...]” (BART D. EHRMAN, *Evangelhos Perdidos*)

“[...] os Espíritos superiores querem que o nosso julgamento se aperfeiçoe em discernir o verdadeiro do falso, o que é racional daquilo que é ilógico.” (ALLAN KARDEC, *Revista Espírita 1862*)

“[O Espiritismo] [...] é uma doutrina liberal, emancipadora da inteligência, inimiga da fé cega, que vem proclamar a liberdade de consciência e o livre-exame como base essencial de toda crença séria. [...]” (ALLAN KARDEC, *Revista Espírita 1868*)

Paulo Neto

Copyright 2019 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

[http://4.bp.blogspot.com/-RbHQInONeek/
T9PPYs_MYVI/AAAAAAAAAgs/GpS8FAkYHtU/s1600/
apostolo_joao_em_patmos.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-RbHQInONeek/T9PPYs_MYVI/AAAAAAAAAgs/GpS8FAkYHtU/s1600/apostolo_joao_em_patmos.jpg)

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes
Thiago Toscano Ferrari

Diagramação:

Paulo Neto
site: www.paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, setembro/2019.

Índice

Prefácio.....	4
Apresentação.....	8
Introdução.....	11
No Antigo Testamento.....	25
No Novo Testamento.....	49
O designado Apocalipse de João.....	75
Quem foi o autor do Apocalipse?.....	87
Do que trata o gênero literário apocalíptico?.....	105
Considerações sobre algumas passagens.....	129
O que a crítica bíblica teria a dizer?.....	140
Identificação da Besta: a quem se refere o nº 666?.....	156
Considerações de Allan Kardec.....	172
Conclusão.....	182
Referências bibliográficas.....	192
Dados biográficos do autor.....	198

Prefácio

Ao ser convidado a prefaciá-la esta obra, antes mesmo de começar a lê-la refleti bastante no significado da palavra “Apocalipse”. Tendo estudado em colégios batistas e católicos na minha infância e tendo conhecido o Espiritismo na juventude eu já tinha uma ideia preconcebida do tema em questão. Sim, mas para mim não era suficiente só minha concepção sobre o assunto, eu precisava saber o que será que a população em geral acha que significa esse termo Apocalipse. De qual sentimento as pessoas são tomadas ao ouvir essa palavra?

Para responder minha indagação comecei a fazer essas mesmas perguntas às pessoas ao meu redor. Jovens, adultos e idosos. Fiz questão de conversar com pessoas de todos os credos e também com agnósticos. O resultado dessa pequena pesquisa foi uma grande “revelação” para mim. A vasta maioria dos entrevistados me respondeu que Apocalipse “é o final do mundo”, “o final dos tempos”, “a volta de Jesus”.

Naquele momento não me preocupei mais com a origem etimológica do termo Apocalipse. Nem ao menos com o que diziam Aurélio, Michaelis e Houaiss me importei. Minha preocupação era com o medo que a maioria das pessoas apresentava todas as vezes que eu dizia que estava fazendo uma pesquisa sobre o termo “Apocalipse”.

Envolto nesse estado de espírito comecei minha leitura desse livro que agora você também inicia a leitura. Posso te adiantar que essa obra quebrará muitos paradigmas e conceitos incompletos que todos temos. A verdade dói, mas ao conhecê-la e estudá-la estamos no caminho da libertação. É fato que para a maioria de nós de formação cristã, sejamos católicos, evangélicos, ou espiritualistas os livros que compõe a Bíblia sempre foram considerados como livros sagrados e fomos ensinados desde tenra idade a respeitá-los e aceitá-los sem discussão.

Mas paremos um minuto para pensarmos. Todas as vertentes cristãs possuem seus teólogos, estudiosos e grupos de estudos bíblico, certo? Então é hora de nós também respeitosa e analisarmos

os textos bíblicos com análise crítica.

Essa obra que tens em mão (ou na frente de uma tela) se propõe exatamente a isso. Vamos juntos navegar nesses mares de conhecimento.

Paulo Neto, o autor, não se coloca como “capitão da embarcação” e sim como um “marinheiro” como todos nós desbravando juntos esse oceano. Ele nos apresenta um trabalho fruto de extensa pesquisa, fato esse comprovado pelas centenas de citações retiradas de dezenas de referências bibliográficas enumeradas no final do livro.

Grandes mistérios sobre o Apocalipse se descortinarão sobre seus olhos durante a leitura desse livro.

- Será que o Apocalipse foi escrito para a geração de Jesus ou para nossa geração atual?

- O Apocalipse foi escrito por João Evangelista ou talvez por outro personagem bíblico, ou quiçá por alguém desconhecido?

- E a famigerada besta do Apocalipse, quem

será ela: Nero, Roma, Vigário Geral, Teitan?

- E o assustador número 666, o que será que significa isso?

Todas essas respostas e muitas outras serão brilhantemente respondidas nessa obra. Continuemos todos em busca da verdade, do conhecimento e trilhando juntos o caminho que Jesus nos mostrou.

Felipe Lúcio da Silva Neto

Apresentação

O Paulo Neto é um conhecido e respeitado estudioso dos assuntos espíritas, com várias obras publicadas e de grande sucesso. Nos brinda agora com esta primorosa obra e nos honrou com sua solicitação para apresentar a você, caro leitor, este rico material.

Ao iniciar a leitura deste livro (e-book) do Paulo Neto, imediatamente me veio à mente uma enxurrada de pensamentos que me remetiam ao início de minha adolescência, quando as descobertas nos faziam viajar notadamente no mundo das imaginações e não raras vezes, mergulhando em trevas que nos metiam muito medo.

Lembro como se fosse hoje, que tremia debaixo do cobertor, sem coragem de acender a luz, porque não poderia revelar ao meu irmão, companheiro de quarto e de cama, minha atitude “covarde”.

O tempo foi passando, e minha querida mãe e

também tios, em diálogos maravilhosos à mesa do café, faziam observações fortes sobre acontecimentos da época, sempre dizendo: “É o fim do mundo”, “O mundo está acabando”, “Nada tem mais para acontecer” ou “O homem se perdeu de vez e Deus manda estes acontecimentos para acabar com a terra e com o mundo.”

Continuava imaginando se de fato era verdade. Senão vejamos: Grandes enchentes, tragédias em várias partes do mundo, com milhares de mortes. Pais que matam filhos e assim por diante...

Pois bem. O tempo foi passando e já adulto, continuei a perceber as manifestações das pessoas, inclusive nós mesmos, diante das grandes tragédias: Terremotos, tsunamis, grandes tragédias aéreas, terrorismo, brigas entre nações, briga entre raças, ódios...

Anúncios do Fim do mundo são propalados constantemente, inclusive com datas previstas.

E agora? O que fazer? É verdade. É mentira? Mas a Bíblia tem estes registros. Ficamos perdidos e sem entendimento.

Enfim...

Olha... Leia o livro. Estas e outras questões são levantadas e explicadas de maneira bem racional e didática. Certamente trará a você uma luz bem clara do entendimento acerca deste tema.

Assim, entrego este livro a você, caro leitor, porque espero que no final possa dizer com confiança: **Eu agora entendi realmente sobre a questão “O FIM DOS TEMPOS ESTÁ PRÓXIMO?”**

Hélcio Pedras

Introdução

“Nós temos uma tendência à inércia mental, a nos fixarmos em dogmas, em princípios tradicionais e a permanecermos, por assim dizer, enleados nesses princípios sem conseguirmos avançar na compreensão real das coisas.” (J. Herculano Pires)

Uma vez que é comum escutarmos que na Bíblia existem profecias a respeito do fim dos tempos, ou seja, o terrível “fim do mundo” época em que supostamente Deus fará o julgamento tanto dos seres vivos quanto dos mortos, a pergunta inicial que, naturalmente, surge é: será que esse dia está próximo?

Ademais, não conseguíamos ver lógica alguma em profecias cujos fatos aconteceriam em época futura, na qual todos os que ouviram o profeta já estariam mortos. Não havia, ninguém para comprovar que ele teria acertado a previsão.

Para o esclarecimento do que sejam as profecias, recorreremos ao escritor Tom Harpur

(1929-2017), ex-pastor anglicano, professor de grego e Novo Testamento na University of Toronto, que, em **O Cristo dos Pagãos**, afirma:

[...] As profecias hebraicas, é preciso lembrar, não diziam respeito a predizer, profetizar, vaticinar, prognosticar, prenunciar, pressagiar, mas **a projetar (isto é, estavam relacionadas com os problemas imediatos)**. [...]. ⁽¹⁾ (itálico do original) (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

E, em **Transformando Água em Vinho**, Tom Harpur arremata categórico: “[...] O fim dos tempos não era um acontecimento distante (por exemplo, dois mil anos depois), mas algo imediato”. ⁽²⁾ Um pouco mais à frente, informa que:

[...] **Orígenes**, o grande estudioso da Bíblia e teólogo de Alexandria, no Egito, **critica redondamente a tolice do que leem de maneira estritamente literal as passagens das Escrituras sobre o fim dos tempos ou o Juízo Final**. [...]. ⁽³⁾

Em relação ao suposto fim dos tempos, o livro da Bíblia mais citado é o **Apocalipse**, constante do

Novo Testamento. A nosso ver, esse termo acabou perdendo o seu significado primitivo. O **Dicionário Houaiss** nos informa que:

ETIM lat.tar. **apocalypsis, is**, do gr. **apokalúpsis, eós** “ato de descobrir, descoberta; revelação”; no Novo Testamento “revelação divina”, de **apkalúptó** “desmascarar, forçar a falar; fig. revelar”. Atualmente, dentro do contexto que estamos trabalhando, significa: “s.m. 1 REL qualquer dos antigos escritos judaicos ou cristãos (esp. o último livro canônico do Novo Testamento, atribuído a são João) que contém revelações, em particular sobre o fim do mundo, e apresentadas, quase sempre, sob a forma de visões”.

Na prática, quando fazem alusão ao Apocalipse, estão, quase sempre, se referindo ao fim do mundo, ou seja, o que se supõe como conteúdo do livro, passou a ser o sinônimo do título do livro.

Dizemos assim, porque, ao final deste estudo, perceberemos que o que acreditam ter esse livro, na verdade, não é o que podemos encontrar nele.

Inclusive, na atualidade a autoria desse livro é questionada pelos exegetas e teólogos; mas, numa visão menos pragmática, podemos perceber que é

pouco provável que, em condições normais, João, o apóstolo filho de Zebedeu, tenha sido o seu verdadeiro autor.

Baseando-nos na informação bíblica de que, tanto Pedro quanto ele, eram indivíduos incultos e iletrados (Atos 4,13), e até mesmo porque eram simples pescadores (Mateus 4,18-22), daí fica muito difícil aceitar tais escritos como dele.

Apesar disso, várias passagens de Apocalipse dão conta de que ele foi orientado a escrever (Apocalipse 1,11.19; 2,1.8.12.18; 3,1.7.14; 4,1; 14,13; 19,9; 21,5), criando, aparentemente, um impasse.

Mas isso, na prática, não impede dele mesmo ter escrito, porquanto sabemos que há médiuns completamente iletrados que, por influência espiritual, escreveram belas mensagens, muitas das quais, reconhecidamente, acima do seu nível intelectual.

Por outro lado, se pelo livro Apocalipse, temos informação de que foi o próprio João quem escreveu, isso nos leva a admitir que a única possibilidade de

isso ter acontecido seria na situação dele ter agido como um médium de psicografia.

Para que você, caro leitor, tenha informações mais precisas sobre o questionamento da autoria, mais à frente apresentamos as opiniões de estudiosos, que deixará os defensores da inspiração divina da Bíblia em maus lençóis.

Os livros de Ezequiel, Zacarias e Daniel, também são considerados como apocalipses. Há algo comum entre eles e o atribuído a João, como a seguir faremos notar.

É certo que os judeus foram dominados por várias nações, eis as que nos interessam, que tomamos do artigo “Etapas da História de Israel”, de autoria de Nilo Luza, publicado no site da [Paulus](#): (4)

País/povo	Período histórico	Profeta/autor
Babilônia	587-538 a.C.	Ezequiel
Pérsia	538-333 a.C.	Zacarias
Gregos	333-165 a.C.	Daniel
Romanos	63 a.C.- séc. 4º d.C.	João Evangelista

Vejamos, por oportuno, na **Bíblia Sagrada - Pastoral**, algo a respeito desses profetas citados:

a) **Zacarias**

A primeira parte do livro, composta dos capítulos 1 a 8, contém os oráculos do **profeta Zacarias, contemporâneo de Ageu (520 a.C.)**. É uma época em que a comunidade judaica procura reconstruir as suas bases de fé e vida social. Sofrendo ainda a amarga provação de **um domínio estrangeiro**, o povo sente-se desencorajado e pergunta: “Deus ainda está presente em nosso meio?” Zacarias, em oráculos e visões, mostra que Deus continua aí para realizar o seu projeto através da comunidade. O profeta reanima a esperança de um povo que passa por grandes dificuldades materiais e dúvidas de fé e que, por isso, é levado à resignação passiva. **Zacarias estimula os compatriotas a arregaçarem as mangas para construir o Templo, símbolo da fé e unidade nacional**. Ao mesmo tempo, de maneira realista, incentiva a formação de um novo quadro político, centrado no leigo Zorobabel e no sacerdote Josué.

A segunda parte, formada dos capítulos 9 a 14, **foi escrita no período em que os gregos dominavam a Palestina, depois da grande campanha de Alexandre Magno (333 a.C.)**. O autor olha para o futuro do povo de Deus. Anuncia também o aparecimento do Messias com três características: rei (9,9-10), bom pastor (11,4-17 e 13,7-9) e “transpassado” (12,9-14). [...]. ⁽⁵⁾

É fácil a qualquer leitor perceber que a segunda parte do livro de Zacarias não foi escrita pelo mesmo autor da primeira, pois o período de tempo entre elas foi de aproximadamente 187 anos.

b) **Ezequiel**

O profeta Ezequiel exerce sua atividade entre os **anos de 593 a 571 a.C.** Sacerdote exilado em Babilônia com uma parte do seu povo. , ele anuncia aí as sentenças de Deus. A comunidade, em meio à qual ele vive, acredita que em breve tudo voltará a ser como antes. Assim para ela o projeto de Deus era mero sistema que lhe dava segurança. **Ezequiel, no entanto, sabe que o sistema passado está agonizando de maneira irrecuperável: Jerusalém será destruída!** Segundo ele, a sociedade que ainda resiste sofre de doença crônica e sem cura: abandonando o projeto de Javé, submeteu-se diante daqueles que lhe ofereciam vida luxuosa e fascinante. Por isso, Ezequiel vê o próprio Deus deixando o Templo (11,22-24) e largando os rebeldes ao bel-prazer dos “amantes” (6)

c) **Daniel**

O livro de Daniel é um escrito apocalíptico. Surge no século II a.C., quando a comunidade está sendo perseguida e em crise. É a **época que o rei**

Antíoco IV quer acabar com a cultura, costumes e religião dos judeus, e por isso persegue quem não se sujeita aos padrões e costumes da cultura grega, que ele quer introduzir. [...]. (7)

d) **Apocalipse de São João (?)**

A dominação romana e a religião imperial. No tempo do **imperador Nero (54-68 d.C.)**, os cristãos foram perseguidos pela primeira vez, mas só em Roma e não por causa da fé. Era tempo de decadência, e a autoridade do imperador estava seriamente abalada. Para reafirmar-se, o **imperador Vespasiano (69-79 d.C.)** criou a religião imperial, isto é, o culto aos imperadores mortos, além de atribuir a si mesmo títulos divinos, como “salvador”, “benfeitor”, “senhor”. **Domiciano (81-96 d.C.)** foi imperador tirano e, para manter o império unido, impôs essa religião imperial a todos os povos dominados, exigindo inclusive o culto ao imperador vivo. Quem recusasse tal culto, era considerado inimigo, e por isso perseguido e morto. (8)

Todos esses personagens – Zacarias, Ezequiel, Daniel e João (?) – viviam em um momento político muito conturbado para o povo judeu, uma vez que estava subjugado por nações estrangeiras.

Na “Introdução” ao Apocalipse constante da

obra **O Novo Testamento Interpretando Versículo por Versículo - Vol. 6**, Russell Norman Champlin (1933-2018), esclarece-nos:

No que concerne à atividade literária judaico-cristã, pode-se identificar **o período dos escritos apocalípticos entre 165 A.C. e 120 D.C.** Essa literatura **antecipa o fim de um ciclo histórico**, a saber, o ciclo judaico, o que se daria em meio a dores severas, antes do nascimento da era cristã. Os “apocalipses” cristãos refletem o desapontamento dos discípulos de Cristo por não ter-se materializado o Reino de Deus em sua própria época. E esse desapontamento foi apenas natural, e se pensou que os acontecimentos que sempre foram tomados como necessários na inauguração do reino deveriam ser transferidos para outra época, o tempo da “volta” de Jesus Cristo, não mais sendo atribuídos ao seu “primeiro advento”. Isso preencheu um vácuo psicológico, pois manteve os homens na “esperança” no estabelecimento do reino. No entanto, não há razão para crermos, meramente porque **esse tipo de literatura cumpre uma necessidade psicológica**, que as profecias contidas em nossos apocalipses bíblicos (**os livros de Daniel e de Apocalipse**) não sejam válidas.

Os apocalipses judaicos foram escritos na época de Antíoco Epifânio e posteriormente, acompanhando **as perseguições que houve naquele período histórico**. Essa literatura apocalíptica **teve a finalidade de dar aos homens**

a “esperança quanto ao futuro”, estando eles a passar por um presente difícil. Essa esperança contemplava particularmente o livramento através do vindouro Messias, bem como através do estabelecimento de seu reino. Pode-se ver facilmente que, tal como no caso dos apocalipses cristãos, **a literatura apocalíptica judaica conservava a necessidade psicológica de “saltar por cima” de um presente difícil, a fim de levar os homens a terem esperança e fé firme de que se cumpriria uma nova era de vitória** e realizações espirituais, embora isso não dispensasse grande agonia. Também é verdade que apesar da atividade da literatura apocalíptica nunca ter-se tornado uma questão central no judaísmo, e apesar que a maioria dos rabinos judeus a essencialmente, contudo, esses escritos serviram ao seu propósito; e embora nunca tivessem ganho posição canônica, não há razão para supormos que não há ali certo discernimento quanto ao futuro, misticamente intuitivo, apesar de não ser diretamente inspirado pelo Espírito do Senhor.

Em contraste com isso, o espírito apocalíptico dominava a igreja primitiva. Mas essa era melhor não haverá de iniciar-se senão através da morte agonizante e terrível da antiga era, e a literatura apocalíptica é, essencialmente, a descrição dessa morte febricitante, com descrições adicionais do glorioso nascimento da nova era, que se seguirá.

A literatura apocalíptica, pois, tem um “propósito presente”. Os fiéis necessitam de força espiritual para passar pelas aflições,

desapontamentos e pressões desta era ímpia em que vivemos. Serão mais capazes disso se puderem antever a vitória, a qual, finalmente, reverterá os terrores do momento presente. Os escritos apocalípticos prometem que **os adversários de Deus não escaparão ao juízo por causa daquilo que fizeram,** por seus feitos ímpios que praticaram. Além disso, promete que aquilo contra o que os perversos se têm oposto, **o governo de Deus sobre a terra, eventualmente se cumprirá, a despeito deles.** Outrossim, promete que até mesmo muitos daqueles que se têm oposto a isso, **através dos juízos haverá de reconhecer a mão de Deus na história,** acolhendo a seu Cristo como Senhor deles. ⁽⁹⁾

O jornalista espanhol Pepe Rodríguez, em ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada***, esclarece-nos:

Relativamente ao Apocalipse ou Revelação (que, na realidade, são termos sinónimos), importa salientar que se trata de um **livro que pertence a um género específico de escritos judaicos, chamados apocalípticos, que estiveram muito em voga por volta de 160 a.C.** e que se caracterizam pelo fulgor das suas visões e pela simbologia utilizada nos seus relatos. **Esta simbologia é, aliás, de origem babilónica e persa.** Acontece, contudo, que **os redactores judeus foram levados a ampliar e a adaptar**

esses símbolos para os poder utilizar no contexto monoteísta e messiânico peculiar em que viviam. Era um tipo de literatura que, muitas vezes, servia para conferir força dramática a factos ocorridos (ou que ainda estavam a acontecer) e igualmente para revestir de uma linguagem profética ocorrências ainda por sobrevir. (10)

Dentro da linha de pensamento dos autores Russell Champlin e Pepe Rodríguez podemos perceber que os apocalipses nada mais foram que uma “revelação” para um futuro próximo dos interlocutores, no qual seriam libertados de seus dominadores, nada, mas absolutamente nada, insistimos, para um futuro longínquo. Eis os fatos...

Por oportuno, traremos também a opinião de José Herculano Pires (1914-1979), que cabe muito bem aos espíritas. Ela consta da obra **No Limiar do Amanhã: Conversa sobre a Bíblia + Os Evangelhos, o Espiritismo**, organizada por Wilson Garcia, que contém as respostas do jornalista aos ouvintes do programa “No Limiar do Amanhã”, transmitido pela Rádio Mulher de São Paulo, no período 1970 a 1974:

O ensino moral do Cristo foi minuciosamente estudado em *O Evangelho segundo o espiritismo*. O trecho citado aqui pertence ao Apocalipse. O Apocalipse, último livro do Novo Testamento, não faz parte do Evangelho. **Não é um livro de ensinamento moral, de ensinamento espiritual.** É um livro de profecias. Como sabemos, nesse livro atribuído ao evangelista João, há muitos símbolos. São alegorias que precisam ser interpretadas para compreendermos seu sentido. **Há muita discussão em torno do Apocalipse e não podemos querer interpretá-lo ao pé da letra**, porque essa interpretação nem é possível. Quando tratamos de profecias simbólicas, como a desse livro, **é preciso conhecermos as regras necessárias para sua interpretação e também a história do livro – como e quando foi escrito, a quem se dirigia, qual seu significado histórico.**

Nada disso é fácil para pessoas sem um aprofundado estudo do nascimento e desenvolvimento do cristianismo em sua história na Terra. Esse é um assunto para **especialistas em história cristã**. É assunto que vem sendo tratado desde as obras de Renan até as obras atuais de pesquisadores universitários em todo mundo. Vem sendo tratado como problema difícil de ser interpretado e esclarecido. **Segundo os maiores especialistas, o Apocalipse era uma profecia dirigida principalmente aos judeus e se referia à queda do Império Romano. Apesar disso**, como é uma profecia bastante profunda em seu simbolismo, ela continua figurando nos Evangelhos e **muita gente procura aplicá-la aos**

nossos dias. Como em quase todas as profecias simbólicas, **aplicá-la a nossos dias é possível, mas não é exata.** Assim, **deve-se por de lado o Apocalipse.** Pode-se ler esse livro, mas **não queira aplicá-lo à atualidade, nem o interpretar como ensinamento dirigido àqueles que seguem o Evangelho de Cristo.** O Evangelho de Cristo está nos quatro Evangelhos. **No texto desses Evangelhos estão os ensinamentos morais e espirituais necessários à conduta cristã na Terra. O Apocalipse não trata disso,** trata de profecias que precisam ser decifradas e esclarecidas por pessoas que disponham de conhecimentos para isso. ⁽¹¹⁾

Eis aí, uma posição clara e objetiva, que apesar de o autor generalizar para todos os estudiosos da Bíblia, queremos restringi-la apenas aos espíritas.

A nossa intenção no próximo capítulo é fazer um estudo a respeito dessa questão sobre o fim dos tempos, iniciando pelo Antigo Testamento para culminar com o *Apocalipse*, último livro do Novo Testamento.

No Antigo Testamento

O povo hebreu, ao longo dos tempos, manteve gravado na memória estas palavras atribuídas a Deus e ditas a Moisés:

Êxodo 6,7: “Tomar-vos-ei por meu povo, e serei o vosso Deus. E vós sabereis que eu sou Iahweh vosso Deus, que vos faz sair de sob as corveias dos egípcios.”

Esse teor deu origem ao pensamento dos hebreus em se julgarem o “povo eleito” de Deus. Deus que, como deixa-nos transparecer por essa e inúmeras outras passagens, mais parece ser um deus tribal.

Quantos povos foram dizimados por ele, para que os hebreus fossem favorecidos? Denotando, indiscutivelmente, ser um comportamento próprio para um deus tribal mesmo, uma vez que não se coaduna, de forma alguma, com uma atitude do ser que é o Criador de todo o Universo. Temos absoluta certeza de que Ele não faria isso de jeito nenhum.

Mas exigir daquele povo uma compreensão mais elevada de Deus, seria pedir muito, não é mesmo?

É do conhecimento de todos nós que os hebreus viviam em meio a povos que adoravam inúmeros deuses; todos eles, segundo pensavam, protegiam aos que os escolhessem para ser o seu deus. Assim, é perfeitamente aceitável tal ideia para aquela época.

A nossa percepção é que os hebreus sempre conviveram com a expectativa de que o seu deus fosse acabar com todos os outros deuses, já que o consideravam o Todo-Poderoso. O “Senhor dos Exércitos”, sem piedade, eliminaria todos os povos, para que os hebreus se apossassem de seus territórios. Nesse dia, seriam julgados os que adoravam aos outros deuses, ou seja, os ímpios. Seria a glória de Israel, como o povo eleito.

Dentro dessa perspectiva, invariavelmente todos os profetas do Antigo Testamento tinham suas revelações voltadas para essa supremacia do povo hebreu. E como Deus o escolheu, o certo é que faria

tudo para demonstrar essa predileção. Quando ele se afastava de Deus, aparecia um profeta com a missão de reconduzi-lo ao caminho traçado por Deus através de variados castigos.

É por isso que, várias vezes, aparece a expressão “*Dia de lahweh*”, como sendo um dia de julgamento de todos os povos. Como, na atualidade, esse dia, está impropriamente, a nosso ver, associado ao final dos tempos, devemos colocar os textos que fazem referência a ele. Tentaremos colocá-los não na ordem bíblica, mas na do ministério de cada um dos profetas.

Para isso, tomaremos como fonte a ***Bíblia de Jerusalém***, que nos traz a evolução do conceito sobre esse dia:

Israel, confiante em sua prerrogativa de povo escolhido (Dt 7,6+), espera intervenção de Deus, que só pode ser favorável. O profeta opõe a este esperado ‘Dia de lahweh’ a **concepção profética do ‘Dia de lahweh’, dia de ira** (Sf 1,15; Ez 22,24; Lm 2,22) **contra Israel endurecido em seu pecado: trevas, lágrimas, massacres, terror** (Am 5,18-20); 2,16; 8,9-10.13; Is 2,6-21; Jr 30,5-7; Sf 9,14-18, cf. Jl 1,15-20; 2,1-11). **Todos esses textos mostram a ameaça de invasão**

devastadora (assírios, caldeus). Durante o exílio, o ‘Dia de lahweh’ torna-se objeto de esperança; a **ira de Deus volta-se contra todos os opressores de Israel:** Ab 15; Babilônia: Is 13,6.9; Jr 50,27; 51,2; Lm 1,21; Egito: Is 19,16; Jr 46,10.21; Ez 30,2; Filisteia: Jr 47,4; Edom: Is 34,8; 63,4. Este dia marca, portanto, a restauração de Israel, já em 9,11, também em Is 11,11; 12,1; 30,26; cf. Jl 3,4; 4,1. **Depois do exílio, o ‘Dia de lahweh’ tende a tornar-se “juízo” que assegura o triunfo dos justos e a ruína dos pecadores** (Ml 3,19-23; Jó 21,20; Pr 11,4) em perspectiva claramente universalista (Is 26,20-27,1; 33,10-16. Cf. tb. Mt 24,1+) – Sobre os sinais cósmicos que acompanham o Dia de lahweh (cf. Am 8,9+). ⁽¹²⁾

Vejamos, então os textos:

Amós 5,18-20: “*Ai daqueles que desejam o dia de lahweh! Para que vos servirá o dia de lahweh? Ele será trevas e não luz. Como alguém que foge de um leão, e um urso cai sobre ele! Ou que entra em casa, coloca a mão na parede e a serpente o morde! Não é o dia de lahweh trevas e não luz? Sim, ele é escuridão, sem claridade!*”

As informações que levantamos sobre o profeta Amós, nos dizem que, o que consta dessa narrativa, se trata apenas da realidade em que ele

vivia. Os tradutores da **Bíblia de Jerusalém**, contam-nos ainda que:

Amós era pastor em Técuá, nos limites do deserto de Judá; alheio às confrarias de profetas, foi tomado por lahweh de trás do seu rebanho e enviado a profetizar a Israel. Após um curto ministério que teve como ambiente principal o santuário cismático de Betel e foi exercido provavelmente também em Samaria, foi ele expulso de Israel e retomou suas ocupações anteriores.

Prega no reinado de Jeroboão II (783-743 a.C.), época gloriosa, humanamente falando, em que o reino do Norte se estende e se enriquece, mas na qual o luxo dos grandes insulta a miséria dos oprimidos, e na qual o esplendor do culto disfarça a ausência de uma religião verdadeira. Com a rudeza simples e altiva e com a riqueza de imagens dum homem do campo, Amós condena em nome de Deus a vida corrupta das cidades, as injustiças sociais, a falsa segurança posta em ritos, nos quais a alma não se compromete. **lahweh**, soberano Senhor do mundo, que castiga todas as nações, **punirá duramente a Israel**, obrigado por sua eleição a uma justiça moral maior. O “Dia de lahweh” (a expressão aparece aqui pela primeira vez) será trevas e não luz, **a vingança será terrível, executada por um povo que Deus chama; trata-se da Assíria**, que não é mencionada, mas ocupa o horizonte do profeta. Todavia Amós abre uma pequena esperança, a

perspectiva duma salvação para a casa de Jacó, para o “resto” de José (5,15: primeiro uso profético deste termo). (13)

Assim, podemos perceber que, no presente caso, o “*Dia de lahweh*” era o dia do julgamento do povo hebreu que Deus faria àquela época; ele, o profeta, não se refere, portanto, a nenhum julgamento futuro, para um suposto fim dos tempos.

Isaías 2,1-6: *“Visão que teve Isaías, filho de Amós, a respeito de Judá e de Jerusalém. **Dias virão** em que o monte da casa de lahweh será estabelecido no mais alto das montanhas e se alçará acima de todos os outeiros. A ele acorrerão todas as nações, muitos povos virão, dizendo: ‘Vinde, subamos ao monte de lahweh, à casa do Deus de Jacó, para que ele nos instrua a respeito dos seus caminhos e assim andemos nas suas veredas.’ Com efeito, de Sião sairá a Lei, e de Jerusalém, a palavra de lahweh. **Ele julgará as nações**, corrigirá muitos povos. Eles quebrarão as suas espadas, transformando-as em relhas, e as suas lanças, a fim de fazerem podadeiras. Uma nação não levantará a espada contra a outra, e nem se aprenderá mais a fazer guerra. Casa de Jacó, vinde, andemos na luz de lahweh! Com efeito, tu rejeitaste **o teu povo**, a casa de Jacó,*

porque ele **desde tempos antigos está cheio de adivinhos**, como os filisteus, no seu meio há muitos filhos de estrangeiros.”

Lemos a seguinte explicação:

O profeta Isaías nasceu por volta de 765 a.C. Em 740, ano da morte do rei Ozias, ele recebeu, no Templo de Jerusalém, sua vocação profética, **a missão de anunciar a ruína de Israel e Judá como castigo das infidelidades do povo**. Exerceu o ministério durante 40 anos, dominados pela ameaça crescente que a Assíria fazia pesar sobre Israel e Judá. ⁽¹⁴⁾

Em outras palavras, também é fato da época, não sendo, portanto, para um futuro longínquo.

Na **Bíblia Sagrada - Barsa**, vemos que relacionam esse tempo com algo fora do contexto:

Nos últimos dias: todo o período do N.T., desde a vinda do Cristo até o fim do mundo, é chamado na S. Escritura ‘os últimos dias’ porque depois dele não virá outro tempo, mas só a eternidade. ⁽¹⁵⁾.

Ora, essa explicação foge completamente da realidade, numa interpretação moldada àquilo que o autor acreditava, ou seja, no julgamento final, que

ocorrerá no suposto fim do mundo.

Miqueias 4,1-3: *“E acontecerá, **no fim dos dias**, que a montanha da casa de lahweh estará firme no cume das montanhas e se elevará acima das colinas. Então, povos afluirão para ela, virão numerosas nações e dirão: ‘Vinde, subamos a montanha de lahweh, para a Casa do Deus de Jacó. Ele nos ensinará os seus caminhos e caminharemos pelas suas vias. Porque de Sião sairá a Lei, e de Jerusalém a palavra de lahweh’. **Ele julgará entre povos numerosos** e será o árbitro de nações poderosas. Eles forjarão de suas espadas arados, e de suas lanças, podadeiras. Uma nação não levantará a espada contra outra nação e não se prepararão mais para a guerra.”*

Coerentemente nos informam que: “Estes três versículos encontram-se quase textualmente em Is 2,2ss” (16). A questão é: quem copiou de quem?

Para completar e reforçar os nossos argumentos, colocamos a seguinte nota constante na **Bíblia de Jerusalém**:

[...] Exerceu sua atividade durante os reinados de Acaz e Ezequias, isto é, antes e depois da tomada de Samaria em 721 e talvez até da invasão

de Senaquerib em 701. Foi, portanto, em parte, contemporâneo de Oseias e, por mais tempo, de Isaías.

Nada sabemos da vida de Miqueias, nem como ele foi chamado por Deus. Mas tinha viva consciência de sua vocação profética e é por isso que, à diferença dos pseudoinspirados, anuncia com segurança a desgraça. É portador da palavra de Deus a qual é antes de tudo uma condenação. Iahweh instaura o processo do seu povo e acha-o culpado: pecados religiosos, sem dúvida, mas sobretudo faltas morais, e Miqueias fustiga os ricos açambarcadores, os credores sem compaixão, os comerciantes fraudulentos, as famílias divididas, os sacerdotes e os profetas gananciosos, os chefes tirânicos e os juízes venais. [...] **O castigo está decidido: no meio duma catástrofe mundial, Iahweh virá julgar e punir seu povo; anuncia-se a ruína de Samaria, a das cidades da Planície em que vive Miqueias, e até mesmo a ruína de Jerusalém, que se transformará num montão de escombros.** ⁽¹⁷⁾

Logo, as preocupações de Miqueias estão relacionadas aos acontecimentos do seu dia a dia; portanto, ele não se refere a uma profecia para dias futuros.

Sofonias 1,2-7: ***“Vou, na verdade, suprimir tudo da face da terra, oráculo de Iahweh. Suprimirei homens e gado, suprimirei os***

pássaros do céu e os peixes do mar, farei tropeçar os perversos e **aniquilarei os homens da face da terra**, oráculo de lahweh. Contra o culto dos deuses estrangeiros Estenderei a minha mão contra Judá e contra todos os habitantes de Jerusalém, aniquilarei deste lugar o resto de Baal, o nome dos sacerdotes dos ídolos, os que se prostram nos telhados diante do exército dos céus, os que se prostram diante de lahweh, mas juram por Melcom, os que se afastam de lahweh, que não procuram a lahweh nem o consultam. Silêncio diante do Senhor lahweh, pois **o dia de lahweh está próximo!** Sim, lahweh preparou um sacrifício, ele santificou os seus convidados.”

Sofonias 1,14-18: **“Está próximo o grande dia de lahweh!** Ele está próximo, iminente! O clamor do dia de lahweh é amargo, nele até mesmo o herói grita. **Um dia de ira**, aquele dia! Dia de angústia e de tribulação, dia de devastação e de destruição, **dia de trevas e de escuridão**, dia de nuvens e de negrume, dia da trombeta e do grito de guerra contra as cidades fortificadas e contra as ameias elevadas. Afligirei os homens e eles caminharão como cegos (porque pecaram contra lahweh); o seu sangue será derramado como o pó, e suas entranhas como o esterco.

*Nem sua prata nem seu ouro poderão salvá-los. **No dia da cólera de lahweh**, no fogo de seu zelo toda a terra será devorada. Pois ele destruirá, sim, ele exterminará todos os habitantes da terra.”*

Explicam-nos que:

De acordo com o título do seu livro, Sofonias profetizou no tempo de Josias (640-609). Seus ataques contra as modas estrangeiras e os cultos dos falsos deuses, suas repreensões aos ministros e seu silêncio a respeito do rei indicam que ele pregou antes da reforma religiosa e durante a menoridade de Josias, entre 640 e 630, ou seja, imediatamente antes de começar o ministério de Jeremias. Judá, privado por Senaquerib de uma parte de seu território, viveu sob o domínio assírio e os reinados ímpios de Manasses e de Amon favoreceram a desordem religiosa. Mas o enfraquecimento da Assíria suscita agora a esperança de restauração nacional, que será acompanhada de reforma religiosa.

A mensagem de Sofonias resume-se num anúncio do Dia de lahweh (ver Amós), catástrofe que atingirá tanto as nações como Judá, condenado por suas faltas religiosas e morais, inspiradas pelo orgulho e pela revolta... **O castigo das nações é uma advertência, que deveria reconduzir o povo à obediência e à humildade**, e a salvação só é prometida a um “resto” humilde e modesto. ⁽¹⁸⁾

Novamente, o assunto está relacionado à realidade em que viviam, não sendo, por conseguinte, para nenhum evento futuro relacionado com o fim dos tempos.

Ezequiel 7,1-14: *“A palavra de lahweh me foi dirigida nestes termos: Filho do homem, dize: Assim fala o Senhor lahweh à terra de Israel: **O fim chegou! O fim para os quatro cantos da terra.** Agora chegou o teu fim: vou desencadear **a minha ira contra ti** e te julgarei de acordo com o teu comportamento; farei cair sobre ti as tuas abominações. [...] Assim diz o Senhor lahweh: Eis que a desgraça chegou, uma desgraça sem igual. **Chegou o fim, chegou o fim;** ele desperta contra ti, eilo que chega! Chegou a tua vez, sim, para ti, habitante da terra. **O tempo está chegando, o dia está próximo.** Será a ruína e não mais o júbilo nos montes. Agora mesmo, dentro de um instante **derramarei a minha ira sobre ti** e satisfarei em ti a minha cólera. Com efeito, hei de julgar-te segundo o teu comportamento, e farei vir sobre ti todas as tuas abominações. O meu olhar não se compadecerá; eu não pouparei, antes, pagar-te-ei de acordo com o teu comportamento. As tuas abominações serão exibidas publicamente e sabereis que eu sou lahweh, aquele que fere. Eis o dia, eis que chega a tua vez; ela chegou e cresceu; o cetro*

*floresceu, a presunção desabrochou. A violência cresceu até tornar-se um flagelo de maldade... **O tempo vem, o dia se aproxima.** Não vá alegrar-se o comprador, não fique desolado o vendedor, porque **o furor atingirá a todos**, porque o vendedor não voltará ao seu vendido; cada um vive no seu pecado; nenhum deles procura exercer a sua força. Tocam a trombeta, tudo está preparado, mas ninguém marcha para o combate, porque o meu furor atinge a todos.”*

Ezequiel, segundo nos informam, “exerceu toda a sua atividade no meio dos exilados de Babilônia entre 593 e 571, que são as datas extremas apresentadas pelo texto”. (19)

Especificamente, quanto ao conteúdo do texto, encontramos na ***Bíblia Sagrada - Vozes***:

Neste oráculo Ezequiel se dirige à “terra de Israel” (v. 1), isto é, a toda a população do país. O tema geral é o do “Dia do Senhor”, que está às portas. **Neste dia o Senhor julgará o seu povo e porá fim à existência do reino de Judá, destruindo Jerusalém** (v. 14-27). O texto hebraico está mal conservado. (20)

Realmente, trata-se, mais uma vez, de situação

relacionada aos acontecimentos daquela época, sem qualquer conotação de profecia para o fim dos tempos.

No Vocabulário básico de termos bíblicos, constante da ***Bíblia Sagrada - Vozes***, temos a seguinte definição:

DIA DO SENHOR. É o dia em que Deus vem para julgar. **Este dia em geral é visto como um dia de punição para os pagãos, para os inimigos de Deus e de seu povo**, e de salvação para Israel (cf. Is 13; Ez 7,1-27 e nota; Jl 4,9-14). Mais tarde os profetas anunciaram o dia do Senhor como punição também para Israel, para quem a eleição divina não é uma garantia incondicional (cf. Am 3,1s; 5.18 e nota). Segundo o NT este dia vai coincidir com o da vinda gloriosa de Cristo, para o qual se volta toda a esperança cristã (1Cor 18; 1Ts 5,24). ⁽²¹⁾

“Dia do Senhor” e “dia de lahweh” são termos que representam a mesma coisa.

Zacarias 14,1-9: ***“Eis que vem o dia de lahweh, quando em teu seio serão repartidos os teus despojos. Reunirei todas as nações contra Jerusalém para o combate; a cidade será tomada, as casas serão***

*saqueadas, as mulheres violentadas; a metade da cidade sairá para o exílio, mas o resto do povo não será eliminado da cidade. Então lahweh sairá e combaterá essas nações, como quando combate no dia da batalha. Naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está diante de Jerusalém, na parte oriental. O monte das Oliveiras se rachará pela metade, e surgirá do oriente para o ocidente um enorme vale. Metade do monte se desviará para o norte, e a outra para o sul. O vale dos Montes será enchido, sim, ele será obstruído até Jasol, ele será enchido como por ocasião do terremoto nos dias de Ozias, rei de Judá. E lahweh, meu Deus, virá, todos os santos com ele. E acontecerá, **naquele dia, que não haverá mais luz**, mas sim frio e gelo. Haverá um único dia - lahweh o conhece -, sem dia e sem noite, mas à tarde haverá luz. E acontecerá, naquele dia, que sairá água viva de Jerusalém, metade para o mar oriental, metade para o mar ocidental, no verão e no inverno. Então lahweh será rei sobre todo país; naquele dia, lahweh será o único, e seu Nome o único.”*

A análise do livro de Zacarias é complexa, pois tendo sido ele contemporâneo de Ageu (520 a.C.), como poderia ter escrito “a segunda parte do livro,

formada pelos capítulos 9-14, que foi escrita no período em que os gregos dominavam a Palestina, depois da grande campanha de Alexandre Magno (333 a.C.)” (22)

Isso nos coloca em uma situação bem semelhante a outras em que o povo hebreu se encontrava sob domínio, ou na eminência de ser dominado por outro povo, o que nos leva a concluir que, também aqui, a situação é a mesma de sempre, ou seja, do dia a dia do povo hebreu.

Malaquias 3,1-5: *“Eis que vou enviar o meu mensageiro para que prepare um caminho diante de mim. Então, de repente, entrará em seu Templo o Senhor que vós procurais; o Anjo da Aliança, que vós desejais, eis que ele vem, disse lahweh dos Exércitos. **Quem poderá suportar o dia da sua chegada?** Quem poderá ficar de pé, quando ele aparecer? Porque ele é como o fogo do fundidor e como a lixívia dos lavadeiros. se assentará aquele que funde e que purifica; ele purificará os filhos de Levi e os acrisolará como ouro e prata, e eles se tornarão para lahweh aqueles que apresentam uma oferenda conforme a justiça. A oferenda de Judá e de Jerusalém será, então, agradável a lahweh como nos dias antigos,*

como nos anos passados. **Eu me aproximarei de vós para o julgamento** e serei uma testemunha rápida contra os adivinhos, contra os adúlteros, contra os perjuros, contra os que oprimem o assalariado, a viúva, o órfão, e que violam o direito do estrangeiro, sem me temer, disse lahweh dos Exércitos.”

Malaquias 3,22-24: “Lembrai-vos da Lei de Moisés, meu servo, a quem eu prescrevi, no Horeb, para todo Israel, estatutos e normas. **Eis que vos enviarei Elias, o profeta, antes que chegue o Dia de lahweh, grande e terrível.** Ele fará voltar o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais, para que eu não venha ferir a terra com anátema.”

As explicações que encontramos para esse passo, são as seguintes:

[...] Compõe-se de seis trechos construídos conforme um mesmo tipo: lahweh, ou seu profeta, lança uma afirmação, que é discutida pelo povo ou pelos sacerdotes e que é desenvolvida num discurso em que se juntam ameaças e promessas de salvação. Há dois grandes temas: as faltas cultuais dos sacerdotes e também dos fiéis, o escândalo dos matrimônios mistos e dos divórcios. **O profeta anuncia o Dia de lahweh, que purificará os membros do sacerdócio, devorará**

os maus e assegurará o triunfo dos justos. [...].

O conteúdo do livro permite determinar-lhe a data: é posterior ao restabelecimento do culto no Templo reconstruído (515) e anterior à proibição dos matrimônios mistos no tempo de Neemias (445), provavelmente bastante próximo desta última data. ⁽²³⁾

Mais uma vez se confirma o que estamos percebendo desde o começo dessa análise; não havendo nenhuma situação em que algum profeta tenha lançado suas preocupações para um futuro longínquo, pois suas vistas sempre estavam voltadas para acontecimentos próximos.

*Joel 3,1-5: “Depois disto, derramarei o meu espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos anciãos terão sonhos, vossos jovens terão visões. Mesmo sobre os escravos e sobre as escravas, naqueles dias, derramarei o meu espírito. Colocarei sinais nos céus e na terra, sangue, fogo e colunas de fumaça’. O sol se transformará em trevas, a lua em sangue, antes que **chegue o dia de lahweh, grande e terrível!** Então, todo aquele que invocar o nome de lahweh, será salvo. Porque no monte Sião haverá salvação, como lahweh falou, e em Jerusalém sobreviventes que lahweh*

chama.”

Joel 4,1-2: “Pois, eis que, **naqueles dias e naquele tempo**, quando eu mudar o destino de Judá e de Jerusalém, reunirei todas as nações, e as farei descer ao vale de Josafá, ali entrarei em processo contra elas, por causa de **Israel, meu povo e minha herança**, porque o dispersaram entre as nações e repartiram a minha terra.”

Joel 4,9-12: “Proclamai isto entre as nações: Preparai uma guerra, concitai os fortes! Que se aproximem, que subam todos os guerreiros! Forjai de vossas relhas espadas, e de vossas podadeiras lanças. Que o fraco diga: ‘Eu sou um herói!’ Apressai-vos e vinde, todas as nações dos arredores, reuni-vos lá! (lahweh, faz descer teus heróis.) ‘Que partam e subam, as nações, ao vale de Josafá! Sim, ali **eu me sentarei para julgar todas as nações dos arredores.**’”

Apresentam-nos o seguinte:

O livro de Joel divide-se naturalmente em duas partes. Na primeira, uma invasão de gafanhotos, que assola Judá, provoca uma liturgia de luto e súplica; lahweh responde prometendo o fim da praga e a volta da abundância. A segunda parte descreve em estilo apocalíptico o julgamento das

nações e a vitória definitiva de lahweh e de Israel. A unidade entre as duas partes é assegurada pela referência ao Dia de lahweh, que é propriamente o tema dos cap. 3-4, mas que aparece já em 1,15; 2,1-2.10-11. **Os gafanhotos são o exército de lahweh, lançado para executar seu julgamento**, um Dia de lahweh, do qual a pessoa pode ser salva pela penitência e pela oração; a praga torna-se o tipo do grande julgamento final, **o Dia de lahweh, que inaugurará os tempos escatológicos**. [...] A maioria dos exegetas opta pelo período pós-exílico, pelos seguintes argumentos: ausência de referência a um rei, alusões ao Exílio, mas também ao Templo reconstruído, contatos com o Deuteronômio e os profetas posteriores, Ezequiel, Sofonias, Malaquias, Abdias, citando em 3,5. O livro teria sido composto cerca do ano 400 a.C. ⁽²⁴⁾

Não resta dúvida que também o profeta Joel tinha suas preocupações sobre os acontecimentos que vivenciava, sem nenhuma relação com o fim dos tempos.

Até aqui podemos ver que das passagens que nos poderiam apresentar como relacionadas ao fim dos tempos ou, na linguagem que usam, ao Apocalipse, não são senão situações locais e do dia a dia dos judeus.

Por alguma coisa que andavam aprontando, Deus prometia castigos e mais castigos. Era, segundo poderíamos dizer, Deus agindo para reconduzir as ovelhas ao Seu aprisco. Não se tratava de exterminar tudo, como alguns textos parecem nos dizer, mas, apenas, “correções”, para redirecionar o rumo dos acontecimentos de tal forma que, ao final, todo o povo hebreu obedeceria a todas as determinações divinas.

Antes de seguirmos em nossa análise, devemos fazer algumas considerações sobre o que se acredita ser “os sinais do fim dos tempos”, já que se falará nele no Novo Testamento.

Provérbio 13,9: “A luz dos justos é alegre, a lâmpada dos ímpios se apaga.”

Acreditamos que, em função do teor desse provérbio, é que passaram a entender o dia de lahweh com trevas, já que a luz está relacionada a justos e, por consequência, a escuridão aos maus. Ora, nesse dia, a ira de lahweh será descarregada contra os maus, segundo imaginavam.

Isaías 13,9-11: *“Eis o dia de lahweh, que*

*vem implacável, e com ele o furor ardente da ira, reduzindo a terra a desolação e dela extirpando os pecadores. Com efeito, **as estrelas do céu e Órion não darão a luz. O sol se escurecerá ao nascer, e a lua não dará a sua claridade.** Punirei o mundo por causa de sua maldade e os ímpios por causa da sua iniquidade; porei fim à arrogância dos soberbos, humilharei a altivez dos tiranos.”*

Nesse oráculo, Isaías está, objetivamente, se referindo à Babilônia. Observemos que o dia de lahweh vem precedido de sinais, que trazem trevas (escuridão).

É interessante que, nessa narrativa, a impressão que se tem é que tal acontecimento se dará na Terra toda, mas, na verdade, é apenas algo local, contra uma determinada nação.

Ezequiel 30,3.18: *“Com efeito, está próximo o dia, está próximo **o dia de lahweh.** Será um dia de nuvens, será um tempo marcado para as nações. Em Táfnis **o dia se tornará em trevas** quando eu quebrar ali o cetro do Egito e cessar a sua força presunçosa. [...]”*

Novamente se coloca a questão das trevas, agora, relacionadas ao dia em que Javé voltará

contra o Egito.

Ezequiel 32,7-8: “Ao morreres, cobrirei os céus e **escurecerei as suas estrelas, cobrirei o sol com as nuvens e a lua não dará a sua luz**. Escurecerei todos os astros do céu por tua causa e **espalharei as trevas sobre a tua terra, oráculo de lahweh.**”

Ainda em relação ao Egito, só que agora a fala é dirigida ao Faraó.

Joel 2,1-2: “Tocai a trombeta em Sião, dai alarme em minha montanha santa! Tremam todos os habitantes da terra, porque está chegando o dia de lahweh! Sim, **está próximo um dia de trevas e de escuridão, um dia de nuvens e de obscuridade!** [...].”

Joel 4,14-15: “[...] Sim, está próximo o dia de lahweh, no vale da Decisão! **O sol e a lua se obscurecem e as estrelas perdem o seu brilho.**”

Amós 8,9: “Acontecerá naquele dia, - oráculo de lahweh - que eu **farei o sol declinar em pleno meio-dia e escurecerei a terra em um dia de luz.**”

Nessas passagens, o castigo é contra Israel,

para os quais também aparecem trevas e escuridão.

Em resumo, podemos perceber claramente que, segundo pensavam, quando Deus estava para fazer alguma coisa que implicasse em destruir um povo – em algumas situações os próprios judeus, em outras, os povos que subjugavam os judeus –, denominavam esse dia de o “Dia de lahweh”, que traria trevas e escuridão à Terra.

Essa imagem é mantida em algumas passagens no Novo Testamento. Agora podemos entrar na análise do Novo Testamento, onde os textos são mais fáceis de serem entendidos.

No Novo Testamento

Listaremos as várias passagens visando análise do teor delas.

Mateus 24,1-8: *“Saindo do Templo, Jesus caminhava e os discípulos se aproximaram dele para mostrar-lhe as construções do Templo. Ele disse-lhes: ‘Estais vendo tudo isto? Em verdade vos digo: não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja demolida’. Estando ele sentado no monte das Oliveiras, os discípulos se aproximaram dele, a sós, dizendo: ‘Dize-nos quando vai ser isso, e qual o **sinal da tua Vinda e da consumação dos tempos**’. O princípio das dores - Jesus respondeu: ‘Atenção para que ninguém vos engane. Pois muitos virão em meu nome, dizendo: ‘O Cristo sou eu’, e enganarão a muitos. Haveis de ouvir sobre guerras e rumores de guerras. Cuidado para não vos alarmardes. **É preciso que aconteçam, mas ainda não é o fim**. Pois se levantará nação contra nação e reino contra reino. E haverá fome e terremotos em todos os lugares. Tudo isso será o princípio das dores.”*

A explicação que nos oferecem, parece-nos, razoável; senão vejamos:

Jesus anuncia a destruição do Templo de Jerusalém, acontecida no ano 70, e as batalhas que se verificaram entre os anos 66 a 70. O Templo era o símbolo da relação de Deus com o povo escolhido. **Jesus salienta que o fim de uma instituição não significa o fim do mundo** e nem o fim da relação entre Deus e os homens. ⁽²⁵⁾

Outra informação importante é que *“antes do ano 70 d.C., houve aventureiros que se fizeram passar pelo Messias”* ⁽²⁶⁾, o que nos reafirma a questão anteriormente colocada.

Esse capítulo de Mateus é especial; por isso, iremos até aonde o assunto, de alguma forma, se relacionar ao fim do mundo.

Mateus 24,9-14: *“Nesse tempo, vos entregarão à tribulação e vos matarão, e sereis odiados de todos os povos por causa o meu nome. E então muitos ficarão escandalizados e se entregarão mutuamente e se odiarão uns aos outros. E surgirão falsos profetas em grande número e enganarão a muitos. E pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo. E este Evangelho do Reino será proclamado no mundo inteiro, como testemunho para todas as nações. **E então***

virá o Fim.”

Ao explicarem essa passagem nos dizem:

Os vv. 9-13 retomam os temas de 10,17-22 (que oferece um paralelo literal de Mc 13,9-13; Lc 21,12-19), mas introduzindo alguns elementos particulares que parecem fazer eco à perseguição dos cristãos em Roma sob Nero, depois do incêndio de 64 (“odiados de todos os povos por causa do meu nome”) e às traições e ódio mútuo entre as próprias vítimas (“o amor de muitos esfriará”); cf. Tácito, Ann XV 44. ⁽²⁷⁾

Portanto, ainda aqui, o tempo se relaciona à época da destruição de Jerusalém.

Com relação à expressão “mundo inteiro”, nos trazem a seguinte elucidação:

O “mundo habitado” (*oikoumene*), isto é, o mundo greco-romano. É preciso que todos os judeus do Império tenham ouvido a Boa nova (cf. At, 18+; Rm 10,18). O Evangelho atingiu efetivamente todas as partes vitais do Império Romano desde antes da queda do Templo (cf. 1Ts 1,8; Rm 1,5.8; Cl 1,6.23). ⁽²⁸⁾

Ora, essa explicação nos remete novamente à

época mencionada, não tendo ela, por isso, nada a ver com um tempo futuro, como alguns interpretam que o fim do mundo ocorrerá, quando o Evangelho tiver sido pregado no mundo todo.

Mateus 24,15-22: *“Quando, portanto, virdes a abominação da desolação, de que fala o profeta Daniel, instalada no lugar santo – que o leitor entenda! – então, os que estiverem na Judeia fujam para as montanhas, aquele que estiver no terraço, não desça para apanhar as coisas da sua casa, e aquele que estiver no campo não volte atrás para apanhar a sua veste! Ai daquelas que estiverem grávidas e estiverem amamentando naqueles dias! Pedi para que a vossa fuga não aconteça no inverno ou num sábado. Pois **naquele tempo haverá uma grande tribulação, tal como não houve desde o princípio do mundo até agora**, nem tornará a haver jamais. E se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma vida se salvaria. Mas, por causa dos eleitos, aqueles dias serão abreviados.”*

Os tradutores da **Bíblia de Jerusalém** nos Informam sobre essa passagem:

Ao que parece, Daniel designava com essa expressão um altar pagão que Antíoco Epífanes

ergueu no Templo de Jerusalém em 168 a.C. (cf. 1Mc 1,54). A aplicação evangélica realizou-se quando a Cidade santa e o seu Templo foram atacados e depois ocupados pelos exércitos gentílicos de Roma (cf. Lc 21,20). ⁽²⁹⁾

Essa explicação nos deixa ainda dentro do contexto já mencionado anteriormente.

Nos outros Evangelhos, as passagens correlatas a Mateus 24,15-22 são: Marcos 13,13-23 e Lucas 21,20-24. Trazemos essa informação para ver o que os tradutores bíblicos e exegetas falaram sobre elas:

a) ***Bíblia Sheed***

Marcos 13,14-20: As predições de 14-20 são interpretadas em Lc 21 referentes aos eventos de 66-70 d.C. ⁽³⁰⁾

b) ***Bíblia Sagrada - Vozes***

Marcos 13,14: Trata-se da profanação do Templo que os cristãos na Guerra Judaica (66-70) de fato tomaram como sinal para a fuga, buscando refúgio na cidade helenística de Péla, na Transjordânia. ⁽³¹⁾

c) ***Bíblia Sagrada - Pastoral***

Lucas 21,20-24: Lucas descreve a destruição de Jerusalém no ano de 70 d.C. Esse acontecimento marca o final da história do povo da Antiga Aliança. Daí para frente não há mais separação entre judeus e pagãos: o povo de Deus da Nova Aliança será construção por pessoas vindas de todos os povos da Terra. ⁽³²⁾

d) ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 2***

Lucas 21,20: Lucas fala no cerco de Jerusalém por exércitos (alusão direta à invasão romana em 70 D.C.), [...] Provavelmente isso é um reflexo histórico. Lucas lembrou os exércitos que tinham destruído Jerusalém. [...]. ⁽³³⁾

O que fica claro é a relação direta entre o teor do texto com a situação política dos judeus, o que é algo comum em todas as profecias.

Mateus 24,29-31.34-36: ***“Logo após a tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem e todas as tribos da terra***

*baterão no peito e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. Ele enviará os seus anjos que, ao som da grande trombeta, **reunirão os seus eleitos** dos quatro ventos, de uma extremidade até a outra extremidade do céu. **Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que tudo isso aconteça.** Passarão o céu e a terra. Minhas palavras, porém, não passarão. Daquele dia e da hora, ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas só o Pai.”* (ver tb Mateus 16,28; Marcos 9,1; 13,30; Lucas 9,27; 21,32)

A sequência do texto bíblico não poderá ter outra interpretação senão aquela que estamos mostrando, desde o início do cap. 24 (Mateus).

Acrescentamos à questão colocada antes a respeito dos “sinais” relacionados a trevas e escuridão, como fato também implícito à destruição de Jerusalém, simbolizada como um julgamento final.

Observamos que no versículo 34, está dito que “*essa geração não passará sem que tudo isso aconteça*”, ou seja, reafirmando categoricamente tratar-se mesmo de uma ocorrência daquela época, não para uma outra época no futuro, relacionada ao

fim dos tempos, ou juízo final, como queiram.

Vejamos esta nota explicativa constante da ***Bíblia Sagrada - Vozes***, relativa a Mateus 24,34:

24,34: *Esta geração.* Refere-se aos contemporâneos de Jesus, dos quais muitos ainda presenciaram **a destruição de Jerusalém em 70 d.C.** A realização desta predição é garantida de que o fim do mundo e o juízo final se realizam (v. 35). ⁽³⁴⁾

Bem objetivamente na *Bíblia Sagrada - Santuário*, dizem: “34. Com efeito, uns 40 anos após a morte de Cristo, Jerusalém foi destruída pelos romanos.” ⁽³⁵⁾

Sentença semelhante é dita em Mateus 16,28, Marcos 9,1 e Lucas, 9,27, que Geza Vermes (1924-2013), em ***O Autêntico Evangelho de Jesus***, resume da seguinte forma:

Em verdade vos digo que **estão aqui presentes alguns que não provarão a morte até que vejam o Reino de Deus**, chegando com poder [até que vejam o Filho do Homem vindo em seu Reino (Mt)] [antes de terem visto o Reino de Deus (Lc)]. ⁽³⁶⁾

E, comentando, diz:

Em suma, Marcos 9,1 fornece a mais clara comprovação da opinião de que **Jesus imaginava a vinda do Reino em sua época, no primeiro século d.C.** Não é de surpreender que testemunhemos todo tipo de acrobacia exegética da parte dos intérpretes eclesiásticos sobre esta passagem. Elas buscam remover a possibilidade de “erro” nos lábios de Jesus. [...].
(³⁷)

Confirma-se, portanto, que a ideia do fim dos tempos era algo próximo deles. Somando-se a essa explicação, continuamos com Geza Vermes, que, um pouco mais atrás, havia dito:

Quanto à cronologia, parece haver indícios sólidos nos Evangelhos, confirmados por São Paulo, que indicam que Jesus e a **primeira geração dos seus seguidores esperavam a chegada do Reino de Deus durante o seu período de vida.** Segundo o Discurso Escatológico (Mc 13; Mt 24; Lc 21), o advento seria assinalado por guerras e uma convulsão cataclísmica do universo. **Este conceito de fim dos tempos no futuro próximo não foi inventado por Jesus ou pela igreja primitiva.** Foi amplamente sustentado no mundo judaico, desde os tempos do Livro bíblico de Daniel, pelos círculos que produziram livros apocalípticos como Henoc, Assunção de

Moisés, 2Baruc, 4Esdras, etc., bem como por membros da comunidade do Mar Morto – em outras palavras, entre o século II a.C. E o século I d.C.

Vista retrospectivamente, a previsão do fim iminente no primeiro século d.C. mostrou-se equivocada: o Reino predito no Novo Testamento nunca adveio. Uma tal não-realização das predições confrontou os seguidores de Jesus com um duro dilema, exigindo uma interpretação alternativa. Em outras palavras, o Reino de Deus foi percebido como já realizado na igreja cristã. ⁽³⁸⁾

Aponta as raízes da crença no fim dos tempos. Confirma também tratar-se de algo que esperavam acontecer àquela época e não num futuro longínquo.

*Atos 2,14-21: “Pedro, então, de pé, junto com os Onze, levantou a voz e assim lhes falou: “Homens da Judeia e todos vós, habitantes de Jerusalém, tomai conhecimento disto e prestai ouvidos às minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como pensais, pois esta é apenas a terceira hora do dia. O que está acontecendo é o que foi dito por intermédio do **profeta: Sucederá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão***

visões e vossos velhos sonharão. Sim, sobre meus servos e minhas servas derramarei do meu Espírito. E farei aparecerem prodígios em cima, no céu, e sinais embaixo, sobre a terra. O sol se mudará em escuridão e a lua em sangue, antes que venha o Dia do Senhor, o grande Dia. E então, todo o que invocar o nome do Senhor, será salvo.” (Joel 3,1-5).

Observa-se que Pedro interpreta o fenômeno designado de Pentecostes como sendo a realização da profecia de Joel, portanto, mais uma vez, a expressão “nos últimos dias” está sendo aplicada a uma outra situação que não ao fim do mundo.

1 Coríntios 7,29-31: *“Eis o que vos digo, irmãos: **o tempo se fez curto**. Resta, pois, que aqueles que têm esposa, sejam como se não a tivessem; aqueles que choram, como se não chorassem; aqueles que se regozijam, como se não se regozijassem; aqueles que compram, como se não possuíssem; aqueles que usam deste mundo, como se não usassem plenamente. Pois passa a figura deste mundo.”*

Vejamos qual é a explicação que nos trazem para essa passagem:

Para a Igreja primitiva eram iminentes o fim do mundo e a manifestação final e gloriosa de Jesus (vv. 29.31). É nessa perspectiva que podemos compreender muitos conselhos referentes ao matrimônio, ao celibato e à virgindade: se o fim está próximo, para que se casar e ter filhos? Na visão de Paulo, a virgindade é vista como dom total da própria vida ao Senhor, como maneira de empenhar-se totalmente ao testemunho do Evangelho. Jesus já destacava a grandeza do celibato na consagração radical a Deus e ao Reino, mas sem o impor (Cf. Mt 19,10-12) ⁽³⁹⁾

Aqui temos confirmado que, para a Igreja primitiva, o fim do mundo e a manifestação final e gloriosa de Jesus eram iminentes, ou seja, estavam para se realizar quase que imediatamente, não tendo, assim, nenhuma ideia de qualquer coisa para um futuro longínquo e incerto.

Antes de transcrevemos algumas passagens de cartas de Paulo, vejamos este trecho do tópico “A nova visão paulina do fim dos tempos”, do cap. 8 – Paulo, o convertido, do livro ***Pedro, Paulo e Maria Madalena***, autoria de Bart D. Ehrman:

Mesmo como fariseu, antes de sua conversão,

Paulo defendia visões apocalípticas do mundo. Como outros apocalípticos, achava que o tempo atual era dominado por forças malignas (tais como o pecado e a morte, e provavelmente outros poderes demoníacos), mas que uma nova era estava para chegar, na qual Deus iria derrotar o mal e trazer um bom reino, onde apenas ele reinaria supremo. **Como a maioria dos apocalípticos, Paulo provavelmente pensou que o fim dos tempos chegaria muito em breve.**

Depois que passou a crer que Cristo ressuscitou dos mortos, Paulo não abandonou suas expectativas apocalípticas. Pelo contrário, **saber que Jesus tinha sido ressuscitado confirmava radicalmente o que ele já pensava antes, ou seja, que o fim era iminente.** Só que havia uma diferença fundamental: seria o próprio Jesus que o traria.

Como outros fariseus, Paulo achava que o tempo presente terminaria em algum evento cataclísmico que acabaria com o mundo e todos os seus poderes e abriria caminho para o novo reino. No fim, os mortos ressuscitariam. ⁽⁴⁰⁾

Fica, portanto, claro que a visão de Paulo não era para um “fim dos tempos” no futuro, pois pensava já estar vivendo-o.

1 Coríntios 10,9-12: “Não tentemos ao Senhor, como alguns deles tentaram, e morreram vitimados pelas serpentes. Não murmurem,

*como alguns deles murmuraram, e pereceram em mãos do anjo exterminador. Tais coisas aconteceram a eles como exemplo, e foram escritas para nossa instrução, **a nós que vivemos no fim dos tempos**. Portanto, aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair.”* ⁽⁴¹⁾

Nessa passagem confirma-se a explicação dada na anterior, pois Paulo diz: “*a nós que vivemos no fim dos tempos*”. Ora, isso reafirma, pela enésima vez, que não se trata de acontecimentos futuros longínquos.

1 Tessalonicenses 3,12-13: “*A vós, porém, o Senhor faça crescer e ser ricos em amor mútuo e para com todos os homens, a exemplo do amor que nós vos temos. Queira ele confirmar os vossos corações numa santidade irrepreensível, aos olhos de Deus, nosso Pai, **por ocasião da Vinda de nosso Senhor Jesus com todos os santos.***”

1 Tessalonicenses 4,15-17: “*Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: **que os vivos, os que ainda estivermos aqui para a Vinda do Senhor, não** passaremos à frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do*

arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares. E assim, estaremos para sempre com o Senhor.”

Essas duas passagens, também, confirmam a explicação de que esperavam a vinda gloriosa de Jesus para aqueles tempos, diferente do que nos passam, quando falam de que seria para um tempo futuro.

1 Tessalonicenses 5,1-3: *“No tocante ao tempo e o prazo, meus irmãos, é escusado escrever-vos, porque **vós sabeis, perfeitamente, que o Dia do Senhor virá como ladrão noturno.** Quando as pessoas disserem: paz e segurança!, então, lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores sobre a mulher grávida; e não poderão escapar.”*

Acrescentaremos duas passagens tidas como de Paulo, mas na atualidade questiona-se ter sido ele o autor.

1ª) 2 Tessalonicenses 2,1-8: **“Quanto à Vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e à nossa**

*reunião com ele, rogamo-vos, irmãos, que não percais tão depressa a serenidade de espírito, e **não vos perturbeis nem por palavra profética, nem por carta que se diga vir de nós, como se o Dia do Senhor já estivesse próximo.** Não vos deixeis enganar de modo algum por pessoa alguma; porque deve vir primeiro a apostasia, e aparecer o homem ímpio, o filho da perdição, o adversário, que se levanta contra tudo que se chama Deus, ou recebe um culto, chegando a sentar-se pessoalmente no templo de Deus, e querendo passar por Deus. Não vos lembrais de que vos dizia isto quando estava convosco? Agora também sabeis o que é que ainda o retém, para aparecer só a seu tempo. Pois o mistério da impiedade já está agindo, só é necessário que seja afastado aquele que ainda o retém! Então, aparecerá o ímpio, aquele que o Senhor destruirá com o sopro de sua boca, e o suprimirá pela manifestação de sua Vinda.”*

Aqui autor, seja ele quem for, está agindo como aqueles que fixando o fim do mundo para um determinado dia e como isso não acontece, mudam a data, sempre a postergando.

Em relação às passagens anteriores, ele está sendo contraditório, ou, quem sabe, não mudaram o

sentido de suas palavras pela necessidade de justificar algum dogma?

2ª) 1 Timóteo 4,1-5: *“O Espírito diz expressamente que **nos últimos tempos** alguns renegarão a fé, dando atenção a espíritos sedutores e a doutrinas demoníacas, por causa da hipocrisia dos mentirosos, que têm a própria consciência como que marcada por ferro quente; eles proibirão o casamento, exigirão a abstinência de certos alimentos, quando Deus os criou para serem recebidos, com ação de graças, pelos que têm fé e conhecem a verdade. Pois tudo o que Deus criou é bom, e nada é desprezível, se tomado com ação de graças, porque é santificado pela Palavra de Deus e pela oração.”*

Embora as tentativas de colocarem “os últimos tempos” para um tempo futuro, considerando o que vimos anteriormente, não vemos razão para tal atitude. Por isso, parece-nos que tudo aqui também não é contrário ao que já vimos.

Hoje já se sabe que Paulo não é o autor de Hebreus, embora ainda vejamos muitas pessoas tendo-o como tal. Na Introdução a essa epístola da ***Bíblia de Jerusalém***, por exemplo, se afirma:

Ao contrário de todas as precedentes, a epístola aos Hebreus teve sua autenticidade posta em dúvida desde a antiguidade. Raramente se contestou sua canonicidade, mas **a Igreja do Ocidente, até o fim do séc. IV, recusou-se a atribuí-la a são Paulo**; e se a do Oriente aceitou esta atribuição, não foi sem fazer às vezes certas reservas no tocante à sua forma literária (Clemente de Alexandria, Orígenes). É que, **com efeito, a linguagem e o estilo deste escrito são de uma pureza elegante, que não pertence a são Paulo**. A maneira de citar e de utilizar o AT não é a sua. Faltam aí o endereço e o preâmbulo, com os quais ele costuma iniciar suas cartas. ⁽⁴²⁾

A autoria para nós, no presente estudo é irrelevante, pois a nossa intenção é mostrar o que pensavam àquela época.

Hebreus 1,1-2: *“Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; **agora, nestes dias que são os últimos**, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos.”*

Hebreus 9,24-26: *“Cristo não entrou num santuário feito por mão humana, réplica do verdadeiro, e sim no próprio céu, a fim de comparecer, agora, diante da face de Deus a nosso favor. E não foi para oferecer-se a si*

*mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote que entra no Santuário cada ano com sangue de outrem. Pois, se assim fosse, deveria ter sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo. Mas foi uma vez por todas, agora, **no fim dos tempos**, que ele se manifestou para abolir o pecado através do seu próprio sacrifício.”*

*Hebreus 10,22-25: “Aproximemo-nos, então, de coração reto e cheios de fé, tendo o coração purificado de toda má consciência e o corpo lavado com água pura. Sem esmorecer, continuemos a afirmar a nossa esperança, porque é fiel quem fez a promessa. Velemos uns pelos outros para nos estimularmos à caridade e às boas obras. Não deixemos as nossas assembleias, como alguns costumam fazer. Procuremos, antes, animar-nos sempre mais, **à medida que vedes o Dia** [do Senhor] se aproximar.*

O autor de Hebreus, que nem se sabe, ao certo, quem foi, reforçamos, é da opinião de que está se aproximando o fim dos tempos, o Dia do Senhor; não traz nada diferente do que pressupunham, naquela época, a respeito desse assunto.

Tiago 5,7-10: “Sede, pois, pacientes, irmãos,

até a vinda do Senhor. Vede como o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando por ele pacientemente até que venham as chuvas temporãs e as serôdias. Assim, também vós, esperai com paciência e fortalecei os vossos corações, porque a Vinda do Senhor está próxima. Irmãos, não murmureis uns contra os outros, para que não sejais julgados. **Lembrai-vos de que o Juiz está às portas.** Tomai como exemplo de uma vida de sofrimento e de paciência os profetas que falaram em nome do Senhor.”

Tiago, também, não foge à regra do que se pensava naqueles dias.

1 Pedro 1,3-5: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, em sua grande misericórdia, nos gerou de novo, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma esperança viva, para uma herança incorruptível, imaculada e imarcescível, reservada nos céus para vós, os que, mediante a fé, fostes guardados pelo poder de Deus para a salvação **prestes a revelar-se no tempo do fim.**”

1 Pedro 1,19-20: “Mas pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeitos e sem mácula, conhecido antes da fundação do

*mundo, mas manifestado, **no fim dos tempos, por causa de vós.***”

1 Pedro 4,4-7: “Agora estranham que não vos entreguem à mesma torrente de perdição, e vos cobrem de injúrias, mas disto hão de dar contas àquele que está prestes a julgar os vivos e os mortos. Eis por que o evangelho foi pregado também aos mortos, a fim de que sejam julgados como os homens na carne, mas vivam no espírito, segundo Deus. **O fim de todas as coisas está próximo.** Levai, pois, uma vida de autodomínio e de sobriedade, dedicada à oração.”

Especificamente sobre essa epístola de Pedro dizem-nos:

Em todo o capítulo 4 transparece a mentalidade apocalíptica, isto é, a convicção de que se aproxima do fim dos tempos (v.7), quando se dará a luta final entre o bem e o mal, a vitória definitiva do bem e o julgamento de Deus sobre os homens. Essa expectativa provoca a firme resistência daqueles que são perseguidos por não quererem se deixar levar pelo mal. Eles se engajam na luta pelo bem, para poderem participar da vitória final e se apresentar como testemunhas fiéis no julgamento. Para os cristãos, essa última etapa da história se iniciou com a ressurreição de Cristo. ⁽⁴³⁾

Portanto, são os próprios exegetas que reconhecem que à época tinham a convicção de que viviam o “fim dos tempos”.

2 Pedro 3,9-13: **“O Senhor não tarda a cumprir a sua promessa, como pensam alguns, entendendo que há demora; o que ele está é usando de paciência convosco, porque não quer que ninguém se perca, mas que todos venham a converter-se. O Dia do Senhor chegará como ladrão e então os céus se desfarão com estrondo, os elementos, devorados pelas chamas, se dissolverão e a terra, juntamente com as suas obras, será consumida. Se todo este mundo está fadado a desfazer-se assim, qual não deve ser a santidade do vosso viver e da vossa piedade, enquanto esperais e apressais a vinda do Dia de Deus, no qual os céus, ardendo em chamas, se dissolverão e os elementos, consumidos pelo fogo, se fundirão? O que nós esperamos, conforme a sua promessa, são novos céus e nova terra, onde habitará a justiça.”**

Pedro continua mantendo o seu ponto de vista de que tudo está para acontecer brevemente, portanto, nenhuma ideia para um futuro longínquo.

Vejamos, agora, a obra **Mentiras**

Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada, na qual Pepe Rodríguez faz algumas considerações pelas quais ele demonstra a existência dessa crença naquela época, que, inclusive, abrangem algumas das passagens citadas por nós:

Jesus, tal como os seus discípulos, foi um judeu. Poderia ter criado uma seita, uma mais a acrescentar às muitas que já existiam na sua época. Mas nem isso fez. O nazareno, no contexto do advento iminente do “reino de Deus” sobre a Terra, orientou o seu esforço no sentido de melhorar a prática religiosa do judaísmo no seio de seu povo. **Jesus não perdeu um minuto sequer a organizar uma seita, ou uma Igreja, porque, como, de facto, o disse com clareza meridiana** ⁽⁴⁴⁾, **estava convencido de que o mundo, tal como era conhecido, estava a chegar ao seu termo**, termo esse, aliás, **que ocorreria num lapso de tempo inferior a uma geração**: “Em verdade vos digo que há alguns dos que aqui estão que não provarão a morte antes da vinda do reino de Deus” (Lc 9,27).

A crença na iminência do Juízo Final – e na substituição do mundo pelo “reino de Deus” – era, de facto, partilhada por muitos judeus de então que, durante grande parte do século I, mantiveram os olhos fixos na proximidade desse momento. Veja-se o próprio **Paulo**. Em I Cor 10,11, **considera esse final dos tempos**

como contemporâneo, quando escreve: “Todas essas coisas lhes aconteceram em figura e foram escritas para nos instruir, a nós que estamos chegando ao fim dos tempos” ⁽⁴⁵⁾. **O mesmo se passou com Pedro** que, em I Ped 4,7, não deixa de avisar: “Está perto o fim de tudo. Sede, pois, discretos e sóbrios relativamente à oração”. **Pedro e Paulo, pilares básicos, ainda que opostos, do cristianismo primitivo, não duvidaram da proximidade do fim** ⁽⁴⁶⁾, o que não impediu que muitos dos seus correligionários começassem a perder a paciência, à medida que iam passar os anos sem que se cumprisse a promessa de Jesus de voltar em breve a presidir ao dia desse fim.

No início do século II, uma epístola – falsamente atribuída a Pedro ⁽⁴⁷⁾ – procurou refrear o desânimo desses cristãos, além do mais ridicularizados pelos incrédulos, prevenindo que, “Antes de mais, deveis saber que nos últimos dias aparecerão, com as suas mentiras, escarninhos, [...] e dirão: 'Onde está a promessa da sua vinda? O facto é que desde que morreram os pais, tudo permanece igual desde o princípio da criação. [...]’ Caríssimos, não se perca de vista que aos olhos de Deus um só dia é como mil anos, e mil anos como um só dia. Não arrasa o Senhor a promessa, como creem alguns; é pacientemente que os aguarda, não querendo e nada pereça, antes procurando que todos venham à penitência. Porém, virá o dia do Senhor, como um ladrão, e nele passarão com estrépito os céus, e os elementos, abrasados, dissolver-se-ão...” (II Ped 3,3-10). **Com o habitual descaramento, este**

escrito neotestamentário vem dizer que Jesus Cristo não se esqueceu de cumprir a sua própria profecia. Muito pelo contrário. O que acontece é que, devido a uma diferente apreciação sobre a natureza do tempo – que é uma coisa aos olhos de Deus, e outra aos olhos dos homens –, **o fim dos tempos fora adiado para uma data indeterminada** com a vantagem de se poderem, assim, salvar muitos mais homens!!!

Como defendem, porém, muitos teólogos e historiadores, é altamente provável que as primeiras comunidades cristãs, ao constatarem que Ihes era impossível continuar a justificar a persistente demora da parusia, ou seja, da segunda vinda de Cristo ao mundo para julgar os homens, tivessem deslocado a sua atenção do futuro para o presente. Concretamente, teriam transformado as suas expectativas escatológicas focalizadas no final dos tempos (na morte e na salvação), em esperança soteriológica centrada na redenção. Nesta mutação de foco, o papel atribuído a Jesus é igualmente alterado. Em vez de um desempenho – a parusia – que exigia a sua presença física, Cristo passa a ter uma função meramente redentora. Ou seja, a sua vinda deixa de ser necessária, porque, até ao fim dos tempos, a libertação e a redenção de todo o gênero humano se acham espiritualmente garantidas pela paixão e morte de Jesus. Alteração que não só é menos comprometedora, aos olhos dos descrentes, como deixa de ser verificável. Por outras palavras, passa a ser indemonstrável.

Em todo o caso, sendo forte como era a

crença num Juízo Final iminente (e nas circunstâncias que lhe estavam associadas), como aliás ressalta da leitura do Novo Testamento, Jesus e os seus discípulos não estavam, de modo algum, interessados em fundar uma nova religião ou uma estrutura organizativa do tipo de uma Igreja. Estavam, sim, empenhados em promover com todas as suas forças o agrupamento do povo de Israel em torno da *ekklesia*, ou seja, a reunião de todo o povo judeu na presença de Deus. A pergunta que se coloca, pois é a de saber de onde saiu a Igreja. Dado que não provém de Jesus nem dos seus apóstolos, há que procurar a sua origem na evolução de um processo histórico que resultou totalmente imprevisível. ⁽⁴⁸⁾

Pepe Rodríguez, portanto, corrobora tudo que foi dito anteriormente. Agora, resta-nos analisar o Apocalipse, último livro do Novo Testamento, visto pelos cristãos tradicionais como previsões sobre o fim dos tempos.

O designado Apocalipse de João

Já faz algum tempo, cerca de uns dez anos ou mais, que temos feito sérios questionamentos se, de fato, o livro Apocalipse atribuído a João Evangelista contém previsões de coisas a se realizarem num futuro longínquo.

Isso acontecia sempre que, por algum motivo, líamos o teor dos versículos de Apocalipse 1,3 e 22,10 (não por mera coincidência, estão localizados, exatamente, no início e no fim da obra), onde se lê a afirmação categórica de que “**o tempo está próximo**”. Chamava-nos ainda a atenção o teor do penúltimo versículo (Apocalipse 22,20), onde é dito: “Sim, Eu venho em breve!”, o que só aumentava nossas dúvidas.

Ademais, logo de início no capítulo 1, nos versículos 1 e 2, é dito: “*Revelação de Jesus Cristo: Deus Iha concedeu para que mostrasse aos seus servos **as coisas que devem acontecer muito em breve.** [...].*”

Ora, já se passaram quase dois mil anos e nada catastrófico aconteceu nesse “*muito em breve*” que viesse a provocar o “fim do mundo”, como se pensa se o teor do que nele é revelado.

Allan Kardec (1804-1869) disse que “a verdade é *una* só, e ela sairá do exame imparcial das diferentes opiniões.” (49). Apoiados nisso, nos lançamos à pesquisa.

Mais à frente faremos alguns comentários sobre o livro do Apocalipse, pois são as suas passagens que mais se usa para dizer sobre um suposto “fim do mundo”.

Em ***O Livro das Religiões***, os autores Jostein Gaarder, escritor e professor de filosofia, Victor Hellern (1928-2016), historiador, e Henry Notaker, jornalista, temos no capítulo “Religiões surgidas no Oriente Médio: monoteísmo”, o tópico “O Apocalipse (ou a Revelação)”, no qual lemos:

No fim do Novo Testamento está a Revelação de João, que, assim como o Livro de Daniel, **é um apocalipse, um tipo de literatura conhecido na época**. O Apocalipse se compõe de uma série de visões que evocam imagens de uma dramática

cena final. Distingue-se do Livro de Daniel, que é seu equivalente apocalíptico judaico, de duas maneiras importantes. **Em primeiro lugar, é um livro cristão**, no qual Cristo irá assumir definitivamente o controle e vencer o mal; **em segundo lugar, no Apocalipse o fim do mundo já começou**. Não se trata de algo que ocorrerá num futuro distante. Depois da obra de Jesus pela salvação, já teve início a batalha decisiva entre o bem e o mal.

O Apocalipse de João é, pois, mais que uma escritura profética. **Redigido durante as perseguições contra os cristãos travadas no reinado (81-96) do imperador Domiciano, descreve a situação dos cristãos da época, constantemente ameaçados de martírio**. Acima de tudo, portanto, **é uma escritura consoladora destinada aos cristãos que viviam naquele período atribulado**. Nela, o Estado romano é chamado de “a besta”, “o dragão” ou “a grande prostituta”. Mas no embate final Cristo, o Cordeiro, vencerá as forças da escuridão. O livro chega então ao final com uma visão de “um novo céu e uma nova terra”.

Com suas imagens nascidas de uma necessidade histórica, o Apocalipse é pouco familiar aos leitores modernos e já recebeu variadas interpretações através dos tempos. **Pode-se dizer que nenhum outro livro da Bíblia tem sido tão mal-empregado**. Com sua fé em Deus claramente expressa, levando a uma vitória final do bem sobre o mal, ele é, mesmo assim, uma conclusão apropriada para a maneira como a Bíblia

descreve a grave situação do mundo. (50)

Informações bem interessantes: “é um livro cristão”, “no Apocalipse o fim do mundo já começou”, “descreve a situação dos cristãos da época [reinado (81-96) do imperador Domiciano]”, “escritura consoladora destinada aos cristãos que viviam naquele período” e, tiro fatal, “nenhum outro livro da Bíblia tem sido tão mal-empregado”, talvez teria sido melhor se afirmassem claramente “tão mal interpretado”.

É comum vermos em várias fontes a ligação do Apocalipse de João com o livro de Daniel, razão pela qual apresentaremos algumas informações sobre esse.

Os tradutores da ***Bíblia Sagrada - Ave-Maria***, informam sobre o livro de Daniel:

Daniel é um israelita levado a Babilônia entre os deportados por Nabucodonosor. Jovem, ao mesmo tempo de uma fé ardente e de um patriotismo violento.

Ele deve ser tido não tanto como autor do livro que traz o seu nome, mas como seu herói

principal. Com efeito, este escrito **foi redigido em três línguas em hebraico, em grego e em aramaico**; ora os dois últimos idiomas não eram ainda utilizados no tempo em que o livro coloca a profeta seu redator, que escreveu certamente no segundo século A. C. **serviu-se de documentos anteriores**, que podem remontar até a própria época de Daniel.

[...].

Já as narrações do começo do livro apresentam Daniel e seus companheiros como homens cuja inflexível fidelidade se torna um símbolo da resistência dos crentes ao poder dos perseguidores. **As páginas obscuras** que lemos são por vezes explicadas pelo próprio livro que, como nos capítulos 2-8, nos ensinam a ver nas grandes visões descritas (o colosso de pés de argila, os quatro animais, o bode...) **um modo velado de representar os grandes impérios que se sucederam no oriente, desde os tempos do exílio até a época em que o autor vivia**. Portanto, **este livro devia servir de consolação e de animação aos israelitas que sofriam a opressão por parte de Antíoco Epifânes (176-163)**, apresentando-lhes este último reino terrestre como um preludio de um “Reino que jamais será destruído” (2, 44).⁽⁵¹⁾

Em 587 a.C., Jerusalém foi saqueada e o templo destruído, sendo grande parte da população deportada para a Babilônia, onde permaneceu até

538 a.C. Eis o tempo em que é colocado o profeta Daniel. Por outro lado, se o livro de Daniel foi escrito entre 167 a 164 d.C., então temos que o seu autor “serviu-se de documentos anteriores” para redigir seu texto. Ademais, é bem provável que esse livro tenha mais de um autor, porquanto foi escrito em três línguas. Poderia também ter sido organizado por um autor, com textos de outros do passado.

Vejamos agora o que contém na ***Bíblia de Jerusalém***:

[...] **O livro [de Daniel] teria sido composto**, portanto, durante a perseguição de Antíoco Epífanes e antes da morte dele, antes mesmo da vitória da insurreição macabaica, isto é, **entre 167 e 164**.

Nada há no resto do livro que contradiga esta data. Os relatos da **primeira parte** situam-se na época caldeia, mas **certos sinais mostram que o autor está bastante longe dos acontecimentos**. Baltazar é filho de Nabônides e não de Nabucodonosor, como diz o texto, e nunca teve o título de rei. Dario, o Medo, é desconhecido dos historiadores e não há lugar para ele entre o último rei caldeu e Ciro, o Persa, que já havia vencido os medos. O ambiente neobabilônico descrito com termos de origem persa; **até mesmo os instrumentos da orquestra de**

Nabucodonosor trazem nomes transcritos do grego. As datas apresentadas no livro não concordam entre si, nem com a história tal como a conhecemos, e parecem ter sido postas no início dos capítulos sem grande preocupação com a cronologia. O autor utilizou tradições, orais ou escritas, que circulavam em sua época. Os manuscritos do mar Morto contém fragmentos dum ciclo de Daniel, que tem semelhanças com o livro canônico, em particular uma prece de Nabônides, que recorda Dn 3,31-4,34, em que o nome de Nabucodonosor substitui o de Nabônides. **O autor, ou suas fontes, apresentou como herói destas histórias piedosas certo Daniel ou Dan'el, que Ez 14,14-20 e 28,3** cita como justo e sábio dos tempos antigos e que é mencionado também nos poemas de Râs Shamra, escritos no século XIV antes da nossa era.

[...].

O livro destina-se a sustentar a fé e a esperança dos judeus perseguidos por Antíoco Epífanes. Daniel e seus companheiros foram submetidos às mesmas provas: abandono das prescrições da Lei (1) e tentações de idolatria (3 e 6): saíram vencedores delas e os antigos perseguidores tiveram de reconhecer o poder do verdadeiro Deus. O perseguidor moderno é descrito com traços mais negros, mas quando a ira divina estiver satisfeita (8,19: 11,36), virá o Tempo do fim (8,17: 11,40), no qual o perseguidor será abatido 8,25; 11,45). Será o fim das desgraças e do pecado, e o advento do Reino dos santos,

governado por um “Filho de homem”, cujo império jamais passará (7). ⁽⁵²⁾

O livro de Daniel já não representa a verdadeira corrente profética. Não contém mais a pregação dum profeta enviado por Deus em missão junto de seus contemporâneos; **foi composto e imediatamente escrito por um autor que se oculta por detrás dum pseudônimo,** como já sucedera no opúsculo de Jonas. As histórias edificantes da **primeira parte** assemelham-se a uma categoria de escritos de sabedoria, da qual temos um exemplo antigo na história de José, no Gênesis, e um exemplo recente no livro de Tobias, escrito pouco antes de Daniel. As visões da **segunda parte** comunicam a revelação dum segredo divino, explicado pelos anjos, para os tempos futuros, num estilo propositadamente enigmático; este “livro selado” (12,4) inaugura plenamente o gênero apocalíptico que fora preparado por Ezequiel e que se difundirá na literatura judaica. **O Apocalipse de são João é o seu equivalente no Novo Testamento,** mas então são rompidos os selos do livro fechado (Ap 5-6), as palavras não são mais mantidas em segredo, pois “o tempo está próximo” (Ap 22,10) e espera-se a vinda do Senhor (Ap 22,20; 1 Cor 16,22). ⁽⁵³⁾

É interessante esta afirmativa “foi composto e imediatamente escrito por um autor que se oculta por detrás dum pseudônimo”, fato que, a nosso ver,

compromete a autenticidade do seu teor.

Quem sabe se em Daniel não temos aplicação prática do gênero apocalíptico mencionado na **Bíblia do Peregrino**, que citaremos mais à frente, mas aqui traremos somente este trecho:

[...] O apocalíptico se coloca numa conjuntura de mudança ou sobressalto decisivo. Olha para o passado e o divide em etapas sucessivas; contempla um presente de perigo e angústia crescentes, e abre a cortina do futuro próximo: o julgamento divino solene e a instauração do reinado do Senhor. **Agora entra a ficção: o autor se finge um personagem antigo, o passado reduzido a períodos se apresenta como predição, o futuro é predição.** [...]. ⁽⁵⁴⁾

Essa explicação poderia seguramente justificar a diferença temporal existente na narrativa de Daniel entre alguns fatos e a sua composição. Vejamos esta informação constante de **Profetas: Oseias, Amós, Isaías, Miqueias, Daniel, Jeremias, Ezequiel, Jonas e Zacarias**, da coleção Grandes heróis bíblicos:

Na Bíblia, Daniel aparece como um contemporâneo do rei Nabucodonosor, que invadiu

a Judeia no século 6 a.C. Mas estudiosos acreditam que o profeta viveu quatro séculos depois, quando Antíoco IV, de costumes pagãos, dominava a região. ⁽⁵⁵⁾ (itálico do original)

Essa informação é encontrada em outras fontes, como, por exemplo, na obra *Daniel, Uma Introdução e Comentário* de autoria de Joyce G. Baldwin (1921-1995), teóloga evangélica ⁽⁵⁶⁾.

Tomaremos da Introdução ao Apocalipse, constante da ***Bíblia de Jerusalém***, o seguinte trecho:

[...] Quanto à data de composição, admite-se bastante comumente que tenha sido composto durante o reinado de Domiciano, pelo ano 95; outros, e não sem alguma probabilidade, creem que pelo menos algumas partes já estariam redigidas desde o tempo de Nero, pouco antes de 70.

Seja que optemos pelo tempo de Domiciano, seja pelo de Nero, é indispensável, para bem compreender o Apocalipse, reinseri-lo no **ambiente histórico que lhe deu origem: um período de perturbações e de violentas perseguições contra a Igreja nascente**. Pois, **do mesmo modo que os apocalipses que o precederam (especialmente o de Daniel)** e nos quais

manifestamente se inspira, **é escrito de circunstância, destinado a reerguer e a robustecer o ânimo dos cristãos, escandalizados, sem dúvida, pelo fato de que perseguição tão violenta se tenha desencadeado contra a Igreja** daquele que afirmara: “Não temais, eu venci o mundo” (Jo 16,33). Para levar a efeito seu plano, João retoma os grandes temas proféticos tradicionais, especialmente o do “Grande Dia” de Iahweh (cf. Am 5,18+): ao povo santo, escravizado sob o jugo dos assírios, dos caldeus e dos gregos, dispersado e quase destruído pela perseguição, **os profetas anunciavam o dia da salvação, que estava próximo e no qual Deus viria libertar o seu povo das mãos dos opressores**, devolvendo-lhes não apenas a liberdade, mas também poderio e domínio sobre seus inimigos, que seriam por sua vez castigados e quase destruídos. [...]. ⁽⁵⁷⁾

Portanto, temos o mesmo padrão: não se trata de profecia para um tempo longínquo, mas ao vivido pelo personagem que tem por objetivo “reerguer e a robustecer o ânimo dos cristãos, escandalizados, sem dúvida, pelo fato de que perseguição tão violenta se tenha desencadeado contra a Igreja”.

Leiamos o que nos trazem como “Introdução” a esse livro, os tradutores da **Bíblia Sagrada -**

Pastoral:

O Apocalipse é de compreensão difícil, porque o autor faz largo uso de imagens, símbolos, figuras e números misteriosos. Isso pode ser facilmente entendido, quando vemos que o livro nasce dentro de uma situação difícil: o povo de Deus está sendo oprimido, perseguido e vigiado pelas estruturas de poder. Em tais circunstâncias não se pode falar claro principalmente porque o autor pretende mostrar a situação real e traçar uma estratégia de resistência e ação. As comunidades a que ele se dirige entendem essa linguagem, pois estão familiarizadas com o Antigo Testamento, onde o autor vai buscar os símbolos.
(⁵⁸)

Se como dito “o Apocalipse é de compreensão difícil”, que acreditamos ser uma referência aos estudiosos, ficamos perplexos diante de tamanha “facilidade” que vários espíritas explicam pormenorizadamente, como se o seu teor fosse em uma linguagem bem simples ao alcance de qualquer um. E, o que é pior, sempre apresentam-no como se ele contivesse revelações para o futuro, não daqueles que viveram na época em que foi escrito, mas a nós outros, vivendo vinte séculos depois.

Quem foi o autor do Apocalipse?

Mesmo que nesse estudo não tenhamos como objetivo uma profunda e extensa pesquisa desse tema específico, não poderemos deixar de analisar essa grave questão, que é mais um ponto que poucos espíritas têm conhecimento.

Para desvendarmos a autoria do Apocalipse, tomaremos esta orientação de Allan Kardec: “[...] quem quer esclarecer-se não deve colher ensinamentos de uma só fonte, porque só pelo exame e pela comparação se pode firmar um juízo.” (59)

Os tradutores da ***Bíblia de Jerusalém***, em a “Introdução ao Apocalipse”, explicam:

Os apocalipses tiveram grande êxito em certos ambientes judaicos (inclusive entre os essênios de Qumrã) nos dois séculos que precederam a vinda de Cristo. Preparado já pelas visões de profetas como **Ezequiel** ou **Zacarias**, o gênero apocalíptico desenvolveu-se no livro de **Daniel** e em numerosas obras apócrifas escritas em torno da era cristã. **O Novo Testamento guardou em seu cânon apenas um apocalipse, cujo autor menciona seu próprio nome: João (1,9), que o escreveu**

exilado na ilha de Patmos, por causa de sua fé em Cristo. **Uma tradição**, representada já por são Justino e amplamente difundida no fim do séc. II (santo Ireneu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, o Cânon de Muratori), **identifica-o com o apóstolo João, autor do quarto evangelho**. Mas até o séc. V as Igrejas da Síria, Capadócia e mesmo da Palestina **não parecem ter incluído o Apocalipse no cânon das Escrituras, prova de que não o consideravam obra de um apóstolo**; certo Caio, sacerdote romano do começo do séc. III, **chegou a atribuí-lo ao herege Cerinto**, mas talvez por razões polêmicas. Por outro lado, **se o Apocalipse de João apresenta parentesco inegável com os outros escritos joaninos, também se distingue claramente deles por sua linguagem, seu estilo e por certos pontos de vista teológicos (referentes sobretudo à Parusia de Cristo), a tal ponto que se torna difícil afirmar que procede imediatamente do mesmo autor. Não obstante tudo isso, sua inspiração é joanina, e foi escrito por alguém do círculo de discípulos imediatos do apóstolo e está impregnado de seu ensinamento**. Não se pode duvidar de sua canonicidade. Quanto à data de composição, admite-se bastante comumente que tenha sido composto durante o reinado de Domiciano, pelo ano 95; outros, e não sem alguma probabilidade, creem que, pelo menos, algumas partes já estariam redigidas desde o tempo de Nero, pouco antes de 70. ⁽⁶⁰⁾

Mesmo sendo fácil a qualquer pessoa perceber

que a linguagem no Apocalipse é bem diferente da do autor do Evangelho de João, se vê que querem amenizar isso dizendo ter um “parentesco inegável”. Será que estão fingindo que não sabem que João era “iletrado de pai e mãe” (61)? Além disso, não se pode também esquecer que essa obra foi escrita em grego.

Na ***Bíblia do Peregrino***, lemos:

Quem escreve se autodenominou João (1,1.4.9; 22,8), e diz estar confinado numa ilha por confessar Jesus Cristo. **Sendo João um nome tão frequente, presta-se a múltiplas identificações.** Na Antiguidade se apresentou o apóstolo e evangelista, por sua autoridade apostólica, garantia de canonicidade, e por ser escritor. As dúvidas e negações surgiram quando se começou a desviar a interpretação do milênio (Dionísio de Alexandria, morto em 264, e Eusébio de Cesareia). Hoje continuamos a unir esse livro às cartas e ao evangelho num “corpo joanino”; **mas são poucos os que atribuem esse livro ao apóstolo João, embora convergem como válido o nome de outro João.** O autor se diferencia dos apóstolos (18,20: 21,14). **As coincidências de linguagem com o evangelho de João não são numerosas – a mais notável é o título de Cordeiro** para designar Jesus Cristo – e se explicam facilmente se o autor pertenceu ao círculo de João. (62)

No Evangelho Segundo João, quem identificou Jesus como o título de Cordeiro foi o profeta João Batista e não o seu autor, fato que veremos um pouco mais à frente. Entendemos que isso faz a grande diferença, que o tradutor não conseguiu perceber, certamente mais preocupado em sustentar as tradições da sua igreja. Entretanto, ele confirma que “são poucos os que atribuem esse livro ao apóstolo João, embora convergem como válido o nome de outro João”, ou seja, admite que a maioria dos estudiosos não têm João Evangelista como o autor do Apocalipse.

Na ***Bíblia Sagrada - Vozes***, encontramos o seguinte:

O autor se apresenta como “João” (1,1.4.9; 22,8), alguém bem conhecido dos leitores. Justino (150 dC) o identifica com João apóstolo, opinião que se tomou comum no II e III séculos. As dúvidas sobre a origem apostólica e canonicidade do livro começaram no III século devido ao uso que dele fizeram as heresias do montanismo e milenarismo. Em consequência, o livro foi atribuído a João, presbítero de Éfeso. A tradição em geral concorda em atribuir o Ap ao apóstolo João. Os exegetas contemporâneos estão divididos. Uns negam, em razão das

diferenças de linguagem e teologia, que a mesma pessoa tenha escrito o IV Evangelho e o Ap; outros pensam que Jo e o Ap dependem do apóstolo, mas foram redigidos por um discípulo de João. Outros, ainda, supõem duas ou mais etapas de redação do Ap, entre 70 e 96 dC. O certo é que o Ap foi escrito por um profeta judeu-cristão, chamado João (talvez o presbítero João de Éfeso, mencionado por Papias), e que viveu algum tempo na Ásia Menor, durante o governo do imperador Domiciano (81-96). ⁽⁶³⁾

Depois de colocar as várias vertentes, concluiu-se que “o certo é que o Ap foi escrito por um profeta judeu-cristão, chamado João (talvez o presbítero João de Éfeso, mencionado por Papias)”, o que, mais uma vez, demonstra que a autoria não é de João Evangelista. Essa vertente, cujos poucos defensores não têm base firme que a sustente, ainda sobrevive por tradição.

Vejamos as opiniões de quatro estudiosos bíblicos:

1) **Pepe Rodríguez**, jornalista de investigação, especialista em religiões comparadas, em ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia***

Foi Manipulada, explica:

[...] Resta João Zebedeu que foi, também ele, apóstolo. Acontece, contudo, que **o Evangelho de João e o Apocalipse não são obra sua, mas de um outro João. Foram escritos por um tal João, o Ancião, um grego cristão** que se baseou não só em textos hebreus e essênios, como nas recordações que conseguiu obter de João, o *Sacerdote*, identificado como “o discípulo amado” de Jesus (mas que não é João Zebedeu), um sacerdote judeu muito amigo de Jesus que foi viver para Éfeso e onde veio a morrer em idade muito avançada. [...]. ⁽⁶⁴⁾

2) **Hugh J. Schonfield** (1901-1988) foi um cidadão britânico especializado no estudo do Novo Testamento e da *Bíblia* em geral, destacando-se em seus estudos sobre o desenvolvimento inicial da religião cristã e da Igreja Católica, cuja obra ***El Nuevo Testamento Original*** é citada por Pepe Rodríguez:

Como escreve Schonfield ⁽⁶⁵⁾, “A Revelação (ou Apocalipse) de Jesus Cristo é um espécime tão extraordinário desta literatura [gênero literário apocalíptico], que **o seu autor, além de ser forçosamente um especialista, tinha de estar intimamente familiarizado com o templo e os**

seus mistérios, e ser perito na interpretação escatológica do Cântico de Moisés (Dt 32). Esse autor pensa em hebreu, e os sons de certas palavras hebraicas entram nas suas visões. **O grego de que se serve não é particularmente literário. Se o nome de João, com que o livro designa o vidente e narrador, não for um pseudônimo, poderá com toda a propriedade designar João, o Sacerdote, ‘o discípulo dilecto’ de Jesus [...], discípulo do pregador profético dos Últimos Tempos, João Baptista** ⁽⁶⁶⁾, o que torna muito provável a sua associação com os grupos místico-proféticos judeus, assim como com os essênios. **O quarto Evangelho sugere também que esse autor pertencia a uma família sacerdotal, [...]** dado ser pouco verosímil que alguém que não fosse sacerdote soubesse tanto a respeito do Templo de Jerusalém, como mostra saber o autor da Revelação”. ⁽⁶⁷⁾

Essa relação de João, o sacerdote, discípulo de João Batista é curiosa e aponta para um detalhe interessante, conforme se pode ver tomando-se o passo mencionado, cujo João citado é o tesbita:

João 1,35-40: *“No dia seguinte, João se achava lá de novo, com dois dos seus discípulos. Ao ver Jesus que passava, disse: ‘Eis o **Cordeiro de Deus**’. Os dois discípulos ouviram-no falar e seguiram a Jesus. Jesus voltou-se e, vendo que eles o seguiam, disse-lhes: ‘Que estais*

procurando?’ Disseram-lhe eles: ‘Rabi (que, traduzido, significa Mestre), onde moras?’ Disse-lhes: ‘Vinde e vede’. Então eles foram e viram onde morava, e permaneceram com ele aquele dia. Era a hora décima, aproximadamente. André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram as palavras de João e seguiram a Jesus.”

Hugh J. Schonfield, certamente, faz uma relação entre a expressão “o Cordeiro de Deus” utilizada por João Batista ⁽⁶⁸⁾ (ressalte-se que nos quatro Evangelhos é o único que faz isso) e o autor do Apocalipse tendo-o como um discípulo do tesbita, uma vez que, por 26 vezes, ele designa Jesus com o termo “Cordeiro”.

3) **Geza Vermes**, professor emérito da Universidade de Oxford, é considerado um dos maiores especialistas acadêmicos sobre Manuscritos do Mar Morto e história do cristianismo. Na obra **As Várias Faces de Jesus**, lemos:

O Livro da Revelação ou Apocalipse se pretende obra de um visionário chamado João (Ap 1:1, 4, 9; 22:8), recipiente de revelações na ilha egeia de Patmos, na costa asiática da Turquia. Ele pertencia à escola do autor do Quarto

Evangelho sem ser exatamente a mesma pessoa. A identidade do autor e o caráter canônico dos escritos foram objeto de uma controvérsia que perdurou por alguns séculos na igreja primitiva, mas finalmente o *Livro da Revelação* acabou fazendo parte do Novo Testamento.

Existem vínculos claros entre este trabalho e o Evangelho de João. Cristo é comumente designado pelo símbolo joanino “o Cordeiro”, e uma vez é chamado de “o Verbo de Deus” (Ap 19:13). Por outro lado, **linguisticamente é impossível atribuir as duas composições a um único autor, e a estrutura conceitual geral da Revelação é totalmente diferente do Evangelho; trata-se de um texto apocalíptico judeu adaptado para crentes em Jesus Cristo.** Suas imagens apocalípticas evocam frequentemente os Manuscritos do Mar Morto. [...]. ⁽⁶⁹⁾

4) **Bart D. Ehrman**, professor de estudos da religião da Universidade da Carolina do Norte e uma autoridade nas pesquisas sobre a *Bíblia* e Jesus. Das suas obras transcrevemos:

a) ***Evangelhos Perdidos***

O nome João também era comum. Embora o Evangelho e as epístolas de João não declarem ser de alguém com esse nome, **o Apocalipse o diz (ver Ap. 1;9). Porém, o autor não alega ser**

João, filho de Zebedeu, um dos apóstolos de Jesus. Na verdade, em uma cena, “João” tem uma visão do trono de Deus cercado por 24 anciãos que o adoram para sempre (Ap. 4:4,9-10). Considera-se geralmente que esses anciãos se referem aos doze patriarcas de Israel e aos doze apóstolos. O autor, no entanto, não dá nenhuma indicação de ver a si mesmo. Provavelmente, então, ele não era o apóstolo. Dessa forma, **o livro é um homônimo em relação a João** e, posteriormente, foi aceito por cristãos como canônico porque eles acreditavam que o autor era, de fato, o apóstolo terreno de Jesus. ⁽⁷⁰⁾

b) **Quem Escreveu a Bíblia?: Porque os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São**

O caso mais famoso é o livro do Apocalipse. **Um acadêmico cristão de Alexandria (Egito), do século III, chamado Dionísio argumentou que o livro, na verdade, não fora escrito pelo discípulo João, filho de Zebedeu. O argumento de Dionísio era bom e continua a ser bom para os estudiosos de hoje.** ⁽⁷¹⁾ Ele sustentava que o estilo de redação do livro é tão diferente daquele do Evangelho de João que eles não poderiam ter sido escritos pela mesma pessoa (**estudiosos modernos discordam de Dionísio apenas em pensar que também o evangelho provavelmente não foi escrito por João**). Dionísio, segundo o pai da Igreja, Eusébio, teve uma série de

predecessores que **argumentaram que o Apocalipse tinha sido escrito não por outro homem chamado João, mas por um herege chamado Cerinto**, que falsificou o relato com o intuito de promover seu falso ensinamento de que havia um futuro paraíso de mil anos sobre a Terra. ⁽⁷²⁾ ⁽⁷³⁾

Um texto “homônimo” (literalmente, “mesmo nome”) é aquele escrito por alguém que por acaso tem o mesmo nome de outra pessoa. No mundo antigo, a imensa maioria das pessoas tinha os mesmos prenomes. Isso era verdade entre os cristãos, como entre todos os outros. Muitas pessoas se chamavam João, Tiago e Judas, por exemplo. Se alguém chamado João escreveu o Apocalipse e chamou a si mesmo de João, não estava necessariamente alegando ser qualquer outro que não ele mesmo. Quando cristãos posteriores supuseram que aquele João tinha de ser o discípulo João, filho de Zebedeu, a culpa não foi do autor. Ele por acaso apenas tinha o mesmo nome de outra pessoa mais famosa. O livro, portanto, não é falsificado. É apenas homônimo, supondo que João, filho de Zebedeu, não o escreveu, uma suposição segura para a maioria dos acadêmicos críticos. Ele foi incluído no cânone por causa da sua identidade equivocada. ⁽⁷⁴⁾

c) **Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?:
Mais Revelações Inéditas Sobre as**

Contradições da Bíblia

Há dois tipos de textos falsamente atribuídos. Alguns são livros escritos anonimamente que leitores, editores ou escribas posteriores alegaram, equivocadamente, terem sido escritos por alguém famoso; **outros são livros escritos** anonimamente por alguém que por acaso tem o mesmo nome de alguém famoso. **No mundo antigo, a maioria das pessoas não tinha sobrenome, de modo que “João” poderia se referir a qualquer um** entre centenas ou milhares de pessoas. **Se um autor chamado João escreveu um livro e depois alguém disse que esse João na verdade era João, filho de Zebedeu (como alguns alegaram no caso do livro do Apocalipse), seria uma falsa atribuição com base em homonímia.** (12) ⁽⁷⁵⁾

A nota explicativa 12, tem o seguinte teor:

Eu já indiquei que o Apocalipse era um dos oito livros certamente escritos sob o nome de seu verdadeiro autor, por não alegar ser de João, o filho de Zebedeu. **Muitos cristãos posteriores que o aceitaram como parte do cânone achavam que era de um outro João, conhecido como João, o Velho.** [...]. ⁽⁷⁶⁾

d) **O Problema Com Deus**

Bart Ehrman também afirma que “O último dos

Evangelhos a ser escrito foi o de João, escrito por outra pessoa que não o João que escreveu o livro do Apocalipse.”, ao que conclui explicando:

Isso tem sido reconhecido pelos estudiosos desde o segundo século cristão. Estudiosos modernos destacaram que a visão do fim dos tempos é radicalmente diferente no Evangelho de João e no Apocalipse – o primeiro não tem nenhuma das ênfases apocalípticas do segundo, mas vê a “vida eterna” como uma realidade presente (não futura). Além das diferenças teológicas, também **há óbvias diferenças nos estilos literários** entre os dois livros (em grego). **O Evangelho de João foi escrito por alguém fluente em grego; o livro do Apocalipse não é bem redigido e parece ter sido criado por alguém que não tinha o grego como língua materna.** (77)

Todos esses estudiosos não aceitam João Evangelista como sendo o autor do Apocalipse, certamente, não por puro achismo, mas como fruto de seus estudos e pesquisas – pelo menos é o que nós conseguimos perceber.

Encontramos no israelense David Flusser (1917-2000) uma explicação inusitada para a autoria do Apocalipse. Flusser foi professor de cristianismo

primitivo e judaísmo do período do segundo templo da Universidade Hebraica de Jerusalém, autor da obra ***O Judaísmo e as Origens do Cristianismo - Vol. II***, da qual transcrevemos:

O Livro do Apocalipse, o último do Novo Testamento, foi escrito por um judeu-cristão depois da destruição do Templo, na época do imperador Domiciano. Documento da literatura apocalíptica, seu caráter basicamente judaico foi reconhecido: está escrito na tradição dos apocalípticos judeus. **A composição do livro é estranha:** embora ele termine com a descrição da salvação final, é impossível encontrar nele algum fio concreto da narrativa. Os acontecimentos contidos no Livro do Apocalipse têm, muitas vezes, seu próprio peso, e tem-se a sensação de que houve repetições no livro. Isso é causado pelo fato de que há aqui fragmentos de esquemas escatológicos, seguindo-se uns aos outros ou entrelaçados uns nos outros. **Essa situação incomum é causada pelo fato de que o autor utilizou várias fontes e uni-as, resumindo-as,** usando apenas parte delas e misturando a elas os fragmentos que ele mesmo criou e reescreveu parcialmente? ⁽⁷⁸⁾ ⁽⁷⁹⁾

Muito curiosa a afirmativa “o autor utilizou várias fontes e uni-as, resumindo-as” o que demonstrar não ser um livro inspirado. Ademais,

designa o autor como “João de Patmos”, obviamente, nada tem a ver com o João Evangelista.

Em nota de rodapé a esse parágrafo, explicamos David Flusser:

Eberhart Vischer, *Die Offenbarung Joahannis, eine jüdische Apokalypse in christlicher Bearbeitung*, TU II, 3, 1886, 2ª ed. 1895, reconheceu o caráter judaico que está por trás do Livro do Apocalipse, mas **estava errado ao supor que o livro é obra de um único autor judeu, com interpolações cristãs**. Não apenas o impacto cristão não pode ser eliminado, de maneira mecânica, do livro, mas também **está claro que o livro é composto de material de diferentes origens**. O melhor comentário do Livro do Apocalipse é *Die Offenbarung Johannis*, de W. Bousset, Göttingen, 1906. Bousset é um adepto da “hipótese de fragmentos” e está certo. **Ele não pôde ver que João de Patmos usou fontes mais extensas, das quais pegou passagens e incluiu-as em diferentes partes do seu livro, como mostraremos em nosso estudo**. Um bom exemplo do enfraquecimento contemporâneo do senso de crítica literária é o interessante comentário de Heinrich Kraft, *Die Offenbarung des Johannes*, Tübingen, 1974. Quanto à pesquisa sobre o Livro do Apocalipse, ver O Böcher, *Die Johannesapokalypse*, Darmstadt, 1975. O comentário mais recente do Livro do Apocalipse é *Revelation, Introduction, Translation and*

Commentary, de J. Massyngberde Ford, 1975, Nova Iorque (The Anchor Bible). **A tese da obra é que se trata de um livro basicamente judeu, derivado de João Batista e seus discípulos.** Ver também U. B. Müller, *Messias und Menschensohn in jüdischem Apoklypsen und in der Offenbarung des Joannes*, Gütersloh, 1972, pp. 157-216. ⁽⁸⁰⁾

Confirma o que dissemos e ainda, ao final do parágrafo, pode-se perceber outra explicação a autoria de Apocalipse.

Na **Revista Espírita 1868**, mês de abril, foi publicada a mensagem intitulada “Os mortos sairão de seus túmulos”, assinada por João Evangelista, da qual destacamos o seguinte:

Povos, escutai!... **Uma grande voz se faz ouvir** de um canto ao outro dos mundos; é a do precursor anunciando a vinda do Espírito de Verdade que vem endireitar os caminhos tortuosos onde o Espírito humano se desvia em falsos sofismas. **É a trombeta do anjo** vindo despertar os mortos para que saiam de seus túmulos.

Frequentemente, **tendes lido a revelação de João**, e vos perguntastes: Mas o que quer dizer? Como, pois, se cumprirão essas coisas surpreendentes? E vossa razão confundida, se enfia numa tenebrosa complicação de onde não pode sair, porque **queríeis tomar ao pé da letra o**

que estava dado num estilo figurado.

Agora que o tempo chegou, em que uma parte dessas predições vai se cumprir, aprendeis, pouco a pouco, a ler nesse livro onde o discípulo bem-amado consignou as coisas que lhe havia sido dado ver. No entanto, as más traduções e as falsas interpretações vos embaraçarão ainda um pouco, mas, com trabalho perseverante, chegareis a compreender o que, até o presente, havia sido para vós letra fechada.

[...].

O Espiritismo é esta voz poderosa que já ressoa até as extremidades da Terra; todos a ouvirão. [...].

[...]. (JOÃO O EVANGELISTA; Paris, 1866.) ⁽⁸¹⁾

João o Evangelista, o Espírito signatário dessa mensagem, trata o autor do Apocalipse como sendo outra pessoa, age da mesma forma ao se utilizar da expressão “discípulo bem-amado”.

Se não tivéssemos visto tudo acima, acharíamos que ele apenas usa a terceira pessoa para designar a si mesmo, porém, entendemos que, na verdade, para ele o autor da Revelação é bem outra pessoa.

Certamente, poder-se-á questionar; mas não

validará as previsões do Apocalipse como algo a acontecer no futuro. O que temos dito é que os Espíritos não estão para nos revelar coisas que cabe a nós descobrirmos. Assim, utilizam-se de crenças comuns para passarem suas mensagens.

Isso é fácil de se observar, por exemplo, em Jesus:

*“Ele [Jesus] replicou: ‘Uma geração má e adúltera’ busca um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, exceto o sinal do profeta Jonas. Pois, como **Jonas esteve no ventre do monstro marinho** três dias e três noites, assim ficará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra.”* (Mateus 12,39-40)

Não vamos crer que isso, ou seja, que *“Jonas esteve no ventre do monstro marinho [grande peixe]”* tenha realmente acontecido, não é mesmo? Temos um texto sobre esse mitológico episódio, que poderá ser visto em nosso site ⁽⁸²⁾.

Do que trata o gênero literário apocalíptico?

Buscaremos a resposta em estudiosos e tradutores bíblicos que podem, com muita propriedade e competência, nos explicar do que se trata.

Em *Como Jesus se Tornou Deus*, Bart D. Ehrman, diz o seguinte:

Um dos aspectos mais importantes do judaísmo para o entendimento do Jesus histórico é a visão de mundo difundida e compartilhada por muitos judeus da época, que os estudiosos chamam de *apocalipsismo*. O termo vem da palavra *apocalipse*, que significa “revelação” ou “desvendamento”. **Os apocalipsistas judeus acreditavam que Deus havia lhes revelado segredos celestiais que podiam dar sentido a realidades terrenas.** Em particular, estavam convencidos de que **Deus interviria muito em breve neste mundo de dor e sofrimento para derrubar as forças do mal** no controle desta era, e para trazer um reino onde não mais haveria miséria ou injustiça. **Essa visão de mundo apocalíptica está bem atestada em fontes judaicas por volta da época de Jesus; é uma visão proeminente nos Manuscritos do Mar Morto** – um conjunto de textos descoberto em

1947, produzido por judeus mais ou menos do tempo de Jesus e não muito longe de onde ele viveu – e entre outros textos judaicos fora da Bíblia; era a visão de João Batista; era a visão dos fariseus; era a visão amplamente aceita por todo o mundo de Jesus. Vou resumir aqui quatro dos principais dogmas dessa visão antes de mostrar que o próprio Jesus quase com certeza a defendia.
(⁸³)

Isso é fácil de constatar por tudo quanto estamos trazendo nessa pesquisa. E mais especificamente, em ***Evangelhos Perdidos***, Bart D. Ehrman fala o seguinte a respeito de gênero literário apocalíptico entre os judeus:

Os apocalípticos judaicos, porém, sustentavam que Deus logo interviria e derrotaria essas forças do mal em uma demonstração cataclísmica de poder, destruindo todos que se lhe opusessem, incluindo os reinos que estavam causando o sofrimento do seu povo. Ele traria então um novo reino, no qual não haveria mais pecado, sofrimento, mal ou morte. Esses apocalípticos sustentavam que os que estavam sofrendo precisavam aguentar só um pouco mais, pois Deus logo os defenderia e lhes daria uma recompensa eterna em seu Reino. Quando seria esse logo? “Em verdade vos digo que, dos que

aqui estão, alguns há que não provarão a morte sem que vejam chegando o Reino de Deus com poder.” Essas são palavras de Jesus (Mc 9:1), provavelmente o apocalíptico judeu mais famoso da Antiguidade. Ou, como ele diz mais tarde: “Em verdade vos digo, não passará essa geração sem que todas essas coisas aconteçam” (Mc 13:30). ⁽⁸⁴⁾

A isso que Bart Ehrman disse, para que as coisas se tornem bem claras, completaremos com o que ele fala em ***História da Bíblia: a Origem do Cânon do Novo Testamento***:

V. Quando o livro do Apocalipse é lido como um apocalipse antigo, a mensagem faz sentido considerável.

A. Em termos de enredo básico a João, um profeta terreno, é mostrado as realidades celestes sobre o que está prestes a acontecer na Terra: de desastres, catástrofes e destruição desenfreada, até o fim, quando Cristo voltar em juízo sobre o mal e a todos aqueles sob sua influência.

B. O ponto mais importante a salientar é que este **não foi escrito como um modelo para o nosso próprio futuro: Ele foi escrito para os cristãos da época.**

C. Isto pode ser visto especialmente na simbologia que vem a ser explicada pelo mediador angélico no livro.

1. Como um exemplo: A prostituta da Babilônia no capítulo 17 refere-se à exploração política e econômica do mundo que estava passando sob o poder de Roma.

2. E o Anticristo – 666 – é na verdade uma referência para o primeiro imperador anticristão, César Nero, as letras de cujo nome somadas dão 666.

D. O ponto do livro é que aqueles que experimentam dificuldades e perseguição na época eram de se manter um pouco mais de tempo, porque Deus logo interviria na história, derrubaria as forças do mal e trará o seu bom e eterno reino à terra.

VI. O livro do Apocalipse foi um livro para o seu próprio tempo, e não deve ser arrancado de seu próprio contexto histórico e feito para falar sobre algo que o autor não tinha em mente, o nosso próprio futuro aqui no início do século 21, cerca de 1.900 anos depois que foi composto. ⁽⁸⁵⁾

É importante destacar que os apocalípticos judaicos não tratavam de previsões para um futuro longínquo, mas de um imediato, que se cumpriria naquela geração a qual se fazia a revelação, o que certamente delimita o teor do Apocalipse de João, seja ele quem for, a esse contexto histórico.

Em outra obra de Bart Ehrman, cujo título é ***Quem Escreveu a Bíblia?: Porque os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São***, encontramos mais estas explicações:

[...] **Um apocalipse** (do grego, que significa “revelação”, “descoberta”) **é um texto que revela a verdade do reino celestial aos mortais** para ajudá-los a compreender o que acontece aqui na Terra. **Algumas vezes essa verdade é revelada por meio de visões bizarras e simbólicas que o autor supostamente tem e são explicadas por uma espécie de intérprete angelical.** Um exemplo é o livro de Daniel, da Bíblia hebraica. **Em outros casos, o autor teria sido levado ao céu para ver as grandes verdades do reino divino que dão sentido aos acontecimentos horrendos que acontecem aqui na Terra.** Um exemplo cristão é o livro Apocalipse no Novo Testamento.

Estes livros têm como objetivo inspirar esperança em seus leitores. Embora as coisas pareçam totalmente fora de controle aqui na Terra, embora haja muita dor, infelicidade e sofrimento, embora guerras, fomes, epidemias e catástrofes naturais estejam esmagando a raça humana, **embora as coisas pareçam inteiramente fora das mãos de Deus, a despeito de tudo isso, tudo se passa de acordo com o plano. Deus logo consertará tudo o que está errado.** Se as pessoas suportarem um pouco mais, sua **confiança em Deus dará frutos**, e Ele interferirá

no curso dos acontecimentos aqui na Terra para restaurar a paz, a justiça e a alegria eternas.

Apocalipses são quase sempre escritos sob pseudônimo com o nome de algum personagem religioso renomado do passado.

⁽⁸⁶⁾ Nos círculos cristãos, temos apocalipses em nome de Pedro, Paulo e do profeta Isaías. Em círculos judaicos, apocalipses em nome de Daniel, Enoque, Abraão e mesmo Adão! Os estudiosos costumam alegar que esses livros não podem ser considerados falsificações porque **escrevê-los com pseudônimos fazia parte do trabalho**; o gênero literário, de certa forma, exigia que fossem escritos por alguém que “conhecesse” essas coisas, ou seja, alguém em alta conta junto a Deus. Mas considero essa visão simplista demais. **A realidade é que os antigos de fato acreditavam que eram escritos pelas pessoas que alegavam estar escrevendo, como veremos repetidamente nos antigos testemunhos.** ⁽⁸⁷⁾ Os autores desses livros também sabiam disso. **Eles assumiam nomes falsos justamente porque seus escritos se mostravam mais eficazes dessa forma.** ⁽⁸⁸⁾

Destacamos, por ser algo importante, que Bart Ehrman coloca num mesmo patamar o livro de Daniel e o Apocalipse de João, explicando o objetivo de tais obras: “Estes livros têm como objetivo inspirar esperança em seus leitores.”

Especificamente com relação ao livro de Daniel, Bart Ehrman em ***Como Jesus se Tornou Deus*** e em ***Quem Escreveu a Bíblia?: Porque os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São***, fornece-nos importantes explicações:

O livro de Daniel é algo como uma versão da Bíblia Hebraica para o livro Apocalipse – **um livro que os fundamentalistas modernos pensam estabelecer um plano para a história humana até os nossos tempos. Estudiosos críticos veem-no como algo de fato bem diferente, como um livro de seu próprio tempo e lugar.** O pretense cenário do livro de Daniel é o século VI a.C. – embora alguns estudiosos há muito estejam convencidos de que o livro na verdade não foi escrito naquela época, mas séculos depois, em II a.C. Nesse livro, **Daniel é retratado como um judeu cativo levado para o exílio da Babilônia, o império mundial que destruiu sua terra natal em 586 a.C. [...].** ⁽⁸⁹⁾

[...] O livro de Daniel é atribuído em parte ao profeta Daniel durante o cativeiro da Babilônia, no século VI a.C. **Mas não há como ele ter sido escrito nessa época.** Por mais de cem anos os estudiosos apresentaram motivos claros e convincentes para acreditar que **foi escrito quatrocentos anos depois, no século II a.C., por alguém falsamente alegando ser Daniel.** [...]. ⁽⁹⁰⁾

Completaremos essas explicações de Bart Ehrman tomando de sua outra obra intitulada **Problema Com Deus**, o seguinte trecho:

De certo modo um texto complicado, **o livro de Daniel contém uma série de histórias sobre o profeta e homem sábio Daniel, que teria vivido no século VI a.C.**, na época do exílio babilônico e do reino persa. Porém, **os estudiosos concordam que o livro na verdade não foi produzido nessa época.** Uma boa parte do livro foi escrita em aramaico e em uma forma posterior de hebraico – sugerindo uma data muito posterior. Ainda mais importante, o simbolismo do livro é em grande parte voltado contra Antíoco Epifanes e sua repressão aos judeus. Assim, o livro normalmente é datado de meados do século II a.C. ⁽⁹¹⁾ ⁽⁹²⁾

Os apocalipses eram obras literárias nas quais um profeta descrevia visões que tivera. Essas visões **eram quase sempre expressas em um simbolismo bizarro de difícil interpretação** (horrendas feras selvagens e afins). Mas invariavelmente um intérprete angelical está por perto para oferecer algumas chaves explicativas. Alguns apocalipses descrevem uma viagem que aquele que tem visão faz pelos reinos celestes, nos quais vê em reflexos celestes o que acontece na terra (há um pouco disso no livro do Apocalipse). Em outros casos, ele recebe uma sequência de acontecimentos que são interpretados como uma espécie de linha do tempo do que acontecerá no

futuro (como aqui em Daniel). Como era verdade no caso dos profetas escritores hebraicos, **os profetas apocalípticos estão falando para sua própria época – não estão olhando bolas de cristal e fazendo previsões para épocas milhares de anos à frente. Na maioria dos casos (nem todos), os videntes apocalípticos escrevem seus relatos sob pseudônimos – alegando serem algum famoso personagem religioso do passado. Isso dá alguma credibilidade aos seus relatos** – pois a quem mais seriam revelados segredos celestiais a não se àqueles mais perto de Deus, os grandes homens de Deus do passado? E assim, como dissemos, temos apocalipses supostamente escritos por Moisés, Elias e mesmo Adão; depois temos apocalipses supostamente escritos por Isaías, Pedro e Paulo.

Uma das vantagens de ter uma pessoa famosa do passado escrevendo um apocalipse é que os acontecimentos futuros que ela vê na verdade são da época do verdadeiro autor, já acontecidos. Consequentemente, as “previsões” que o autor disfarçado supostamente faz com certeza se realizam: elas já aconteceram!

Assim, o livro de Daniel nos dá um apocalipse. Ele foi escrito sob pseudônimo na época da Revolta dos Macabeus, quanto Antíoco Epífanes estava profanando o santuário, tentando obrigar os judeus a não mais obedecerem à Lei e perseguindo aqueles que recusavam a cooperar. É uma visão com um simbolismo bizarro,

explicada por um anjo, na qual o “futuro” supostamente é previsto por um profeta do século VI; na realidade, porém, a maioria dos acontecimentos “futuros” são acontecimentos *passados* para o verdadeiro autor do século II. O valor desse tipo de previsão ficcional é que quando o autor vai em frente com o que acontecerá a seguir, em sua própria época, não fica a impressão de que ele deixou de falar sobre o que historicamente já aconteceu para antecipar o que vai acontecer a partir de então, no futuro. **O leitor lê *tudo* como uma previsão do futuro; e como todo o resto descrito já se tornou realidade (como precisa ter sido, já que o autor sabe o que aconteceu no passado)**, a previsão do que acontecerá a seguir parece também ter a garantia de que vai acontecer. ⁽⁹³⁾ (itálico do original)

Com essas colocações, que Ehrman nos fornece, temos elementos para que possamos proceder um julgamento bem mais consentâneo do livro de Daniel, e por tabela, dos Apocalipses.

Em ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada***, Pepe Rodríguez, temos um complemento para essas informações:

Relativamente ao Apocalipse ou Revelação

(que, na realidade, são termos sinónimos), importa salientar que **se trata de um livro que pertence a um género específico de escritos judaicos, chamados apocalípticos**, que estiveram muito em voga por volta de 160 a.C. e que **se caracterizam pelo fulgor das suas visões e pela simbologia utilizada nos seus relatos**. Esta simbologia é, aliás, **de origem babilónica e persa**. Acontece, contudo, que **os redactores judeus foram levados a ampliar e a adaptar esses símbolos para os poder utilizar no contexto monoteísta e messiânico peculiar em que viviam**. Era um tipo de literatura que, muitas vezes, servia para conferir força dramática a factos ocorridos (ou que ainda estavam a acontecer) e igualmente para revestir de uma linguagem profética ocorrências anda por sobrevir. ⁽⁹⁴⁾

Diante do exposto, entendemos que as descrições dos apocalipses somente dizem respeito a intenção de provar que há, de fato, um controle de Deus sobre os acontecimentos; portanto, as suas simbólicas narrativas não deveriam ser tomadas à conta de previsões de acontecimentos futuros, em que a geração destinatária já tenha sido substituída por outras mais novas.

Transcrevemos da obra ***O Apocalipse é História*** (CELD, 2013), de autoria do escritor espírita

Sebastião Pinheiro Martins, os seguintes trechos:

[...] Para seus primeiros leitores cristãos, contudo, não teria havido muita dúvida de que aquelas visões proféticas relatadas por João **não só diziam respeito a fatos que ocorreriam em breve, mas que também retratavam a presente situação em que viviam e mesmo o passado recente do Império Romano.** [...].

Se hoje o Apocalipse nos parece de difícil leitura, isso se deve apenas à nossa distância cultural e histórica dos eventos ali relatados, uma vez que **o livro remete a fatos ocorridos nas últimas décadas do século I.** [...].

Partindo dessas premissas, defendo aqui, neste ensaio, a hipótese de que *o Livro do Apocalipse não deve ser interpretado como profecia de um Juízo Final a se cumprir séculos depois de ter sido escrito, mas como um retrato alegórico da situação histórica testemunhada por seu autor.* [...].⁽⁹⁵⁾

[...] **muito do estilo e simbologia utilizada no *Apocalipse* joanino não eram novos e remetiam a textos proféticos mais antigos, principalmente ao *Livro de Daniel.***⁽⁹⁶⁾

Na sua forma atual, *o Livro de Daniel* foi concluído por volta de 164 a.C., composto em parte a partir de contos anteriores sobre Daniel que circularam entre cerca de 280 a 180 a.C., e também a partir de profecias correntes entre 168 e

164 a.C. O autor **descreve acontecimentos recentes ou contemporâneos sob a forma de profecias supostamente pronunciadas, vários séculos antes, no reinado de Nabucodonosor II (605-562 a.C.)**. Esse procedimento, conhecido como *vaticinia ex eventu*, é característico das literaturas apocalípticas: aumenta a fé nas profecias e, por conseguinte, ajuda os fiéis a suportarem as provações presentes. ⁽⁹⁷⁾ Trata-se do **mesmo método utilizado posteriormente por João Evangelista ao compor seu Apocalipse cristão**, e é por isso que agora estamos nos detendo em um exame mais pormenorizado de Daniel. ⁽⁹⁸⁾

Interessante que o prof. Pinheiro Martins, fala o que Bart Ehrman disse, corroborando a história.

Visando esclarecimento em virtude de ser possível considerar que o livro de Daniel tenha sido escrito antes do século III a.C., por constar da Septuaginta, recorreremos à obra ***A Bíblia judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia***, na qual o autor Julio Trebolle Barrera, no cap. 3 – A Versão Grega da Septuaginta, no tópico “Lugar, data, autores e propósito da tradução”, diz o seguinte:

A versão do Pentateuco grego, conhecida como versão da LXX, foi realizada em Alexandria

provavelmente em meados do século III a.C., durante o reinado de Ptolomeu II Filadelfo (285-247 a.C.). [...].

[...].

A designação de “versão da LXX” **referia-se, no início, somente à tradução do Pentateuco. Os demais livros bíblicos foram traduzidos mais tarde, até meados ou, no máximo, o final do século II aC.** [...]. Recolhe, conseqüentemente, traduções de diversos autores. ⁽⁹⁹⁾ (itálico do original)

Acreditamos que isso esclarece a questão de a datação da Septuaginta ser mencionada como no Século III e II a.C., ou seja, no primeiro período, somente o Pentateuco mosaico, no segundo os restantes dos livros que compõem o cânon hebraico.

Vejamos agora a ***Bíblia de Jerusalém*** em cuja “Introdução” ao livro Apocalipse os tradutores dizem:

O termo “apocalipse” é a transcrição duma palavra grega que significa revelação; todo apocalipse supõe, pois, uma revelação que Deus fez aos homens, **revelação de coisas ocultas e só por ele conhecidas, especialmente de coisas referentes ao futuro.** É difícil definir exatamente a fronteira que separa o gênero apocalíptico do profético, do qual, de certa forma, ele não é mais

que prolongamento; mas enquanto os antigos profetas ouviam as revelações divinas e as transmitiam oralmente, o autor de um apocalipse recebia suas revelações em forma de visões, que consignava em livro. Por outro lado, **tais visões não têm valor por si mesmas, mas pelo simbolismo que encerram, pois em apocalipse tudo ou quase tudo tem valor simbólico: os números, as coisas, as partes do corpo e até as personagens que entram em cena.** Ao descrever a visão, o vidente traduz em símbolos as ideias que Deus lhe sugere, procedendo então por acumulação de coisas, cores, números simbólicos, sem se preocupar com a incoerência dos efeitos obtidos. **Para entendê-lo, devemos, por isso, apreender a sua técnica e retraduzir em ideias os símbolos que ele propõe, sob pena de falsificar o sentido de sua mensagem.**

[...].

[...] **é indispensável, para bem compreender o Apocalipse, reinseri-lo no ambiente histórico que lhe deu origem:** um período de perturbações e de violentas perseguições contra a Igreja nascente. Pois, do mesmo modo que os apocalipses que o precederam (especialmente o de Daniel) e nos quais manifestamente se inspira, **é escrito de circunstância, destinado a reerguer e a robustecer o ânimo dos cristãos,** escandalizados, sem dúvida, pelo fato de que perseguição tão violenta se tenha desencadeado contra a Igreja daquele que afirmara: “Não temais, eu venci o mundo” (Jo 16,33). **Para levar a efeito seu plano, João retoma os grandes temas**

proféticos tradicionais, especialmente o do “Grande Dia” de Iahweh (cf. Am 5,18+): ao povo santo, escravizado sob o jugo dos assírios, dos caldeus e dos gregos, dispersado e quase destruído pela perseguição, **os profetas anunciavam o dia da salvação, que estava próximo e no qual Deus viria libertar o seu povo das mãos dos opressores**, devolvendo-lhes não apenas a liberdade, mas também poderio e domínio sobre seus inimigos, que seriam por sua vez castigados e quase destruídos. **No momento em que João escreve, a Igreja**, o novo povo eleito, **acaba de ser dizimada por sangrenta perseguição** (6,10-11; 13; 16,6; 17,6), **desencadeada por Roma e pelo império romano (a Besta)**, mas por instigação de Satanás (12; 13,2-4), o Adversário por excelência de Cristo e do seu povo. A visão inaugural descreve a majestade de Deus que reina no céu, senhor absoluto dos destinos humanos (4) e que entrega ao Cordeiro o livro que contém o decreto de extermínio dos perseguidores (5); a visão prossegue com o anúncio da invasão de povos bárbaros (os partos), com seu tradicional cortejo de males: guerra, fome e peste (6). Os fiéis de Deus, porém, serão preservados (7,1-8; cf. 14,1-5), à espera de gozarem no céu, de seu triunfo (7,9-17; cf. 15,1-5). Entretanto, Deus, que quer a salvação dos pecadores, não os destruirá imediatamente, mas lhes enviará uma série de pragas para adverti-los, como fizera contra o Faraó e os egípcios (8-9; cf. 16). Esforço inútil: por causa de seu endurecimento, Deus destruirá os ímpios perseguidores (17), que procuravam corromper a

terra, induzindo-a a adorar Satanás (alusão ao culto dos imperadores da Roma gentílica); seguem-se uma lamentação sobre Babilônia (Roma) destruída (18) e cantos de triunfo no céu (19,1-10). Nova visão retoma o tema da destruição da Besta (a Roma perseguidora), realizada desta vez por Cristo glorioso (19,11-21). Então inicia-se um período de prosperidade para a Igreja (20,1-6), que terminará com novo assalto de Satanás contra ela (20,7s), o aniquilamento do Inimigo, a ressurreição dos mortos e seu julgamento (20,11-15) e finalmente o estabelecimento definitivo do Reino celeste, na alegria perfeita, depois de aniquilar a morte (21,1-8). Uma visão retrospectiva descreve o estado de perfeição da nova Jerusalém durante seu reinado sobre a terra (21,9s).

Esta é a interpretação histórica do Apocalipse, seu sentido primeiro e fundamental. [...]. ⁽¹⁰⁰⁾

Deve-se situar o teor dessa obra aos acontecimentos do século I, quando nasce o cristianismo, nada de previsão para eventos de um futuro mais distante do que esse século. Não podemos abandonar a razão e a lógica para cair no viés mítico.

Na **Bíblia do Peregrino**, encontramos a seguinte explicação no tópico “Gênero” da

Introdução do livro Apocalipse:

A primeira palavra do texto é apocalipse, o que equivale à definição de livro para sua classificação, porque **o apocalipse é um gênero bem definido**. No AT tem só um representante, Daniel, o resto são apócrifos. **O apocalíptico se coloca numa conjuntura de mudança ou sobressalto decisivo. Olha para o passado e o divide em etapas sucessivas; contempla um presente de perigo e angústia crescentes, e abre a cortina do futuro próximo:** o julgamento divino solene e a instauração do reinado do Senhor. **Agora entra a ficção: o autor se finge um personagem antigo, o passado reduzido a períodos se apresenta como predição, o futuro é predição.** Até aqui o trabalho é intelectual; agora começa, com variável êxito, o trabalho da fantasia. Os períodos são traduzidos em imagens coerentes e articuladas; **o futuro próximo**, por ser desconhecido, se descreve com imagens convencionais.

[...].

O autor quer avisar e alentar seus irmãos cristãos para a grave prova que se avizinha. Já houve perseguições e mártires (2,13; 6,9); sobrevém a grande prova dos fiéis (3,10), quando o imperador exige adoração e entrega (13,4,16-17; 19,20). [...]. ⁽¹⁰¹⁾

Vê-se, portanto, que esse tradutor ⁽¹⁰²⁾ corrobora o importante ponto de que as previsões

são um alerta “para a grave prova que se avizinha”, nada de coisa para um futuro que seja posterior àquela geração.

Da **Bíblia Sagrada - Ave-Maria**,
transcrevemos:

Este livro é considerado pela maioria dos leitores como o mais difícil de compreender e o mais misterioso de toda a Bíblia. Ele é, com efeito, bastante enigmático, mas **sua interpretação pode tornar-se mais clara, se se levar em conta, de um lado, o gênero literário utilizado pelo autor e, de outro, a circunstância em que a obra foi escrita.**

A situação dos cristãos da Ásia era, naquela época, das mais críticas. As perseguições já tinham começado. Por outro lado, muitos cristãos, que esperavam uma próxima libertação pelo retorno glorioso do Cristo, verificavam com tristeza que esse retorno demorava e que seu termo era quase indefinidamente adiado. Tomados de angústia, começavam a perder a esperança de encontrar um dia a independência religiosa.

O apóstolo João, fazendo de seu livro uma mensagem de reconforto e de encorajamento e, ao mesmo tempo, um manifesto contra o paganismo reinante, quer anunciar aos seus leitores a inevitável oposição do mal e do bem sobre a terra, e predizer a vitória de Deus, decisiva e certa, embora realizada no sofrimento e

na morte. Para esse fim, ele **lança mão de um recurso literário muito usado entre os judeus** desde há dois séculos aproximadamente, do qual se pode ver um exemplo no livro de *Daniel*. **Esse gênero literário foi chamado gênero apocalíptico, porque apresenta aos olhos do leitor uma série de visões, ou revelações muito simbólicas, tendo um sentido oculto. Não se trata de dar uma descrição antecipada de acontecimentos futuros, mas de apresentar uma mesma realidade sob vários símbolos diferentes.** Essas visões se supõem outorgadas a um personagem que, dessa maneira, recebe comunicação das intenções divinas sobre os destinos do mundo. Tudo isso é feito numa linguagem intencionalmente figurada e misteriosa, para provocar uma atenção mais viva no leitor.

Sua leitura será menos desconcertante, se desde o começo for indicado o simbolismo de várias dessas imagens empregadas, por exemplo:

O cordeiro simboliza o Cristo; a mulher, a Igreja cristã; o dragão, as forças hostis ao Reino de Deus; as duas feras (cap. 13), o império romano e o culto imperial; a fera (cap. 17) simboliza Nero; a Babilônia, a Roma pagã; as vestes brancas, a vitória; o número 3 ½, coisa nefasta ou caduca.

Entretanto, esses símbolos não são exclusivos: o Cristo é às vezes mostrado como o “Filho do Homem” ou um “cavaleiro”.

O *Apocalipse* não deve, portanto, ser tomado como uma história contemporânea escrita no “tempo futuro” (verbo); ele não é tampouco

uma revelação clara e definitiva do futuro: é uma mensagem sobrenatural (velada em símbolos, representando tanto o passado, como o presente e o futuro), concernente a um período indefinido que separa a ascensão de Jesus de sua volta gloriosa. Ele anuncia aos fiéis a impossibilidade de escapar à luta e ao sofrimento, às perseguições e ao fracasso aparente no plano terrestre, à realidade da salvação que lhe será concedida no meio de suas obrigações, e à vitória final, obra de Cristo ressuscitado que venceu a morte. ⁽¹⁰³⁾

Muito clara a posição de que o Apocalipse “Não se trata de dar uma descrição antecipada de acontecimentos futuros, mas de apresentar uma mesma realidade sob vários símbolos diferentes”, por isso não deve ser visto como “uma revelação clara e definitiva do futuro”, já que trata de fatos contemporâneos.

A **Bíblia Sagrada - Vozes** finaliza nossa consulta às bíblias; dela trazemos esta explicação:

“Apocalipse” é uma revelação feita por Deus a um visionário, a ser transmitida aos homens para lhes comunicar coisas ocultas. **O gênero literário apocalíptico**, muito em voga no judaísmo entre os anos 200 a.C. e 200 d.C., **caracteriza-se pela linguagem misteriosa, cheia de símbolos,**

visões e aparições celestes. Nesse gênero, estranho para nós, os detalhes concretos de uma descrição, as cores e os números, assumem dimensões simbólicas que devem ser traduzidas intelectualmente. Assim, nos detalhes da descrição de Ap 1,13-16 divisam-se as prerrogativas do Filho do homem: a túnica representa a dignidade sacerdotal, o cinto de ouro o poder real, os olhos chamejantes a ciência perfeita; quanto às cores (1,6-8), o branco simboliza a vitória, o vermelho a violência, o preto a morte, etc.

Sem citar expressamente, o Ap recorre continuamente à apocalíptica judaica e ao AT. Serve-se sobretudo do Ex, como protótipo das grandes libertações do povo de Deus; de Dn, para descrever as perseguições contra a Igreja; e de Ez, donde extrai a maioria dos símbolos e imagens.

[...].

O livro foi escrito em período de crise (6,9-11) e de violenta perseguição (7,9-14) na qual muitos cristãos perderam a vida. As perseguições de Nero (64-68) e de Domiciano (81-96) provocaram sérias dúvidas nos fiéis sobre a realidade do reino de Deus, o valor da morte de Cristo e o triunfo do Ressuscitado sobre as forças do mal (Jo 16,33). **O autor quer reafirmar a certeza da vitória de Cristo e trazer uma mensagem de esperança para os perseguidos,** o “Evangelho eterno” (14,6) válido para todos os tempos. **O Senhor da história cumprirá seu plano de estabelecer uma comunhão de vida eterna com os eleitos.** Os mortos ressuscitarão

para serem julgados “cada um segundo suas obras” (20,11-15). Então Deus “enxugará as lágrimas” dos olhos dos eleitos e “a morte não mais existirá” (21,1-8; cf. 7,13-17). Nesta expectativa, a Igreja, o novo povo messiânico (7,9-17; 19,1-9), deve seguir a Cristo (14,4) fielmente até o martírio (2,10-13; 2,28), clamando com fé: “Vem, Senhor Jesus!” (22-17.20).

O Ap é antes de tudo um livro de seu tempo, escrito a partir de seu tempo e para o seu tempo, e não propriamente para as gerações futuras. Mas é válido para todos os tempos, pois fornece um certo número de dados e reflexões histórico-teológicas de perene atualidade. Eles condicionam e iluminam o drama da luta incessante de Satã contra Deus e o seu povo. ⁽¹⁰⁴⁾

O ponto central do gênero apocalíptico não muda, nas explicações se mantém a afirmação objetiva de que “O Ap é antes de tudo um livro de seu tempo, escrito a partir de seu tempo e para o seu tempo, e não propriamente para as gerações futuras.”

Aliás, certas previsões só fazem sentido se os que a elas são dirigidos estiverem vivos para comprovar sua realização. Ah!, sim poderão se apoiar na reencarnação para justificar um futuro

mais longínquo, mas se nascemos com o esquecimento do passado é como se nada soubéssemos das consequências de não tomarmos o caminho correto, tornando as advertências sem nenhum efeito prático.

Considerações sobre algumas passagens

Vejamos, então, passagens desse livro que tratam do assunto que estamos estudando.

Apocalipse 1,1-11: *“Revelação de Jesus Cristo: Deus Iha concedeu **para que mostrasse aos seus servos as coisas que devem acontecer muito em breve**. Ele a manifestou com sinais por meio de seu Anjo, enviado ao seu servo João, o qual atesta tudo quanto viu como sendo a Palavra de Deus e o Testemunho de Jesus Cristo. Feliz o leitor e os ouvintes das palavras desta profecia, se observarem o que nela está escrito, **pois o Tempo está próximo**. João, às sete Igrejas que estão na Ásia: a vós graça e paz da parte d'Aquele-que-é, Aquele-que-era e Aquele-que-vem’, da parte dos sete Espíritos que estão diante do seu trono, e da parte de Jesus Cristo, a Testemunha fiel, o Primogênito dos mortos, o Príncipe dos reis da terra. Àquele que nos ama, e que nos lavou de nossos pecados com seu sangue, e fez de nós uma Realeza e Sacerdotes para Deus, seu Pai, a ele pertencem a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém. **Eis que ele vem com as nuvens, e todos os olhos o verão, até mesmo os que o***

transpassaram, e todas as tribos da terra baterão no peito por causa dele. Sim! Amém! Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, 'Aquele-que-é, Aquele-que-era e Aquele-que-vem', o Todo-poderoso. Eu, João, vosso irmão e companheiro na tribulação, na realeza e na perseverança em Jesus, encontrava-me na ilha de Patmos, por causa da Palavra de Deus e do Testemunho de Jesus. **No dia do Senhor fui movido pelo Espírito**, e ouvi atrás de mim uma voz forte, como de trombeta, ordenando: 'Escreve o que vês, num livro, e envia-o às sete Igrejas: a Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia'."

Em explicação a essa passagem, colocam-nos:

O Apocalipse é um livro lido e explicado nas reuniões das comunidades cristãs. Seu conteúdo é urgente, porque com a morte e ressurreição de Jesus a história está chegando ao fim e Deus vai julgar e implantar o seu Reino. A missão de João é a de todos os cristãos: profetizar, anunciando a Palavra de Deus e continuando o testemunho de Jesus Cristo. ⁽¹⁰⁵⁾

Isso reafirma o que já nos colocaram no contexto geral.

Destacamos que, logo de início, nos versículos

1 e 2, é dito que a revelação se refere a “**as coisas que devem acontecer muito em breve.** [...].” Entretanto, passaram-se quase dois mil anos e nenhuma hecatombe aconteceu nesse “muito em breve”, ou seja, “o tempo está próximo” que provocasse “fim do mundo”, já que é o que pensam conter o Apocalipse.

Recomendamos o elucidativo vídeo do teólogo prof. Fábio Sabino intitulado “**O Apocalipse e Suas Curiosidades. Tema: O Tempo Está Próximo**”⁽¹⁰⁶⁾.

Apocalipse 19,11-21: “*Vi então o céu aberto: eis que apareceu um cavalo branco, cujo montador se chama 'Fiel' e 'Verdadeiro'; ele julga e combate com justiça. Seus olhos são chama de fogo; sobre sua cabeça há muitos diademas, e traz escrito um nome que ninguém conhece, exceto ele; veste um manto embebido de sangue, e o nome com que é chamado é Verbo de Deus. Os exércitos do céu acompanham-no em cavalos brancos, vestidos com linho de brancura resplandecente. Da sua boca sai uma espada afiada para com ela ferir as nações. Ele é quem as apascentará com um cetro de ferro. Ele é quem pisa o lagar do vinho do furor da ira de Deus, o Todo-poderoso. Um nome está escrito sobre seu manto e sobre sua coxa: Rei dos reis e Senhor dos senhores. Vi*

*depois um Anjo que, de pé no sol, **gritou** em alta voz a todas **as aves que voavam** no meio do céu: 'Vinde, **reuni-vos** para o grande **banquete** de Deus, **para comer carnes** de reis, carnes de capitães, carnes de poderosos, carnes de cavalos e cavaleiros, carnes de todos os homens, livres e escravos, pequenos e grandes'. Vi então a Besta reunida com os reis da terra e seus exércitos para guerrear contra o Cavaleiro e seu exército. A Besta, porém, foi capturada juntamente com o falso profeta, o qual, em presença da Besta, tinha realizado sinais com que seduzira os que haviam recebido a marca da Besta e adorado a sua imagem: ambos foram lançados vivos no lago de fogo, que arde com enxofre. Os outros foram mortos pela espada que saía da boca do Cavaleiro. E as aves todas se fartaram com suas carnes”.*

Já sabemos que alguém poderá falar que aqui, nesta passagem, não se fala nada em fim do mundo. Entretanto, resolvemos colocá-la por dois motivos. Primeiro, para que você confirme que a linguagem desse livro é difícil, totalmente simbólica e figurada.

Segundo, a explicação que a **Bíblia de Jerusalém** traz a essa passagem é que tem a ver com o que estamos falando, cujo título é: “O primeiro combate escatológico”, a qual explicam:

Eis-nos no fim dos tempos. Depois da queda de Babilônia, profetizada (14,8.14-15) e realizada (16,19-20; 17,12-14), Cristo fiel (3,14+) cumpre o Dia de Iahweh (Am 5,18+), exterminando os inimigos da Igreja. Sua figura (vv. 11-16) inspira-se com as descrições precedentes (12, 5; 14,6-20; 17,14), em diversas profecias. ⁽¹⁰⁷⁾

Ou seja, nos informam que estavam no fim dos tempos, colocando-o naquela época.

Iakov Abramovitch Lentsman (1908-1967), historiador soviético, em **A Origem do Cristianismo**, afirmou o seguinte:

O Apocalipse fala com insistência do Juízo Final e do triunfo da verdadeira fé com data muito próxima, e tem o cuidado de prevenir, desde as primeiras linhas, que “as coisas que ele vai revelar devem acontecer logo” (*Apocalipse* 1,1) Diz, várias vezes, em nome de Jesus: “Eis que virei muito breve!”, “o tempo está próximo” etc (XXII, 12 e noutros lugares.) Depois de cada uma dessas advertências, acrescenta que se dará a cada um “segundo o que é sua obra”. O *Apocalipse* de João, como os apocalipses devidos a outros autores, dedica-se a descrever, e com o maior número possível de detalhes concretos, as punições que o céu reserva aos incrédulos, a luta contra os demônios, as cenas do Juízo Final, e, finalmente, a beatitude dos fiéis na nova Jerusalém, “descida do

céu”.

Esse era um meio extremamente atuante de propaganda religiosa, tanto para estimular a fé dos cristãos, como para converter aos pagãos. Quanto mais próximo parecia o dia do Juízo Final, mais adeptos conquistaria a predicação do cristianismo...

Os primeiros cristãos nutriam a esperança de ser recompensados ainda durante a sua vida, por sua fidelidade aos ensinamentos do Cristo. Esta esperança da recompensa para os justos, e de castigo para os pecadores, representados por Roma e suas classes exploradoras, num futuro próximo, tornava o cristianismo primitivo radicalmente diferente das religiões precedentes.
(¹⁰⁸)

Lentsman confirma o fato de que pensavam viver os últimos dias.

Mas, antes de finalizar esse tópico, cabe-nos acrescentar, por oportuno, mais um importante estudioso. Trata-se de Bart Ehrman, considerado a maior autoridade em Novo Testamento da atualidade, do qual transcrevemos o seguinte trecho de sua fala sobre o Apocalipse de João constante de suas obras, fora *Evangelhos Perdidos*, uma vez que já mencionamos:

1ª) Em ***O Que Jesus Disse? O Que Jesus Não Disse?: Quem Mudou a Bíblia e Por Quê***, explicando a respeito dos apocalipses cristãos, diz:

[...] Paulo (juntamente com outros apóstolos) ensinava que Jesus estava perto de voltar dos céus para fazer o julgamento da Terra. **O fim iminente de todas as coisas era uma fonte de fascinação constante para os primeiros cristãos, que de modo geral esperavam que Deus logo interviria nos assuntos do mundo para destruir as forças do mal e estabelecer seu reino, com Jesus à frente, aqui na Terra.** Alguns autores cristãos produziram relatos do que se passaria por ocasião desse fim cataclísmico do mundo, tal como o conhecemos. Havia precedentes judeus desse tipo de literatura “apocalíptica”. Por exemplo, o livro de Daniel, na Bíblia judaica, ou o livro de I Henoc, nos Apócrifos judeus. Por fim, dentre todos os apocalipses cristãos, um veio a ser incluído no Novo Testamento: o Apocalipse de João. [...]. ⁽¹⁰⁹⁾

2ª) Em ***O Problema Com Deus***, no tópico “O Apocalipse de João”, expõe o seguinte:

[...] **Mas a triste realidade é que não creio que o livro do Apocalipse – nem qualquer outro livro da Bíblia – tenha sido escrito pensando em nós. Ele foi escrito para as pessoas que viviam na época do autor. Ele não estava**

antecipando o surgimento do islamismo militante, a guerra contra o terror, uma futura crise do petróleo ou um eventual holocausto nuclear. **Ele estava antecipando que o fim chegaria na própria época do autor.** Quando o autor do Apocalipse esperava que o Senhor Jesus viesse “muito em breve” (Ap. 22,20), ele realmente queria dizer “muito em breve” – não 2 mil anos depois. **Apenas um sofisma posterior gerou a ideia de que “muito em breve” no caso de Deus significava “o futuro distante”!** – que “para o Senhor um dia é como mil anos e mil anos como um dia”, como o autor de 2 Pedro definiu (2Pd 3:8). Essa redefinição de que o “muito em breve” poderia significar faz sentido, claro. **Se o autor de Apocalipse, e outros profetas cristãos amigos como Paulo, achava que o fim chegaria imediatamente, e ele nunca chegou, o que mais poderia alguém fazer além de dizer que era “imediatamente” pelo calendário de Deus, e não pelos calendários terrestres?** ⁽¹¹⁰⁾

Fica evidente que o teor da revelação não é para acontecimentos num futuro longínquo, mas imediato, tipo “muito em breve”.

3ª) Em ***Quem Escreveu a Bíblia?: Porque os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São***, temos estas preciosas observações:

Outros falsificadores produziam trabalhos com objetivo mais nobres, como dar esperança aos seus leitores. **Uma das formas mais comuns de falsificação de escritos judaicos, na época do começo do cristianismo, era o gênero literário conhecido como apocalipse.** Um apocalipse (do grego, que significa “revelação”, “descoberta”) é um texto que revela a verdade do reino celestial aos mortais para ajudá-los a compreender o que acontece aqui na Terra. **Algumas vezes essa verdade é revelada por meio de visões bizarras e simbólicas que o autor supostamente tem e são explicadas por uma espécie de intérprete angelical.** Um exemplo é o livro de Daniel, da Bíblia hebraica. **Em outros casos, o autor teria sido levado ao céu para ver as grandes verdades do reino divino que dão sentido aos acontecimentos horrendos que acontecem aqui na Terra.** Um exemplo cristão é o livro Apocalipse no Novo Testamento.

Estes livros têm como objetivo inspirar esperança em seus leitores. Embora as coisas pareçam totalmente fora de controle aqui na Terra, embora haja muita dor, infelicidade e sofrimento, embora guerras, fomes, epidemias e catástrofes naturais estejam esmagando a raça humana, **embora as coisas pareçam inteiramente fora das mãos de Deus, a despeito de tudo isso, tudo se passa de acordo com o plano. Deus logo consertará tudo o que está errado.** Se as pessoas suportarem um pouco mais, sua confiança em Deus dará frutos, e Ele interferirá no curso dos acontecimentos aqui na Terra para restaurar a paz,

a justiça e a alegria eternas.

Apocalipses são quase sempre escritos sob pseudônimo com o nome de algum personagem religioso renomado do passado.

(¹¹¹) Nos círculos cristãos, temos apocalipses em nome de Pedro, Paulo e do profeta Isaías. Em círculos judaicos, apocalipses em nome de Daniel, Enoque, Abraão e mesmo Adão! Os estudiosos costumam alegar que esses livros não podem ser considerados falsificações porque escrevê-los com pseudônimos fazia parte do trabalho; o gênero literário, de certa forma, exigia que fossem escritos por alguém que “conhecesse” essas coisas, ou seja, alguém em alta conta junto a Deus. Mas considero essa visão simplista demais. A realidade é que os antigos de fato acreditavam que eram escritos pelas pessoas que alegavam estar escrevendo, como veremos repetidamente nos antigos testemunhos. (¹¹²) Os autores desses livros também sabiam disso. **Eles assumiam nomes falsos justamente porque seus escritos se mostravam mais eficazes dessa forma.** (¹¹³)

Agora as coisas se complicaram mais ainda, pois a própria autoria do Apocalipse é questionada por vários estudiosos como não sendo de João Evangelista.

Acreditamos que não se encontrará um só estudioso sério que não confirme essa história

de que esperavam o “fim dos tempos” para aquela época, e não para um futuro distante e incerto.

Sempre aparecem os apocalípticos, incluindo aí, nesse rol, os profetas da Bíblia, dizendo que o mundo vai acabar, alguns marcam até a data; porém, até hoje nada aconteceu, e assim, o evento que previram acontecer fica sendo postergado *ad æternum*.

Julgamos ser bem interessante ao nosso estudo colocar a visão espírita sobre o assunto. É o que faremos mais à frente.

O que a crítica bíblica teria a dizer?

Percebemos que bem poucos são os espíritas que se enveredam pela trilha do questionamento de temas bíblicos, muitos seguem o que os teólogos de antanho lhes passaram como sendo verdade, na maioria das vezes quando não apoiados em interpretações forçadas à conveniência dogmática, simplesmente, se baseiam em tradições.

Infelizmente abandonaram o senso crítico, do qual a razão e a lógica são bases fundamentais para interpretação e análise de todo e qualquer texto que se lê.

Do racionalismo, que emergiu nos séculos XVII e XVIII, surgiu o que se convencionou chamar de “Crítica Bíblica”, que assim é definida na [Wikipédia](#):

Crítica bíblica é o estudo e a investigação das escrituras bíblicas que procura discernir e discriminar julgamentos sobre essas escrituras. Basicamente, a crítica bíblica trata de responder a questões tais como: quando e onde um texto particular se originou; como, por quais razões, por quem, para quem e em que circunstâncias foi

produzido; que influências se expressam em sua produção; que fontes foram usadas em sua composição e qual a mensagem que o texto procura passar.

A crítica também se interessa pelo próprio texto, incluindo a investigação do significado das palavras e a forma como são usadas, sua preservação, história e integridade. Para isso, a crítica bíblica se vale de uma ampla gama de disciplinas acadêmicas, incluindo a arqueologia, antropologia, linguística etc. ⁽¹¹⁴⁾

Precisando um pouco mais o seu surgimento:

A crítica bíblica moderna começa no século XVII com filósofos e teólogos (Thomas Hobbes, Benedito Spinoza, Richard Simon e outros) que começaram a se perguntar quais seriam as origens do texto bíblico, especialmente do Pentateuco (os primeiros cinco livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio). ⁽¹¹⁵⁾

Geralmente, os que formam a denominada “Crítica Bíblica” são estudiosos de reconhecida capacidade em algum ramo do conhecimento humano, que se debruçam nos textos bíblicos buscando saber quando, onde e por quem foram escritos, a coerência e o estilo da linguagem, a

relação com fatos históricos, etc.

Na obra ***Como Jesus se Tornou Deus***, Bart Ehrman apresenta a seguinte informação:

[...] mostro que **a maioria dos estudiosos críticos** há mais de um século tem argumentado que **Jesus é melhor entendido como um profeta apocalíptico que previu a chegada iminente do fim de uma era**, quando Deus interviria na história e derrubaria as forças do mal para trazer seu reino do bem. [...]. ⁽¹¹⁶⁾

[...] Deus em breve interviria e instalaria seu reino do bem. Mas quando? Quanto era preciso esperar? “Na verdade lhes digo, alguns dos que aqui estão não provarão a morte sem que vejam chegado o reino de Deus com poder.” Estas são as palavras de **Jesus** em Marcos 9:1. **Ele pensava que o final apocalíptico chegaria muito breve, antes que todos seus discípulos estivessem mortos.** Ou, conforme diz em outra parte: “Na verdade lhes digo que não passará esta geração antes que todas estas coisas aconteçam” (Marcos 13:30). ⁽¹¹⁷⁾

É interessante saber que “a maioria dos estudiosos críticos” consideram Jesus como um profeta apocalíptico, conforme Bart Ehrman muito bem argumentou.

Um pouco mais à frente, Bart Ehrman nos informa:

[...] Nosso autor cristão mais antigo, conforme assinalei, foi **Paulo**. Ele estava totalmente imbuído do pensamento apocalíptico. **Tinha tanta certeza de que o fim estava próximo que achava que estaria vivo quando chegasse o dia do julgamento** (vide 1Ts 4:17; 1Co 15:51-53). ⁽¹¹⁸⁾

Portanto, fica bem demonstrado que essa era a crença vigente na época de Jesus.

Na obra ***Três Maneiras de Ver Jesus: a Maneira Histórica, a Mítica Literal e a Mítica Simbólica***, o autor José Pinheiro de Souza (1938-2014) nos dá um bom exemplo do que a crítica bíblica vem descobrindo ao mencionar o Seminário de Jesus, sobre o qual esclarece:

O **Seminário de Jesus** (SJ) é uma instituição composta por cerca de 100 **pesquisadores, altamente qualificados, que, há 26 anos, se dedicam à investigação científica dos Evangelhos**, em busca das palavras e ações autênticas de Jesus. ⁽¹¹⁹⁾

Entre as várias chocantes conclusões do

Seminário de Jesus, para exemplificação, destacamos estas três mencionadas por José Pinheiro:

[...] Os pesquisadores do SJ chegaram a concluir que **apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos podem ser realmente consideradas autênticas e que apenas 16% (dezesesseis por cento) do total de ações a ele atribuídas nos Evangelhos pode ser, de fato, consideradas autênticas**, ou seja, aproximadamente 82% das palavras e 84% das ações atribuídas a Jesus nos Evangelhos não são verdades históricas, mas crenças cristãs (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 1) ⁽¹²⁰⁾

Jesus não nasceu de uma virgem; os pesquisadores do SJ duvidam que Maria tenha concebido Jesus sem relação sexual. O pai de Jesus foi José ou algum outro homem desconhecido que seduziu a jovem Maria [...]. ⁽¹²¹⁾

O recenseamento mundial, a viagem para Belém, a estrela no oriente, os astrólogos [reis magos], a fuga para o Egito e o retorno do Egito, o massacre das crianças, os pastores nos campos e o parentesco com João Batista **são tudo ficções cristãs**. ⁽¹²²⁾

Certamente, que muitas das conclusões

emanadas do Seminário de Jesus escandalizam sobremaneira aos cristãos tradicionais, uma vez que não estão acostumados a questionamentos, porquanto caminham sob “uma vara dogmática”, que lhes impõe o que querem, sob ameaça de serem “[...] *lançados vivos no lago de fogo, que arde com enxofre*” (Apocalipse 19,20).

Outro ponto que poucos espíritas conhecem é que, segundo alguns críticos bíblicos, os nomes constantes dos títulos dos Evangelhos não designam seus autores, tema sobre o qual realizamos uma pesquisa que, no formato de ebook, está disponibilizada em nosso site. ⁽¹²³⁾

A obra ***O Evangelho de Jesus em Espírito e Verdade por J. Herculano Pires***, organizado por Célia Arribas, contém 100 respostas do jornalista às perguntas feitas pelos ouvintes do programa “No Limiar do Amanhã”. Transcrevemos o seguinte de sua análise do passo Apocalipse 22,08-09:

[...] o Apocalipse que é o último livro do Novo Testamento, como sabemos. **O Apocalipse é um dos livros de mais difícil discussão, de mais difícil debate, porque é de mais difícil**

interpretação. No meio religioso do cristianismo, em suas várias religiões, em suas várias seitas e ramificações, nós encontramos interpretações as mais diversas para as passagens, os versículos deste livro que é o Apocalipse de São João. Sabemos que João recebeu este apocalipse na Ilha de Patmos e que, ao recebê-lo, ele considerou que era o próprio Jesus quem estava lhe transmitindo uma mensagem profética através das alegorias que enchem todo este livro do Apocalipse de um brilho e de uma beleza estranha, cheio de imagens muitas vezes fulgurantes e, às vezes, assustadoras. Entretanto, **a verdade é que este livro se insere, por assim dizer, na sequência dos muitos apocalipses que naquele tempo eram publicados na Judeia.**

Houve na Judeia uma fase apocalíptica. Essa fase é bem definida pelos historiadores do cristianismo, por aqueles que pesquisaram o processo do advento e propagação do cristianismo em nosso mundo e que continuam estudando até hoje, descobrindo novos materiais de estudo, novas inscrições, novos documentos que possam ir esclarecendo pouco e pouco como nasceu e se propagou o cristianismo. Ora, o que se sabe em definitivo desde Renan, das pesquisas de Renan até as pesquisas atuais de Guignebert e outros, **o que se sabe em definitivo é que a era apocalíptica nos deu pelo menos uns cem ou mais apocalipses que se propagaram por toda Judeia.** Todos eles referiam-se a fatos espantosos, a **calamidades terríveis que iriam se abater sobre Jerusalém, sobre a cidade santa, sobre a**

Terra, e iriam transformar o mundo. Entretanto, o apocalipse de João, por ter sido aquele que o recebeu uma figura exponencial do cristianismo nascente, e um apóstolo que nos mostrou principalmente pelo seu evangelho, o Evangelho de João, a grandeza do seu espírito e ao mesmo tempo da sua inteligência, por ser, portanto, proveniente de um espírito dessa altura, dessa envergadura, o Apocalipse de João foi considerado muito especialmente pelos cristãos como um documento importante da profecia messiânica que começou com o advento de Jesus Cristo. Não obstante, **os historiadores do cristianismo acham que esse apocalipse se refere particularmente à época do império romano. Toda destruição que viria, toda modificação que surgiria estava sendo profetizada com referência à queda do império.** Por quê? Porque a queda do império era a morte de um mundo, do mundo antigo, de toda uma civilização assentada nos princípios da força, da violência, não obstante as tinturas de racionalismo e de direito que lhe foram dadas por gregos e romanos. Esse mundo bárbaro, esse mundo de matanças brutais, de lutas fratricidas, iria morrer. Então, **haveria a destruição total desse mundo e sobre ele, um novo mundo iria nascer** – como disse Victor Hugo em seu prefácio de sua peça Cromwell; iria nascer um novo mundo que surgiria do cadáver do mundo antigo. Ora, esse novo mundo que iria surgir é considerado no Apocalipse como a nova terra e o novo céu que vão aparecer. Realmente apareceram uma nova terra e um novo céu com o advento do cristianismo. ⁽¹²⁴⁾

Os argumentos Herculano Pires não poderíamos deixar de trazê-los para somar a esse estudo.

Relembremos esta importante fala de Allan Kardec, em **A Gênese**:

[...] **Caminhando de par com o progresso**, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. **Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.** ⁽¹²⁵⁾

Ora, se o Espiritismo acompanha o progresso científico, ele não pode também deixar de levar em conta o avanço nas várias áreas do conhecimento humano, incluindo, obviamente aquele que surgiu na questão da análise dos textos bíblicos: Não devemos fechar os olhos a essa realidade ou fingir que elas não existem simplesmente para nos manter agarrados a conceitos já ultrapassados pelos métodos atuais de análise crítica.

Provavelmente, surgirão alguns confrades contestando isso, tomando como base o fato de que

vários Espíritos se referem aos nomes como se fossem mesmo os autores verdadeiros. Sim, de fato, muitos o fazem, entretanto, tem-se que convir que levamos para o “lado de lá” tudo quanto aprendemos do “lado de cá”, mantendo-nos na mesma idiossincrasia que nos caracterizava. O desencarne não nos torna sábios e, muito menos, numa enciclopédia ou numa espécie de “Google Espiritual” que contém o conhecimento de tudo.

Em **Obras Póstumas**, no artigo “A minha primeira iniciação no Espiritismo”, Allan Kardec, a certa altura, diz:

Um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações foi que **os Espíritos, nada mais sendo do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral**; que o saber de que dispunham se circunscrevia ao grau, que haviam alcançado, de adiantamento, e **que a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal**. Reconhecida desde o princípio, esta verdade me preservou do grave escolho de crer na infalibilidade dos Espíritos e me impediu de formular teorias prematuras, tendo por base o que fora dito por um ou alguns deles. ⁽¹²⁶⁾

Portanto, jamais devemos nos esquecer de que, fora os Espíritos puros, todos os outros Espíritos falam apenas daquilo que aprenderam quando encarnados, dão apenas opinião pessoal e não têm “plena sabedoria, nem a ciência integral”.

Infelizmente, em nosso meio encontramos muitos espíritas que não levam em consideração o progresso científico, especialmente o relativo à análise crítica dos textos bíblicos, por acreditarem, ainda que inconscientemente, na infalibilidade de certos Espíritos, destacando aqueles que se manifestam por médiuns renomados, o que, como vimos, é contrário às orientações de Allan Kardec.

Por outro lado, não podemos deixar de considerar que muitas coisas que os Espíritos sabem, eles não nos revelam, deixando que nós as descubramos por conta própria ou ainda pelo motivo de não terem permissão para as revelar.

Até imaginamos a grande surpresa desses confrades se também lhes falarmos que as supostas profecias a respeito de Jesus são ajustes de seus seguidores para tentar provar à liderança religiosa

judaica que ele era o Messias esperado, o que não aconteceu, pois esses o têm apenas como um profeta.

Pesquisando-se os textos bíblicos, poderemos ver claramente que não existe nenhuma profecia direta a respeito de Jesus (¹²⁷).

É provável a existência de uma indireta, a que se refere à volta de Elias, antes do grande dia do Senhor (Malaquias 3,1.23), que Jesus disse ter sido cumprida por João Batista, o que, indiretamente, o coloca como sendo o Messias que viria nesse “grande dia do Senhor”.

Aliás, nem mesmo o Apocalipse escapou da tentativa de ser ligado a profecias (supostas) do Antigo Testamento, senão vejamos o que nos informa Pe. Matos Soares, tradutor da **Bíblia Sagrada - Paulinas**, edição de 1980:

Quanto à composição do livro, convém frisar sobretudo isto: que do início ao fim (especialmente nas visões) **vêm à tona símbolos, cenas e locuções tomadas de vários livros do Antigo Testamento, principalmente de Ezequiel e de Daniel.** Poder-se-ia comparar o Apocalipse a um

grandioso mosaico, cujas pedrinhas provêm do vasto repertório dos antigos autores bíblicos, mas reordenadas e dispostas segundo um harmonioso projeto, absolutamente novo e original. **Esse fato, além de nos dissuadir de procurar outras fontes fora da Bíblia para o Apocalipse; é também um modo indireto de insinuar que nos acontecimentos anunciados se realizarão decisiva e plenamente as profecias do Antigo Testamento.** ⁽¹²⁸⁾

Portanto, percebe-se que da mesma forma que procederam com Jesus, busca-se ligar o teor do Apocalipse às profecias do Antigo Testamento.

É oportuno esclarecer a questão das profecias. Recorramos ao escritor de renome internacional sobre temas religiosos e éticos o prof. Tom Harpur, que, em **O Cristo dos Pagãos**, afirma:

[...] As profecias hebraicas, é preciso lembrar, não diziam respeito a predizer, profetizar, vaticinar, prognosticar, prenunciar, pressagiar, mas a *projetar* (isto é, estavam relacionadas com os problemas imediatos. [...]). ⁽¹²⁹⁾ (grifo do original)

E, em **Transformando Água em Vinho**, Tom Harpur também explicita bem incisivo: “[...] O fim

dos tempos não era um acontecimento distante (por exemplo, dois mil anos depois, mas algo imediato”.
(¹³⁰) Mais à frente, afirma que:

[...] **Orígenes**, o grande estudioso da Bíblia e teólogo de Alexandria, no Egito, **critica redondamente a tolice do que leem de maneira estritamente literal as passagens das Escrituras sobre o fim dos tempos ou o Juízo Final.** [...].
(¹³¹)

Informação bem interessante essa sobre o pensamento de Orígenes.

Em ***O Apocalipse é História***, o prof. Pinheiro Martins, conclui que:

Ao contrário do que se pensa popularmente, o chamado *Livro das Revelações* ou *Apocalipse*, **não pretende ser uma profecia anunciando um suposto Juízo Final, programado para ocorrer mais de 2000 anos depois de ser anunciado**, mas cuja data seria desconhecida (ou melhor, só pode ser conhecida por Deus). **Trata-se, na verdade, da crônica da vida da Igreja primitiva e de suas aflições no primeiro século da era cristã**, codificação em um simbolismo que poderia ser facilmente compreendido pelos fiéis da época, mas cuja chave de interpretação hoje é desconhecida pela maioria das pessoas. Sua

decodificação, nos dias atuais, é tarefa mais de historiadores do que de teólogos. ⁽¹³²⁾

Na obra **Até Sempre Chico Xavier**, dona Nena Galves relata a entrevista que o médium concedeu a Hebe Camargo, que “foi ao ar pela Rádio Bandeirantes, como programa especial de Natal, no dia 19 de dezembro de 1985” ⁽¹³³⁾, da qual destacamos o seguinte trecho:

HEBE: Chico Xavier, nós estamos muito preocupados com o mundo de hoje. Enchentes, de repente secas terríveis, terremotos, catástrofes como as que aconteceram no México, na Colômbia, nos Estados Unidos. **Será isso tudo que acontece agora a indicação de que é chegado o fim e nós ainda não apercebemos?** Ou isso é um alerta, pois está enfraquecendo a fé que sempre existiu nos povos? Será que a falta de fé talvez esteja levando o mundo a essas catástrofes?

CHICO: Hebe, muitas vezes nós falamos em fim do mundo, mas **a verdade é que se houver um fim do mundo, este fim do mundo se debitará à ambição e o ódio entre os homens, mas não a uma Ordem Divina.** ⁽¹³⁴⁾

Trazemos essa fala de Chico Xavier (1910-

2002), pois é comum vermos pessoas ligadas às correntes cristãs tradicionais, e até mesmo espíritas, alegando que o *Apocalipse* trata do “fim do mundo” ou “fim dos tempos”, como se fosse um decreto Divino contra a Humanidade.

Chico Xavier foi de uma lucidez irrepreensível na colocação de que se existir um fim do mundo, esse não será por uma Ordem Divina. Sem a mínima reserva, nos alinhamos com ele, ainda que, dentro do movimento espírita, a nossa opinião seja algo equivalente a “um zero à esquerda”.

Identificação da Besta: a quem se refere o nº 666?

Em o capítulo 13 do **Apocalipse**, versículos 11 a 18, lemos:

*Vi depois outra Besta sair da terra: tinha dois chifres como um Cordeiro, mas falava como um dragão. Toda a autoridade da primeira Besta, ela a exerce diante desta. E ela faz com que a terra e seus habitantes adorem a primeira Besta, cuja ferida mortal tinha sido curada. Ela opera grandes maravilhas: até mesmo a de fazer descer fogo do céu sobre a terra, à vista dos homens. Graças às maravilhas que lhe foi concedido realizar em presença da Besta, ela seduz os habitantes da terra, incitando-os a fazerem uma imagem em honra da Besta que tinha sido ferida pela espada, mas voltou à vida. Foi-lhe dado até mesmo infundir espírito à imagem da Besta, de modo que a imagem pudesse falar e fazer com que morressem todos os que não adorassem a imagem da Besta. Faz também com que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos recebam uma marca na mão direita ou na frente, para que ninguém possa comprar ou vender se não tiver a marca, **o nome da***

Besta ou o número do seu nome. Aqui é preciso discernimento! Quem é inteligente calcule o número da Besta, pois é um número de homem: seu número é 666!

Não há dúvida que o autor de Apocalipse, seja ele quem for, atribui o número 666 à Besta, recomendando às pessoas inteligentes que o calcule para saber a que homem ele se refere.

Primeiramente, vejamos o que falam os tradutores bíblicos e alguns exegetas.

Os da ***Bíblia de Jerusalém***, na Introdução ao Apocalipse, identificam a besta no seguinte trecho:

[...] **No momento em que João escreve**, a Igreja, o novo povo eleito, acaba de ser dizimada por sangrenta perseguição (6,10-11; 13; 16,6; 17,6), **desencadeada por Roma e pelo império romano (a Besta)**, mas por instigação de Satanás (12; 13,2-4), o Adversário por excelência de Cristo e do seu povo. [...]. ⁽¹³⁵⁾

O versículo de Apocalipse 11,7 tem o seguinte teor: “Quando terminarem seu testemunho, **a Besta** que sobe do Abismo combaterá contra elas, vencê-las-á e as matará.” Em nota os tradutores explicam:

“O imperador Nero (cf 13,1.18; 17,8 e as notas), tipo de Anticristo.” ⁽¹³⁶⁾

No mencionado Apocalipse 13,18, onde lemos: *“Aqui é preciso discernimento! Quem é inteligente calcule o número da **Besta**, pois é **um número de homem**: seu **número é 666!**”*, explicam-nos, em nota de rodapé:

Em grego e em hebraico cada letra tinha um valor numérico segundo o lugar no alfabeto. O número de um nome é o total de suas letras. **Aqui ‘666’ seria César-Neron (em letras hebraicas); ‘616’ (var.), César-Deus (em letras gregas).** ⁽¹³⁷⁾

Chamamos a atenção para o fato de que é bem claro que o número 666 “é um número de homem” e, pelo que vimos antes, terá que se relacionar a alguém daquela época, para que o público leitor pudesse entender, e não de um personagem do futuro.

Na ***Bíblia do Peregrino***, temos a seguinte explicação para o versículo 13,18 de Apocalipse:

[...] Em 13,18 se lê **a famosa transposição numérica do nome: 666 corresponde às**

consoantes de neron kaisar. Pois bem, Nero não perseguiu os cristãos enquanto tais, mas como vítimas expiatórias do incêndio de Roma. Domiciano, porém, exigiu em todo o seu império honras divinas, “nosso Deus e Senhor”, em todo o seu império, e declarou delito capital o recusar a adoração. A lenda o considerou como um Nero redivivo (13,3). A maioria dos comentaristas se inclina por essa data. ⁽¹³⁸⁾

Na ***Bíblia Sagrada - Ave-Maria***, explica-nos:

Seiscentos e sessenta e seis; ou 616. Temos aí provavelmente um meio discreto para designar aos cristãos da Ásia, familiarizados com esses cálculos, um imperador, sem expor-se às acusações de lesa-majestade. Mas hoje temos perdido a chave do enigma; deixando de lado várias divagações, **uma das interpretações mais prováveis desse número é César Nero**, tomado como um tipo dos perseguidores. Demais, três seis sugerem simbolicamente um domínio falho, inferior à perfeição expressa pelo número 7. ⁽¹³⁹⁾

Na ***Bíblia Sagrada - Barsa***, em nota de rodapé, relativo ao passo Apocalipse 13,18, lemos:

Seiscentos e sessenta e seis: se o significado deste número era de fácil compreensão para os leitores de S. João que tinham elementos para

interpretá-lo com segurança, não acontece o mesmo conosco. **A interpretação tida hoje como mais provável é que vê nele a representação do nome Cesar Nero, escrito com letras hebraicas.** A soma dos números correspondentes a essas letras perfaz o total de 666. ⁽¹⁴⁰⁾

As informações dos tradutores convergem para o mesmo ponto, ou seja, que o número da besta se refere ao imperador romano Nero.

Bart D. Ehrman, em ***O Problema Com Deus***, argumenta que:

Vejamos outra imagem. No capítulo 13, lemos sobre outra besta, uma que se ergue do mar (mais uma vez, lembrem-se da quarta fera de Daniel). E está escrito que ele tem sete chifres e sete cabeças. E tem um enorme poder sobre a terra. Uma de suas cabeças (isto é, um de seus governantes) teria recebido um “golpe mortal” e então se curado. Toda a terra venera a besta, mas ela diz “palavras insolentes e blasfêmias” (lembrem-se do pequeno chifre da fera em Daniel). Mais ainda: ela “faz a guerra contra os santos e os vence”. Se isso soa muito como a besta do capítulo 17, é porque também é Roma. **Mas aqui está escrito que a besta tem “o número de uma pessoa”, e que esse número – a marca da besta – é 666.**

Quem é esse Anticristo cujo número é 666? Ao

longo dos anos, **as pessoas se saíram com todos os tipos de especulações** sobre o que poderia ser. **Nos anos 1940, costumava-se acreditar que se referia a Hitler ou a Mussolini.** Quando eu estava na faculdade, livros foram escritos para mostrar que **era Henry Kissinger, ou o papa.** Recentemente as pessoas escreveram outros livros alegando que **era Saddam Hussein** ou alguma outra figura famosa em nossa época.

Um leitor antigo inteligente não teria dificuldade de saber a quem o número faz referência. Linguagens antigas como o grego e o hebraico usavam letras do alfabeto para os números (nós, por outro lado, usamos letras romanas, mas números arábicos). A primeira letra era “um”, a segunda “dois”, e assim por diante. **O autor do Apocalipse está indicando que se você pegar as letras do nome dessa pessoa, elas somarão 666.** Em dado nível isso é muito simbólico. O número perfeito, claro, o número de Deus é sete. Um menos sete é seis; este é o número de um “humano”. O triplo seis é alguém distante da perfeição de Deus: é um número que simboliza o que está mais distante de Deus. Mas quem é?

Se a besta do capítulo 17 com sete cabeças e dez chifres é Roma, é provável que esta besta do capítulo 13 também seja. Este é o grande inimigo dos santos. Quem em Roma era considerado o grande inimigo dos cristãos? O primeiro imperador a perseguir os cristãos foi César Nero. Por acaso, corria por todo o império romano o boato de que Nero iria retornar dos mortos para devastar o mundo ainda mais do que

tinha feito quando vivo da primeira vez. Soa como alguém que recebeu “um golpe mortal” mas se recuperou, como é dito desta besta. Mas o mais impressionante é o próprio número da besta. **Quando você soletra o nome César Nero em letras hebraicas e as soma, elas totalizam 666.**
(¹⁴¹)

Em Bart Ehrman vemos a confirmação de que o número 666, de fato, se refere ao imperador Nero.

Em ***História do Cristianismo: das Origens a Justiniano***, Ambrogio Donini (1903-1991), historiador italiano, foi catedrático de história das religiões na Universidade de Bari e livre docente da mesma cadeira na Universidade de Roma, nos fornece a seguinte explicação:

A lenda de Nero, na literatura cristã mais antiga, tomou, de resto, outra direção.

É possível que a figura deste imperador se esconda por detrás do misterioso número 666 (616, segundo Ireneu) do *Apocalipse*, que “não é número de besta, mas de homem” (XIII,18): **o 666 poderia representar o valor numérico das letras do alfabeto hebraico que compõem o nome de “Nero César”**. Graças a esta regra mágico-talmúdica, chamada *ghematria*, ou geometria mística, pode-se dizer com os números tudo o que

se quer. Seguindo outros critérios, e usando o alfabeto grego ou latino em lugar do hebraico, **o número da besta apocalíptica foi de quando em quando interpretado como Tito (Teitan), Domiciano, Úlpio (Trajano) e até Latino (Latéinos), no raiair do século III, por Hipólito romano**, que adverte, no entanto, que o mistério “só será desvendado no fim dos tempos”.

Trata-se de um jogo que atraiu a fantasia de muitos intérpretes de todos os tempos: mais tarde, o 666 será lido como Genseric, e **na Idade Média tornar-se-á alternadamente o símbolo de reis ou de papas, consoante cada momento histórico.**

(¹⁴²)

Ambrogio Donini é outro que corrobora o que os tradutores disseram, e, além disso, diz de sua generalização para se tornar “alternadamente o símbolo de reis ou de papas, consoante cada momento histórico”. Essa linha tortuosa de interpretação, realmente, aconteceu, e infelizmente até entre nós, os espíritas.

Em **A Bíblia Estava Certa**, temos a sua aplicação ao imperador romano Domiciano (51-96 d.C.), no momento em que Hugh J. Schonfield fala algo a respeito:

Informa-nos o Patriarca da Igreja, Irineu, no Segundo Século, que as visões da *Revelação* se produziram “já para o fim do reinado de Domiciano”, aquele imperador que empreendeu uma grande perseguição aos cristãos e insistia por que se o tratasse pessoalmente por “Senhor nosso e nosso Deus”.

Domiciano foi assassinado no mês de setembro do ano de 96 D.C., quando começava o décimo quinto do seu reinado. Seria de esperar que o carimbo mencionado naquela *Revelação* pudesse, por conseguinte, referir-se ao ano décimo quarto desse governo.

Tal carimbo, sinal, (ou marca em suma), dizia em grego ID KAISAROS (14º ano do Imperador). Atribuindo a cada letra o seu valor numérico, então convencional, temos:

$$10+4+20+1+10+200+1+100+70+200$$

O total dos valores numéricos das dez letras é: 616.

Tudo está a indicar achar-se aí, finalmente, a verdadeira solução ao quebra-cabeças relativo ao “número da Besta”. ⁽¹⁴³⁾

Pelo menos, aqui se atribui a um personagem daquela época e também ligado ao domínio romano.

Em ***Interpretação Sintética do Apocalipse***, por exemplo, o autor Cairbar Schutel (1868-1938)

tece as seguintes considerações:

[...] passemos a esquadrinhar, com ESPÍRITO de sabedoria, o número 666, que é portador de grandes revelações.

Sendo ROMA a única cidade no mundo assentada sobre sete montes, e afirmando o anjo que “as sete cabeças são os sete montes sobre que está sentada a mulher”, (¹⁴⁴) vamos a ver se ela tem o número fatídico, visto pelo profeta.

ROMA, em hebraico, é ROMIITH. Se aproveitarmos as letras algarismos, usadas em hebraico, e as somarmos, verificaremos que coincidem, exatamente, com a vidência do apóstolo.

Assim:

R O M I I TH

$$200 + 6 + 40 + 10 + 10 + 400 = 666$$

Mas S. João acrescenta que o número da BESTA é número de um homem (¹⁴⁵).

Ora, ninguém ignora que o PAPA se intitula: VICARIVS GENERALIS DEI IN TERRIS: VICARIVS FILII DEI; DVX CLERI, (que significam: Vigário Geral de Deus na Terra; Vigário do Filho de Deus, Príncipe Chefe do Clero).

Aproveitando, em cada um desses títulos as letras que têm valor como algarismos romanos (desprezadas as mais), temos, do primeiro:

V I C I V L I D I I I

$$5 + 1 + 100 + 1 + 5 + 50 + 1 + 500 + 1 + 1 + 1 = 666$$

Do segundo:

V I C I V I L I I D I

$$5 + 1 + 100 + 1 + 5 + 1 + 50 + 1 + 1 + 500 + 1 = 666$$

Do terceiro:

D V X C L I

$$500 + 5 + 10 + 100 + 50 + 1 = 666$$

Também ninguém ignora que o idioma que a Igreja de Roma usa, em todos os seus atos oficiais, é o latino, e S. Irineu, discípulo de Policarpo, lembra o nome grego LATEINOS, isto é, latino, como satisfazendo plenamente a interpretação do enigma 666, proposto por S. João.

L A T E I N O S

$$30 + 1 + 300 + 5 + 10 + 50 + 70 + 200 = 666$$

E já que analisamos o alfabeto grego para a interpretação da numeração apocalíptica, não nos esqueçamos de que TEITAN (grego) significa SATANÁS, e a soma das letras daquela palavra dá 666.

T E I T A N

$$300 + 5 + 10 + 300 + 1 + 50 = 666$$

Satanás é uma expressão bíblica, que longe de intitular um ente eternamente devotado ao mal, quer dizer adversário, inimigo do Bem, da Verdade.

Que o Catolicismo, com os seus dogmas, cultos

e mistérios, é o Teitan (adversário) do Cristianismo, ninguém ousará negar. E como a soma dos números-letras do Papado dá o mesmo produto, ou representa a mesma coisa que os de TEITAN...

É interessante, ainda, a coincidência que se dá com a palavra ROMA, cujas letras estão colocadas em sentido inverso da palavra AMOR.

Queria o “destino”, em sua sábia providência, demonstrar que ROMA, apesar de se inculcar DIVINA, seria o inverso, a antítese da Divindade?
(¹⁴⁶)

Lamentavelmente, a nosso ver, Cairbar Schutel estabeleceu uma ligação do número da besta ao papa, o representante da Igreja de Roma, contrariamente ao que vimos, já que ele se refere a Nero.

No livro **A Caminho da Luz** (¹⁴⁷), psicografia de Chico Xavier, no capítulo XIV - A Edificação Cristã, Emmanuel, o seu autor espiritual, no tópico intitulado “O Apocalipse de João”, tece as seguintes considerações:

O Divino Mestre chama aos Espaços **o Espírito João**, que ainda se encontrava preso nos liames da Terra, e **o Apóstolo**, atônito e aflito, lê a linguagem simbólica do invisível.

Recomenda-lhe o Senhor que entregue os seus conhecimentos ao planeta como advertência a todas as nações e a todos os povos da Terra, e **o velho Apóstolo de Patmos** transmite aos seus discípulos as advertências extraordinárias do Apocalipse.

Todos os fatos posteriores à existência de João estão ali previstos. É verdade que frequentemente a descrição apostólica penetra o terreno mais obscuro; vê-se que a sua expressão humana não pôde copiar fielmente a expressão divina das suas visões de palpitante interesse para a história da Humanidade. **As guerras, as nações futuras, os tormentos porvindouros, o comercialismo, as lutas ideológicas da civilização ocidental, estão ali pormenorizadamente entrevistos.** E a figura mais dolorosa, ali relacionada, que ainda hoje se oferece à visão do mundo moderno, é **bem aquela da igreja transviada de Roma, simbolizada na besta vestida de púrpura e embriagada com o sangue dos santos.** ⁽¹⁴⁸⁾

Aqui temos três pontos que merecem destaque. O primeiro é o fato de o autor espiritual insinuar que o Apocalipse foi escrito por João Evangelista, que, como visto, não é a opinião de vários tradutores, de pesquisadores e de estudiosos. O segundo é de se ter o teor da obra como previsão de fatos para um futuro longínquo, fugindo à

característica desse tipo de narrativa. E o terceiro foi dizer que a Igreja, no caso a Católica Apostólica Romana, simboliza a besta.

Em “Identificação da besta apocalíptica”, o tópico seguinte dessa obra, temos detalhada a opinião pessoal do autor; nele encontramos o seguinte:

Reza o Apocalipse que a besta poderia dizer grandezas e blasfêmias por 42 meses, acrescentando que o seu número era o 666 (Apoc. XIII, 5 e 18). Examinando-se a importância dos símbolos naquela época e seguindo o rumo certo das interpretações, podemos tomar cada mês como sendo de 30 anos, em vez de 30 dias, obtendo, desse modo, um período de 1260 anos comuns, justamente o período compreendido entre 610 e 1870, da nossa era, quando o Papado se consolidava, após o seu surgimento, com o imperador Focas, em 607, e o decreto da infalibilidade papal com Pio IX, em 1870, que assinalou a decadência e a ausência de autoridade do Vaticano, em face da evolução científica, filosófica e religiosa da Humanidade.

Quanto ao número 666, sem nos referirmos às interpretações com os números gregos, em seus valores, devemos recorrer aos algarismos romanos, em sua significação, por serem mais divulgados e conhecidos, explicando que é o Sumo-Pontífice da igreja romana quem usa os

títulos de “VICARIVS GENERALIS DEI IN TERRIS”, “VICARIVS FILII DEI” e “DVX CLERI” que significam “Vigário-Geral de Deus na Terra”, “Vigário do Filho de Deus” e “Príncipe do Clero”. Bastará ao estudioso um pequeno jogo de paciência, **somando os algarismos romanos encontrados em cada título papal a fim de encontrar a mesma equação de 666, em cada um deles.**

Vê-se, pois, que o Apocalipse de João tem singular importância para os destinos da Humanidade terrestre. ⁽¹⁴⁹⁾

Relacionar os títulos do Papa ao número 666, é algo bem estranho vindo de Emmanuel. Em nossa modesta opinião, ainda que fosse, teria sido bem melhor que o mentor de Chico Xavier tivesse se calado, pois, ao dizer isso, atinge em cheio tanto a instituição Igreja Católica como a seus representantes, aos quais devemos respeito.

Sua colocação, que a princípio pensávamos ser genérica, ou seja, atribuía a todos os Papas católicos essa conotação negativa, que sabemos carregar o número 666, refere-se “apenas” aos que sentaram no “Trono de Pedro”, no período de 610 a 1870, que diz se referir a Apocalipse 13,5 e 13,8,

correspondendo ao montante de 1260 anos. Ora, são, nada menos, nada menos do que 188 papas (150), ainda sim é, em nosso julgamento, fato lamentável, por denegrir (mesmo que todos eles tenham feito absurdos, o que é improvável) a imagem de líderes de outra religião, no caso, da Igreja Católica, cujos adeptos merecem o respeito de todos nós.

Mas não vemos só Emmanuel como responsável por essa gafe. Distribuímos a corresponsabilidade a mais dois envolvidos; ao próprio Chico Xavier que não deveria ter liberado essa página para publicação e à “Casa-Máter” do Espiritismo no Brasil, por não ter sugerido a retirada o capítulo da mencionada obra.

Considerações de Allan Kardec

Vejamos as considerações que Allan Kardec teceu, em **A Gênese**, cap. XVII - Predições do Evangelho, tópicos: “Ruína do Templo de Jerusalém”, “Sinais Precursores” e “Juízo Final”.

Após citar as passagens Mateus 24,1-2, Lucas 19,41-44, Lucas 13,33-35, Lucas 21,20-24 e Lucas 23,27-31, todas elas relacionadas à ruína do Tempo e de Jerusalém, o Codificador explica:

20. A faculdade de pressentir as coisas futuras é um dos atributos da alma e se explica pela teoria da presciência. **Jesus** a possuía, como todos os outros, em grau eminente. **Pôde, portanto, prever os acontecimentos que se seguiriam à sua morte**, sem que nesse fato haja qualquer coisa de sobrenatural, pois que o vemos reproduzir-se aos nossos olhos, nas mais vulgares condições. [...].

21. Com Jesus, esse fato havia de dar-se em mais alto grau, considerando-se que, tendo Ele conhecimento da missão que vinha desempenhar, sabia que a morte no suplício forçosamente seria a sua consequência. A visão espiritual, permanente nele, assim como a penetração do pensamento, haviam de mostrar-lhe as circunstâncias e a época fatal. Pela mesma razão, **podia prever a ruína do**

Templo, a de Jerusalém, as desgraças que se iam abater sobre seus habitantes e a dispersão dos judeus. ⁽¹⁵¹⁾

Seguramente Allan Kardec vê as previsões de Jesus como algo relacionado a um tempo próximo, não a um tempo longínquo no futuro.

Em relação ao “Sinais Precursores”, Allan Kardec menciona as seguintes passagens bíblicas: Mateus 24,6-8, Marcos 13,12-13, Mateus 24,15-22, Mateus 24,29-34, Mateus 24,37-39, Marcos 13,32, João 16,20-22 e Mateus 24,11-14, comentando:

54. – É evidentemente alegórico este **quadro do fim dos tempos**, como a maioria dos que Jesus compunha. Pelo seu vigor, **as imagens que ele encerra são de natureza a impressionar inteligências ainda rudes**. Para tocar fortemente aquelas imaginações pouco sutis, eram necessárias pinturas vigorosas, de cores bem acentuadas. Ele se dirigia principalmente ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreender as abstrações metafísicas e de apanhar a delicadeza das formas. A fim de atingir o coração, fazia-se-lhe mister falar aos olhos, com o auxílio de sinais materiais, e aos ouvidos, por meio da força da linguagem.

Como consequência natural daquela disposição

de espírito, à suprema potestade, segundo a crença de então, não era possível manifestar-se, a não ser por meio de fatos extraordinários, sobrenaturais. Quanto mais impossíveis fossem esses fatos, tanto mais facilmente aceita era a probabilidade deles.

O Filho do homem, a vir sobre nuvens, com grande majestade, cercado de seus anjos e ao som de trombetas, lhes parecia de muito maior imponência, do que a simples vinda de uma entidade investida apenas de poder moral. Por isso mesmo, **os judeus, que esperavam no Messias um rei terreno, mais poderoso do que todos os outros reis, destinado a colocar-lhes a nação à frente de todas as demais** e a reerguer o trono de David e de Salomão, não quiseram reconhecê-lo no humilde filho de um carpinteiro, sem autoridade material.

[...].

55. – **É de notar-se que, entre os antigos, os tremores de terra e o obscurecimento do Sol eram acessórios forçados de todos os acontecimentos e de todos os presságios sinistros.** Com eles deparamos, por ocasião da morte de Jesus, da de César e num sem-número de outras circunstâncias da história do paganismo. Se tais fenômenos se houvessem produzido tão amiudadas vezes quantas são relatados, fora de ter-se por impossível que os homens não houvessem guardado deles lembrança pela tradição. Aqui, **acrescenta-se a queda de estrelas do céu**, como que a mostrar às gerações futuras,

mais esclarecidas, que **não há nisso senão uma ficção**, pois que agora se sabe que as estrelas não podem cair.

56. – Entretanto, sob essas alegorias, grandes verdades se ocultam. Há, primeiramente, a predição das calamidades de todo gênero que assolarão e dizimarão a Humanidade, **calamidades decorrentes da luta suprema entre o bem e o mal**, entre a fé e a incredulidade, entre as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Há, em segundo lugar, a da difusão, por toda a Terra, do Evangelho restaurado na sua pureza primitiva; depois, a do reinado do bem, que será o da paz e da fraternidade universais, a derivar do código de moral evangélica, posto em prática por todos os povos.

Será, verdadeiramente, o reino de Jesus, pois que ele presidirá à sua implantação, passando os homens a viver sob a égide da sua lei. Será o reinado da felicidade, porquanto diz ele que – “depois dos dias de aflição, virão os de alegria”.

57. – Quando sucederão tais coisas? “Ninguém o sabe, diz Jesus, *nem mesmo o Filho*”. Mas, quando chegar o momento, os homens serão advertidos por meio de sinais precursores. **Esses indícios, porém, não estarão nem no Sol, nem nas estrelas; mostrar-se-ão no estado social** e nos fenômenos mais de ordem moral do que físicos e que, em parte, se podem deduzir das suas alusões.

É indubitável que aquela mutação não poderia operar-se em vida dos apóstolos, pois, do

contrário, Jesus não lhe desconheceria o momento. Aliás, **semelhante transformação não era possível se desse dentro de apenas alguns anos**. Contudo, dela lhes fala como se eles a houvessem de presenciar; é que, com efeito, eles poderão estar reencarnados quando a transformação se der e, até, colaborar na sua efetivação. **Ele ora fala da sorte próxima de Jerusalém, ora toma esse fato por ponto de referência ao que ocorreria no futuro.**

58. – Será que, predizendo a sua segunda vinda, era o fim do mundo o que Jesus anunciava, dizendo: “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim?”

Não é racional se suponha que Deus destrua o mundo precisamente quando ele entre no caminho do progresso moral, pela prática dos ensinamentos evangélicos. **Nada, aliás, nas palavras do Cristo, indica uma destruição universal** que, em tais condições, não se justificaria.

Devendo a prática geral do Evangelho determinar grande melhora no estado moral dos homens, ela, por isso mesmo, trará o reinado do bem e acarretará a queda do mal. **É, pois, o fim do mundo velho, do mundo governado pelos preconceitos, pelo orgulho, pelo egoísmo**, pelo fanatismo, pela incredulidade, pela cupidez, por todas as paixões pecaminosas, que o Cristo aludia, ao dizer: “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim.” Esse fim, porém, para chegar, ocasionaria uma luta e é dessa luta que advirão os males por ele

previstos. ⁽¹⁵²⁾

Vejamos agora, quanto ao Juízo Final, as suas colocações:

63. – Tendo que reinar na Terra o bem, necessário é **sejam dela excluídos os Espíritos endurecidos no mal** e que possam acarretar-lhe perturbações. Deus permitiu que eles aí permanecessem o tempo de que precisavam para se melhorarem; mas, chegado o momento em que, pelo progresso moral de seus habitantes, o globo terráqueo tem de ascender na hierarquia dos mundos, interdito será ele, como morada, a encarnados e desencarnados que não hajam aproveitado os ensinamentos que uns e outros se achavam em condições de aí receber. **Serão exilados para mundos inferiores**, como o foram outrora para a Terra os da raça adâmica, vindo substituí-los Espíritos melhores. **Essa separação, a que Jesus presidirá, é que se acha figurada por estas palavras sobre o juízo final:** “Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda”. (Cap. XI, nos 31 e seguintes.)

64. – **A doutrina de um juízo final, único e universal, pondo fim para sempre à Humanidade, repugna à razão**, por implicar a inatividade de Deus, durante a eternidade que precedeu à criação da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição. Que utilidade teriam então o Sol, a Lua e as estrelas que,

segundo a Gênese, foram feitos para iluminar o mundo? Causa espanto que tão imensa obra se haja produzido para tão pouco tempo e a benefício de seres votados de antemão, em sua maioria, aos suplícios eternos.

65. – Materialmente, a ideia de um julgamento único seria, até certo ponto, admissível para os que não procuram a razão das coisas, quando se cria que a Humanidade toda se achava concentrada na Terra e que para seus habitantes fora feito tudo o que o Universo contém. É, porém, inadmissível, desde que se sabe que há milhares de milhares de mundos semelhantes, que perpetuam as Humanidades pela eternidade em fora e entre os quais a Terra é dos menos consideráveis, simples ponto imperceptível.

Vê-se, só por este fato, que Jesus tinha razão de declarar a seus discípulos: “Há muitas coisas que não vos posso dizer, porque não as compreenderíeis”, dado que o progresso das ciências era indispensável para uma interpretação legítima de algumas de suas palavras. Certamente, os apóstolos, S. Paulo e os primeiros discípulos teriam estabelecido de modo muito diverso alguns dogmas se tivessem os conhecimentos astronômicos, geológicos, físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos que hoje possuímos.

Daí vem o ter Jesus adiado a completação de seus ensinamentos e anunciado que todas as coisas haviam de ser restabelecidas.

66. – Moralmente, um juízo definitivo e sem apelação não se concilia com a bondade infinita

do Criador, que Jesus nos apresenta de contínuo como um bom Pai, que deixa sempre aberta uma senda para o arrependimento e que está pronto sempre a estender os braços ao filho pródigo. Se Jesus entendesse o juízo naquele sentido, desmentiria suas próprias palavras.

Ao demais, **se o juízo final houvesse de apanhar de improviso os homens, em meio de seus trabalhos ordinários, e grávidas as mulheres, caberia perguntar-se com que fim Deus, que não faz coisa alguma inútil ou injusta, faria nascessem crianças e *criaria almas novas* naquele momento supremo, no termo fatal da Humanidade.** Seria para submetê-las a julgamento logo ao saírem do ventre materno, antes de terem consciência de si mesmas, quando, a outros, milhares de anos foram concedidos para se inteirarem do que respeita à própria individualidade? Para que lado, direito ou esquerdo, iriam essas almas, que ainda não são nem boas nem más e para as quais, no entanto, todos os caminhos de ulterior progresso se encontrariam desde então fechados, visto que a Humanidade não mais existiria? (Cap. II, nº 19.)

Conservem-nas os que se contentam com semelhantes crenças; estão no seu direito e ninguém nada tem que dizer a isso; mas, não achem mau que nem toda gente partilhe delas.

67. – O juízo, pelo processo da emigração, conforme ficou explicado acima (nº 63), é racional; funda-se na mais rigorosa justiça, visto que conserva para o Espírito, eternamente, o

seu livre-arbítrio; não constitui privilégio para ninguém; a todas as suas criaturas, sem exceção alguma, concede Deus igual liberdade de ação para progredirem; o próprio aniquilamento de um mundo, acarretando a destruição do corpo, nenhuma interrupção ocasionará à marcha progressiva do Espírito. Tais as consequências da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

Segundo essa interpretação, **não é exata a qualificação de *juízo final***, pois que os Espíritos passam por análogas fieiras a cada renovação dos mundos por eles habitados, até que atinjam certo grau de perfeição. **Não há, portanto, *juízo final propriamente dito, mas juízos gerais em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos***, por efeito das quais se operam as grandes emigrações e imigrações de Espíritos. ⁽¹⁵³⁾

Julgamos que a visão espírita é bem mais clara, e, o que é importante, não retira de Deus a misericórdia e justiça, atributos com os quais estabelecerá os julgamentos - parcial e final - de todos os homens.

Que a Terra passará por uma transformação é ponto pacífico entre nós os espíritas. De planeta de expiações e provas se elevará para o grau de mundo

de regeneração, mas esse processo é lento e gradativo. Do tópico “A geração nova” do cap. XVIII – Os tempos são chegados de **A Gênese**, destacamos o seguinte parágrafo do item 27:

No dizer dos Espíritos, a Terra não deverá transformar-se por meio de um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas. ⁽¹⁵⁴⁾

Portanto, um espírita pregar fim do mundo com cataclismo é fato que demonstra o seu total desconhecimento do que os Espíritos superiores passaram a Allan Kardec.

Conclusão

Outro questionamento nosso era sobre como pessoas iletradas iriam também escrever e ler em grego. Por outro lado, não faz nenhum sentido que alguém escreva uma revelação para um povo se esse não souber do que ele está falando. Portanto, tudo quanto está no Apocalipse deve ter sido entendido às pessoas da época em que foi escrito.

Julgamos que seria interessante termos um mínimo de ideia do nível de alfabetização àquela época. Em ***Quem escreveu a Bíblia? Porque os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São***, no tópico “Simão Pedro, a antiga palestina e a alfabetização”, lemos:

O estudo mais completo, mais extensamente pesquisado e mais amplamente influente sobre a alfabetização na Palestina na época do Império Romano é o de Catherine Hezser ⁽¹⁵⁵⁾. Após estudar todas as evidências, **Hezser conclui que, na Palestina romana, a melhor estimativa é que algo em torno de 3% da população fosse capaz de ler, e que a maioria desses viveria em cidades e vilas maiores.** A maior parte das

peessoas fora das áreas urbanas dificilmente teria visto, algum dia, um texto escrito. **Algumas cidades menores e aldeias poderiam ter um índice de alfabetização em torno de 1%. Ademais, essas pessoas alfabetizadas eram quase sempre a elite das classes superiores. Aqueles que aprendiam a ler liam hebraico, não grego.**

E ainda por cima, de novo, muito mais pessoas podiam ler em vez de escrever. **As pessoas que sabiam escrever eram principalmente homens do sacerdócio. Durante todo o século I d.C. (a época de Jesus e Simão Pedro), temos certeza de apenas dois autores na Palestina que produziram obras literárias** (isto é, composições cultas que não documentos fiscais, transferências de terras ou certidões de casamento etc.): o historiador judeu Josefo e um homem chamado Justo de Tiberíades. Ainda temos os escritos de Josefo, mas os de Justo não sobreviveram. Os dois homens eram dos escalões superiores da sociedade, e ambos atipicamente bem-educados. Não temos conhecimento de qualquer outro autor literário ao longo de todo o século. Seria Pedro da mesma classe de Josefo e Justo? Não, nem de longe.

E quanto à educação em grego na terra em que Pedro nasceu e foi criado? Algumas vezes se imagina que, como a Galileia, a região norte do que hoje chamamos de Israel foi eventualmente chamada de “Galileia dos gentios”, ela era repleta de gentios na época de Jesus e Pedro. E, segundo um tipo comum de lógica, se havia muitos gentios

na Galileia, deviam falar grego; em nome da convivência, todos tinham de falar grego. Mas isso também não é verdade. ⁽¹⁵⁶⁾

Isso dito de Pedro, cabe muito bem a João Evangelista, pois “Segundo Atos 4,13, Pedro e seu companheiro João, também pescador, eram *agrammatoi*, uma palavra grega que significa literalmente ‘iletrados’, ou seja, ‘analfabetos’”. ⁽¹⁵⁷⁾

Pode-se até dizer que João, seja ele quem for, tenha psicografado o texto do Apocalipse, isso é uma hipótese, que dentro da ótica espírita é viável; porém, quem defender essa ideia caberá apresentar as provas disso.

A bem da verdade, caso seja uma psicografia, nem se poderia dizer que o texto foi “ditado”, uma vez que João era iletrado, portanto, a hipótese viável para esse possível fenômeno mediúnico, seria o da incorporação, no sentido bem literal desse termo.

É oportuno lembrar que Bart Ehrman, falando sobre os apocalipses cristãos, disse:

[...] Paulo (juntamente com outros apóstolos)

ensinava que Jesus estava perto de voltar dos céus para fazer o julgamento da Terra. O fim iminente de todas as coisas era uma fonte de fascinação constante para os primeiros cristãos, que **de modo geral esperavam que Deus logo interviria nos assuntos do mundo para destruir as forças do mal e estabelecer seu reino**, com Jesus à frente, aqui na Terra. [...]. ⁽¹⁵⁸⁾

Esses apocalípticos sustentavam que os que estavam sofrendo precisavam aguentar só um pouco mais, pois Deus logo os defenderia e lhes daria uma recompensa eterna em seu Reino. ⁽¹⁵⁹⁾

Como vimos, Jesus também fez uma pregação tipo “fim do mundo”:

Mateus 24,29-31.34-36: *“Logo após a tribulação daqueles dias, **o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados**. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem e todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. Ele enviará os seus anjos que, ao som da grande trombeta, **reunirão os seus eleitos** dos quatro ventos, de uma extremidade até a outra extremidade do céu. **Em verdade vos digo que esta geração***

não passará sem que tudo isso aconteça.
Passarão o céu e a terra. Minhas palavras, porém, não passarão. Daquele dia e da hora, ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas só o Pai.” (ver tb Mateus 16,28; Marcos 9,1; 13,30; Lucas 9,27; 21,32)

A geração a qual falava passou e nada do que disse ali aconteceu. Se a ideia corrente é que estavam no “fim dos tempos” ⁽¹⁶⁰⁾, aí mesmo é que não faz sentido algum fazer uma profecia para o futuro.

Não é tarefa difícil comprovar que, àquela época, as pessoas tinham como sendo o “fim dos tempos”. Entenda-se, “fim do mundo”, especialmente, quando lemos esta explicação de Paulo, já mencionada anteriormente:

1 Tessalonicenses 4,15-17: *“Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: **que os vivos, os que ainda estivermos aqui para a Vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os***

vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares. E assim, estaremos para sempre com o Senhor.

O pensamento de Paulo é claro, ele julgava que já viviam no “fim dos tempos” e, diante disso, os vivos não morreriam, mas seriam arrebatados, indo de corpo e alma para o “Céu”.

De tudo o que até aqui mostramos, podemos concluir que o “fim dos tempos” já passou, pois, pelas narrativas bíblicas, chega-se, facilmente, à conclusão de que esse tempo, na verdade, sempre foi algo próximo à realidade que viviam no momento. Não existe nenhuma passagem pela qual possamos dizer que tal evento seja para um futuro longínquo, como se comumente acredita.

Entretanto, parece-nos que ninguém se preocupa com isso; os fiéis apenas seguem o que lhes passaram como “verdade”. Assim, essa visão distorcida vem sendo transmitida de geração em geração, numa interpretação equivocada, na qual não se encontra o mínimo apoio bíblico.

E, achamos que não só nesse fato, mas em muitas outras coisas, que nos vêm sendo transmitidas com base em interpretações que não correspondem à realidade dos acontecimentos. Seria, pois, necessária uma revisão completa e imparcial de toda a base bíblica em que se apoiam as correntes teológicas tradicionais.

O que, sinceramente, achamos muito difícil, pois é mais fácil dar uma de avestruz, enfiando a cabeça em um buraco e fingindo que as coisas não existem, do que modificar pensamentos arraigados, principalmente, porque eles estão relacionados à religiosidade das pessoas. E todo pensamento diferente dos seus é tachado de heresia, quando não são ditos provenientes de satanás. Como se usar a inteligência de que Deus nos dotou fosse pecado. Pecado, já o dissemos, é não usar a inteligência que Deus nos deu, pois aí estaremos nos comportando como os animais, por não a estarmos usando.

E por falar em heresia, é bom lembrar, aos que, certamente, estranharão a nossa maneira de ver essas coisas, que o maior herético de todos os tempos foi Jesus, pois se insurgiu contra a teologia

do seu tempo.

Ora, o cristianismo passou a existir justamente por esse motivo, ou seja, pela heresia de Jesus. Por isso, nos sentimos confortados por seguir o seu exemplo, não nos causando a mínima preocupação se o que estamos dizendo possa irritar os fanáticos.

Só podemos acrescentar que quem está com a verdade não se intimida com pensamentos contrários; entretanto, os que estão contra ela irão, com certeza, vociferar dizendo: “isso é obra de satanás”. Parafraseando o nosso mestre Maior, diremos: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que falam”.

Interessante é essa visão de Marcus J. Borg e John Dominic Crossan, em **A Última Semana**, ambos são professores universitários e especialistas em história do cristianismo:

A escatologia não fala absolutamente do fim deste mundo de tempo e espaço, e sim do fim da sujeição deste mundo de tempo e espaço ao mal, à impureza, à injustiça, à violência e à opressão. Não trata da evacuação da terra para o céu de Deus, e sim da transfiguração divina da

terra de Deus. Não trata da destruição, e sim da transfiguração do mundo de Deus aqui embaixo.
(¹⁶¹)

Essa é uma opinião que, sem grandes dificuldades, poderíamos concordar com ela, porquanto a acharmos coerente e também por não contradizer a essa fala de Jesus: “*os mansos possuirão a terra*”. (Mateus 5,5).

Sabemos que o nosso estudo não agrada a muitos, quiçá seremos, mais uma vez, tachados de pessoa que só quer denegrir a Chico Xavier e a Emmanuel, seu guia, especialmente, por aqueles que transformaram cada um dele em *personas* infalíveis. Não estranharemos se algum desses enviar ao Papa Francisco um solene pedido para canonizá-los.

Não se vê nenhum ponto de doutrina que possa nos permitir ter atitudes como essa de endeusamento de médiuns e Espíritos, trata-se, provavelmente, de atavismo religioso desses confrades.

Temos sempre dito que empreenderemos todos os esforços para, fielmente, seguir a seguinte

orientação de Allan Kardec:

Na dúvida, abstém-te, diz um de vossos antigos provérbios; não admitais, pois, senão o que vos é de uma evidência certa. Desde que uma opinião nova surge, por pouco que ela vos pareça duvidosa, passai-a pelo crivo da razão e da lógica; o que a razão e o bom senso reprovam, rejeitai-o ousadamente; **mais vale repelir dez verdades, do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa.** Com efeito, sobre essa teoria, poderíeis edificar todo um sistema que desabaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre uma areia movediça; ao passo que, se rejeitais hoje certas verdades, porque elas não vos são demonstradas lógica e claramente, logo um fato brutal, ou uma demonstração irrefutável, virá vos afirmar a sua autenticidade. ⁽¹⁶²⁾

Preferimos “pecar” por excesso de bom senso, do que por falta dele.

Referências bibliográficas

- A Bíblia Anotada*. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas. 3ª impressão, 1987.
- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus Editora, nova edição, revista e ampliada, 2002.
- Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus. Ed. Brasileira, 2002.
- Bíblia Sagrada – Ave-Maria*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 68a. Ed.,1989.
- Bíblia Sagrada – Barsa*. Rio de Janeiro: Catholic Press, Edição Barsa, 1965.
- Bíblia Sagrada – Edição Pastoral*. São Paulo: Paulus Editora, 43ª. Impressão, 2001.
- Bíblia Sagrada – Paulinas*. São Paulo: Edições Paulinas, 37ª ed., 1980.
- Bíblia Sagrada – Vozes*. Petrópolis: Ed. Vozes. 8ª ed., 1989.
- Bíblia Sagrada – Vozes*. Petrópolis: Editora Vozes, 8a. Ed., 1989.
- Novo Testamento, LEB*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1984.
- ARRIBAS, C. (org) *O Evangelho de Jesus em Espírito e Verdade por J. Herculano Pires*. São Paulo: Paideia, 2016.

- BALDWIN, J. G. *Daniel, Uma Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- BARRERA, J. T. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à história da Bíblia*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.
- BORG, M. J. e CROSSAN, J. D. *A Última Semana*, São Paulo: Nova Fronteira, 2007.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – Vol. 2*. São Paulo: Hagnos, 2005.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – Vol. 6*. São Paulo: Hagnos, 2005.
- DONINI, A. *História do Cristianismo: das Origens a Justiniano*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988.
- EHRMAN, B. D. *Como Jesus se Tornou Deus*. São Paulo: LeYa, 2014.
- EHRMAN, B. D. *Evangelhos Perdidos*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- EHRMAN, B. D. *História da Bíblia: a Origem do Cânon do Novo Testamento*. Arquivo PDF, 2014.
- EHRMAN, B. D. *O Problema Com Deus*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- EHRMAN, B. D. *O Que Jesus Disse? O Que Jesus Não Disse?: Quem Mudou a Bíblia e Por quê?* São Paulo: Prestígio, 2006.
- EHRMAN, B. D. *Quem Escreveu a Bíblia?: Porque os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São*. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

- EHRMAN, B. D. *Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?: Mais Revelações Inéditas Sobre as Contradições da Bíblia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
- FLUSSER, D. *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo - Vol. II*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- GAADER, J., HELLERN, V. e NOTAKER, H. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GALVES, N. *Até sempre, Chico Xavier!* São Paulo: CEU, 2011.
- GARCIA, W. (org) *No Limiar do Amanhã: Conversa Sobre a Bíblia + os Evangelhos, O Espiritismo*. São Paulo: Paideia, 2021.
- HARPUR, T. *O Cristo dos Pagãos: a Sabedoria Antiga e o Significado Espiritual da Bíblia e da História de Jesus*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- HARPUR, T. *Transformando Água em Vinho: Uma Visão Profunda e Transformadora Sobre os Evangelhos*. São Paulo: Pensamento, 2010.
- KARDEC, A. *A Gênese*. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Araras, SP: IDE, 2000.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras, SP: IDE, 1993.
- LENTSMAN, J. *A Origem do Cristianismo*. São Paulo: Fulgor, 1963.

- MARTINS, S. P. *O Apocalipse é História*. Rio de Janeiro: CELD, 2013.
- RODRÍGUEZ, P. *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica Como Bíblia Foi Manipulada*. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- SCHONFIELD, H. J. *A Bíblia Estava Certa: Novas Luzes Sobre o Novo Testamento*. São Paulo: Ibrasa, 1980.
- SCHUTEL, C. *Interpretação Sintética do Apocalipse*. Matão, SP: O Clarim, 1985.
- SOUZA, J. P. *Três Maneiras de Ver Jesus: a Maneira Histórica, a Mítica Literal e a Mítica Simbólica*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.
- TEIXEIRA, D. *Profetas: Oseias, Amós, Isaías, Miqueias, Daniel, Jeremias, Ezequiel, Jonas e Zacarias*. São Paulo: Abril, s/d.
- VERMES, G. *As Várias Faces de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- VERMES, G. *O Autêntico Evangelho de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Internet:

- GLOBO, *Lista de todos os Papas da história*, datada de 11.02.2013, disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/renuncia-sucessao-papa-bento-xvi/noticia/2013/02/veja-lista-de-todos-os-papas-da-historia.html>. Acesso em: 23 jan. 2019.

Imagem:

http://4.bp.blogspot.com/-RbHQlnONeek/T9PPYs_MYVI/AAAAAAAAAGs/GpS8FAkYHtU/s1600/apostolo_joao_em_patmos.jpg. Acesso em 19 dez. 2017.

LUZA, N. *Etapas da História de Israel*, disponível em: **a)**

Exílio na Babilônia:

<https://www.paulus.com.br/portal/etapas-da-historia-de-israel-o-exilio-na-babilonia/>; **b)** Período Persa:

<https://www.paulus.com.br/portal/etapas-da-historia-de-israel-o-periodo-persa-538-333-ac/>; **c)** Período

grego: <https://www.paulus.com.br/portal/etapas-da-historia-de-israel-periodo-grego-333-165-ac/>; **d)**

Período romano:

<https://www.paulus.com.br/portal/etapas-da-historia-de-israel-periodo-romano-63-ac-ate-o-sec-4o-dc/>.

Acesso em: 26 set. 2022.

SABINO, F. *O Apocalipse e suas Curiosidades. Tema: O Tempo Está Próximo*, disponível:

<https://www.youtube.com/watch?v=Po5gL4II6F0>.

Acesso em 04 fev. 2018.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Jonas e a baleia*, disponível em:

<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/5-assuntos-bblicos/97-jonas-e-a-baleia0>. Acesso em: 28 dez. 2017.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Será que os profetas previram a vinda de Jesus*,

<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/7-livros-textos/201-ser-que-os-profetas-previram-a-vinda-de-jesus-v110>. Acesso em 19 dez. 2017.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os títulos dos Evangelhos designam seus autores?*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/5-assuntos-bblicos/10-os-nomes-dos-ttulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores0>. Acesso em 19 dez. 2017.

WIKIPÉDIA, *Crítica Bíblica*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%Adtica_b%C3%Adblica. Acesso em 15 dez. 2017.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do Grupo de Apologética Espírita desde 2004, quando foi fundado: <https://apologiaespirita.com.br/>

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; e 7) *Espiritismo e Aborto*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de `Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso*; 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*; 9) *Os Nomes dos Títulos dos*

Evangelhos Designam Seus Autores?; 10) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 11) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 12) A Mulher na Bíblia; 13) Todos Nós Somos Médiuns?; 14) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 15) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 16) Allan Kardec e a Lógica da Reencarnação; 17) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 18) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 19) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 20) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 21) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 22) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 23) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 24) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 25) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 26) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 27) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; e 28) Reencarnação e as Pesquisas Científicas, e 29) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia).

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 HARPUR, *O Cristo dos Pagãos*, p. 167.
- 2 HARPUR, *Transformando Água em Vinho*, p. 75.
- 3 HARPUR, *Transformando Água em Vinho*, p. 76.
- 4 LUZA: *Etapas da História de Israel*, disponível em: **a)** Exílio na Babilônia: <https://www.paulus.com.br/portal/etapas-da-historia-de-israel-o-exilio-na-babilonia/>; **b)** Período Persa: <https://www.paulus.com.br/portal/etapas-da-historia-de-israel-o-periodo-persa-538-333-ac/>; **c)** Período grego: <https://www.paulus.com.br/portal/etapas-da-historia-de-israel-periodo-grego-333-165-ac/>; **d)** Período romano: <https://www.paulus.com.br/portal/etapas-da-historia-de-israel-periodo-romano-63-ac-ate-o-sec-4o-dc/>.
- 5 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1216.
- 6 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1087.
- 7 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1143.
- 8 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1589.
- 9 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - vol. 6*, p. 351.
- 10 RODRÍGUES, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 79.
- 11 GARCIA, *No Limiar do Amanhã: Conversa sobre a Bíblia + Os Evangelhos, o Espiritismo*, p. 227-228.
- 12 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1620.
- 13 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1246.
- 14 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1237.
- 15 *Bíblia Sagrada - Barsa*, p. 577.
- 16 *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 1250.
- 17 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1248.
- 18 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1248-1249.
- 19 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1242.
- 20 *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 1039.

- 21 *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 1520-1521.
- 22 *Bíblia Sagrada Pastoral*, p. 1216
- 23 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1251.
- 24 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1252.
- 25 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1301.
- 26 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1747.
- 27 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1747.
- 28 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1747.
- 29 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1747.
- 30 *Bíblia Shedd*, p. 1411.
- 31 *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 1229.
- 32 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1344-1345.
- 33 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 2*, p. 203.
- 34 *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 1205.
- 35 *Bíblia Sagrada - Santuário*, p. 1476.
- 36 VERMES, *O Autêntico Evangelho de Jesus*, p 322.
- 37 VERMES, *O Autêntico Evangelho de Jesus*, p. 323.
- 38 VERMES, *O Autêntico Evangelho de Jesus*, p. 307-308.
- 39 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1467.
- 40 EHRMAN, *Pedro, Paulo e Maria Madalena*, p. 180.
- 41 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1470.
- 42 *Bíblia de Jerusalém*, p. 2083.
- 43 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1572.
- 44 NT: Cf., por exemplo, Mt 16,27-34; Mc 9,1; e Lc 9,27.
- 45 NT: É mais correto traduzir por “com quem chega já a consumação dos séculos”.
- 46 NT: A prece habitual dos primeiros cristãos era a prece aramaica *Marana tha* ou *Maran atha*, que significa “Vem,

Senhor”.

- 47 NT: Os peritos, após análise da estrutura e do conteúdo da chamada II Epístola de São Pedro, chegaram à conclusão que se tratava de uma pseudográfica, redigida numa data nunca anterior ao século II, ou seja, posteriormente à morte de Pedro. Não obstante, a Igreja Católica persiste em pensar que foi escrita pelo punho do próprio apóstolo.
- 48 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia foi Manipulada*, p. 199-201.
- 49 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 102.
- 50 GAADER, HELLERN e NOTAKER, *O Livro das Religiões*, p. 239-240.
- 51 *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 39-40.
- 52 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1245.
- 53 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1246.
- 54 *Bíblia do Peregrino*, p. 2940.
- 55 TEIXEIRA, *Profetas: Oseias, Amós, Isaías, Miqueias, Daniel, Jeremias, Ezequiel, Jonas e Zacarias*, p. 86.
- 56 BALDWIN, *Daniel, Uma Introdução e Comentário*, p. 20.
- 57 *Bíblia de Jerusalém*, p. 2139-2140.
- 58 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1589.
- 59 KARDEC, *O que é o Espiritismo*, p. 152.
- 60 *Bíblia de Jerusalém*, p. 2298.
- 61 Conforme se lê em Atos 4,13: “Ao verem a intrepidez de **Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos**, admiraram-se; e reconheceram que havia eles estado com Jesus.” (*Bíblia Shedd*, grifo nosso)
- 62 *Bíblia do Peregrino*, p. 2940.
- 63 *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 1451.
- 64 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica Como Bíblia Foi Manipulada*, p. 65-66.

- 65 N.T.: Cf. Schonfield, J. H. (1990), *El Nuevo Testamento Original*. Martínez Roca, Barcelona, p. 451.
- 66 N.T.; Cf. Jo 1,35-40.
- 67 RODRÍGUES, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 79.
- 68 João Batista utiliza essa expressão por duas vezes, uma nesse passo indicado e a outra em João 1,36: “No dia seguinte, ele vê Jesus aproximar-se dele e diz: ‘Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.’”
- 69 VERMES, *As Várias Faces de Jesus*, p. 71.
- 70 EHRMAN, *Evangelhos Perdidos*, p. 340.
- 71 De fato, em *História Eclesiástica: os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã*, no Capítulo XXV - O Apocalipse de João, Eusébio de Cesaria fala dessa posição de Dionísio. (p. 273-274.)
- 72 N.T.: Eusébio, *História da Igreja* 7.25.
- 73 EHRMAN, *Quem Escreveu a Bíblia?: Porque os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São*, p. 28-29.
- 74 EHRMAN, *Quem Escreveu a Bíblia?: Porque os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São*, p. 30.
- 75 EHRMAN, *Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?: Mais Revelações Inéditas Sobre as Contradições da Bíblia*, p. 130.
- 76 EHRMAN, *Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?: Mais Revelações Inéditas Sobre as Contradições da Bíblia*, p. 309.
- 77 EHRMAN, *O Problema Com Deus*, p. 225 e 250.
- 78 N.T.: Eberhart Vischer, *Die Offenbarung Joahannis, eine jüdische Apokalypse in christlicher Bearbeitung*, TU II, 3, 1886, 2ª ed. 1895, reconheceu o caráter judaico que está por trás do Livro do Apocalipse, mas estava errado ao supor que o livro é obra de um único autor judeu, com interpolações cristãs. Não apenas o impacto cristão não pode ser eliminado, de maneira mecânica, do livro,

mas também está claro que o livro é composto de material de diferentes origens. O melhor comentário do Livro do Apocalipse é *Die Offenbarung Johannis*, de W. Bousset, Göttingen, 1906. Bousset (ver p. 129) é um adepto da “hipótese de fragmentos” e está certo. Ele não pôde ver que João de Patmos usou fontes mais extensas, das quais pegou passagens e incluiu-as em diferentes partes de seu livro, como mostraremos em nosso estudo. Um bom exemplo do enfraquecimento contemporâneo do senso de crítica literária é o interessante comentário de Heinrich Kraft, *Die Offenbarung des Johannes*, Tübingen, 1974. Quanto à pesquisa sobre o Livro do Apocalipse, ver O. Böcher, *Die Johannesapokalypse*, Darmstadt, 1975. O comentário mais recente do Livro do Apocalipse é *Revelation, Introduction, Translation and Commentary*, de J. Massyngberde Ford, 1975, Nova Iorque (The Anchor Bible). A tese da obra é que se trata de um livro basicamente judeu, derivado de João Batista e seus discípulos. Ver também U. B. Müller, *Messias und Menschensohn in jüdischen Apokalypsen und in der Offenbarung des Johannes*, Gütersloh, 1972, pp. 157-216.

- 79 FLUSSER, *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo*, p. 171.
- 80 FLUSSER, *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo*, p. 222.
- 81 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 53-54.
- 82 SILVA NETO SOBRINHO, *Jonas e a baleia*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/5-assuntos-bblicos/97-jonas-e-a-baleia0>
- 83 EHRMAN, *Como Jesus se Tornou Deus*, p. 135-136.
- 84 EHRMAN, *Evangelhos Perdidos*, p. 128-129.
- 85 EHRMAN, *História da Bíblia: a Origem do Cânon do Novo Testamento*, p. 27.
- 86 Nota da transcrição (N.T.): O livro do Apocalipse do Novo Testamento, escrito por um João desconhecido, é uma

exceção muito rara.

- 87 N.T.: Uma das discussões mais interessantes está nos escritos do pai da Igreja, Tertuliano, que perguntou como o livro de Enoque, escrito pela famosa figura homônima – um homem que nunca morreu, tendo sido elevado aos céus quando ainda vivia sete gerações após Adão –, poderia ter sobrevivido até seus dias, os de Tertuliano. Se houve um dilúvio mundial depois da época de Enoque, nos dias de Noé, o livro não teria desaparecido? Tertuliano se dá ao trabalho de explicar como poderia ter sobrevivido ao dilúvio. Por que Tertuliano tem o trabalho de explica isso? Porque acreditava que tinha sido escrito por Enoque. Tertuliano não era um idiota – longe disso. Era um dos verdadeiros intelectuais do século III cristão. É anacrônico os estudiosos modernos pensarem que os antigos teriam compreendido a verdadeira natureza do artifício da falsificação apocalíptica e reconhecido que os livros produzidos obedeciam às exigências do gênero.
- 88 EHRMAN, *Quem Escreveu a Bíblia?: Porque os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São*. p. 36-37.
- 89 EHRMAN, *Como Jesus se Tornou Deus*, p. 90-91.
- 90 EHRMAN, *Quem Escreveu a Bíblia?: Porque os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São*, p. 121.
- 91 N.T.: Ver John Collins. “Daniel, Book of”, em *Anchor Bible Dictionary*, vol.2, p. 29-376; Collins. *Hebrew Bible*, p. 553-71, e Coogan, *Old Testament*, p. 536-43.
- 92 EHRMAN, *O Problema Com Deus*, p. 183.
- 93 EHRMAN, *O Problema Com Deus*, p. 185-186.
- 94 RODRÍGUES, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 79.
- 95 MARTINS, *O Apocalipse é História*, p. 9.
- 96 MARTINS, *O Apocalipse é História*, p. 11.

- 97 N.T.: FOX, Robin Lane. *Bíblia: Verdade e Ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 183; cf. ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Ideias Religiosas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, tomo II, volume 2.
- 98 MARTINS, *O Apocalipse é História*, p. 19.
- 99 BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 355-356.
- 100 *Bíblia de Jerusalém*, p. 2298-2299.
- 101 *Bíblia do Peregrino*, p. 2940.
- 102 Luís Alonso Schökel nasceu em Madri em 1920 e faleceu aos 10 de julho de 1998. [...] Estudou Sagrada Escritura no Pontifício Instituto Bíblico de Roma (1951-1954), doutorando-se em 1957 com tese intitulada *Estudios de poética hebrea*. Professor de introdução geral à Bíblia (inspiração e hermenêutica) e de teologia do Antigo Testamento (1957-1995). (*Bíblia do Peregrino*, página de rosto)
- 103 *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 47-48.
- 104 *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 1451-1452.
- 105 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1590.
- 106 SABINO, *O Apocalipse e suas Curiosidades. Tema: O Tempo Está Próximo*, disponível:
<https://www.youtube.com/watch?v=Po5gL4II6F0>
- 107 *Bíblia de Jerusalém*, p. 2163.
- 108 LENTSMAN, *A Origem do Cristianismo*, p. 116-117.
- 109 EHRMAN, *O Que Jesus Disse? O Que Jesus Não Disse?: Quem Mudou a Bíblia e Por quê?*, p. 35.
- 110 EHRMAN, *O Problema Com Deus*, p. 216-217.
- 111 Nota da transcrição (N.T.): O livro do Apocalipse do Novo Testamento, escrito por um João desconhecido, é uma exceção muito rara.
- 112 N.T.: Uma das discussões mais interessantes está nos escritos do pai da Igreja, Tertuliano, que perguntou como o livro de Enoque, escrito pela famosa figura

homônima - um homem que nunca morreu, tendo sido elevado aos céus quando ainda vivia sete gerações após Adão -, poderia ter sobrevivido até seus dias, os de Tertuliano. Se houve um dilúvio mundial depois da época de Enoque, nos dias de Noé, o livro não teria desaparecido? Tertuliano se dá ao trabalho de explicar como poderia ter sobrevivido ao dilúvio. Por que Tertuliano tem o trabalho de explica isso? Porque acreditava que tinha sido escrito por Enoque. Tertuliano não era um idiota - longe disso. Era um dos verdadeiros intelectuais do século III cristão. É anacrônico os estudiosos modernos pensarem que os antigos teriam compreendido a verdadeira natureza do artifício da falsificação apocalíptica e reconhecido que os livros produzidos obedeciam às exigências do gênero.

113 EHRMAN, *Quem Escreveu a Bíblia?: Porque os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São*. p. 36-37.

114 Link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%Adtica_b%C3%Adblica.

115 Link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%Adtica_b%C3%Adblica.

116 EHRMAN, *Como Jesus se Tornou Deus*, p. 16.

117 EHRMAN, *Como Jesus e Tornou Deus*, p. 139.

118 EHRMAN, *Como Jesus se Tornou Deus*, p. 151.

119 SOUZA, *Três Maneiras de Ver Jesus: a Maneira Histórica, a Mítica Literal e a Mítica Simbólica*, p. 65.

120 SOUZA, *Três Maneiras de Ver Jesus: a Maneira Histórica, a Mítica Literal e a Mítica Simbólica*, p. 67.

121 SOUZA, *Três Maneiras de Ver Jesus: a Maneira Histórica, a Mítica Literal e a Mítica Simbólica*, p. 104.

122 SOUZA, *Três Maneiras de Ver Jesus: a Maneira Histórica, a Mítica Literal e a Mítica Simbólica*, p. 104.

- 123 SILVA NETO SOBRINHO, *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?*, disponível em:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/send/6-ebook/10-os-nomes-dos-ttulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores0>
- 124 PIRES, *O Evangelho de Jesus em Espírito e Verdade*, p. 183-185.
- 125 KARDEC, *A Gênese*, p. 40.
- 126 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 299.
- 127 SILVA NETO SOBRINHO, *Será Que os Profetas Previram a Vinda de Jesus*,
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/7-livros-textos/201-ser-que-os-profetas-previram-a-vinda-de-jesus-v110>
- 128 *Bíblia Sagrada - Paulinas*, p. 1341.
- 129 HARPUR, *O Cristo dos Pagãos*, p. 167.
- 130 HARPUR, *Transformando Água em Vinho*, p. 75.
- 131 HARPUR, *Transformando Água em Vinho*, p. 76.
- 132 MARTINS, *O Apocalipse é História*, p. 69.
- 133 GALVES, *Até Sempre, Chico Xavier!*, p. 166.
- 134 GALVES, *Até Sempre, Chico Xavier!*, p. 173.
- 135 *Bíblia de Jerusalém*, p. 2298-2999.
- 136 *Bíblia de Jerusalém*, p. 2313.
- 137 *Bíblia de Jerusalém*, p. 2316.
- 138 *Bíblia do Peregrino*, p. 2942.
- 139 *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 1568.
- 140 *Bíblia Sagrada - Barsa, NT*, p. 234.
- 141 EHRMAN, *O problema com Deus*, p. 222.
- 142 DONINI, *História do Cristianismo: das Origens a Justiniano*, p. 172-173.

- 143 SCHONFIELD, *A Bíblia Estava Certa: Novas Luzes Sobre o Novo Testamento*, p. 318.
- 144 N.T.: Apocalipse, XVII, 9 e 10.
- 145 N.T.: Apocalipse, XIII,18.
- 146 SCHUTEL, *Interpretação Sintética do Apocalipse*, p. 60-63.
- 147 Obra psicografada de 17/08 a 21/09 de 1938, portanto, antes da descoberta dos **manuscritos do Mar Morto** (fim década de 1940 e durante a década de 1950), dos **textos gnósticos do cristianismo primitivo em Nag Hammadi** (1945) e da fundação do **Jesus Seminar** (1985), três eventos importantes que mudaram substancialmente o conhecimento teológico a respeito dos textos bíblicos.
- 148 XAVIER, *A Caminho da Luz*, p. 327.
- 149 XAVIER, *A Caminho da Luz*, p. 128-129.
- 150 GLOBO, *Lista de todos os Papas da história*, datada de 11.02.2013, disponível em:
<http://g1.globo.com/mundo/renuncia-sucessao-papa-bento-xvi/noticia/2013/02/veja-lista-de-todos-os-papas-da-historia.html>
- 151 KARDEC, *A Gênese*, p. 320-321.
- 152 KARDEC, *A Gênese*, p. 448-450.
- 153 KARDEC, *A Gênese*, p. 452-455.
- 154 KARDEC, *A Gênese*, p. 357.
- 155 N.T.: Catherine Nezszer, *Literacy in Roman Palestine* (Tubingen: Mohr Siebeck,2001).
- 156 EHRMAN, *Quem Escreveu a Bíblia?: Porque os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São*, p. 78-79.
- 157 EHRMAN, *Quem Escreveu a Bíblia?: Porque os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São*, p. 80-81.
- 158 EHRMAN, *O Que Jesus disse? O Que Jesus Não Disse?: Quem Mudou a Bíblia e Por Quê?*, p. 35.

159 EHRMAN, *Evangelhos Perdidos*, p. 128-129.

160 Em: I Pedro 4,7: “está próximo o fim” e Apocalipse 1,3;
22,10: “próximo está o tempo.”

161 BORG e CROSSAN, *A Última Semana*, p. 201.

162 KARDEC. *Revista Espírita 1861*, p. 242.